PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

BÁRBARA DA SILVA SANTOS

PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU: UM INTELECTUAL-MONUMENTO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL (1959-1987)

CURITIBA
2022

BÁRBARA DA SILVA SANTOS

PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU: UM INTELECTUAL-MONUMENTO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL (1959-1987)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, linha de pesquisa História e Políticas da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando

CURITIBA

2022

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

S237p
2022

Santos, Barbara da Silva
Paul-Eugène Charbonneau : um intelectual-monumento na história da educação católica no Brasil (1959-1987) / Barbara da Silva Santos ; orientadora: Evelyn de Almeida Orlando. -- 2022.
182 f. ; il. : 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2022
Bibliografia: f. 162-169

1. Igreja Católica – Educação – Brasil – História. 2. Charbonneau, Paul Eugène. I. Orlando, Evelyn de Almeida. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD. 20. ed. – 377.8281

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE N.º 195
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE

Bárbara da Silva Santos

Aos vinte e nove dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois, às 9h , reuniu-se por videoconferência, a Banca Examinadora constituída pelos(as) professores(as): Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando, Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato, Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti, Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior e Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa para examinar a Tese da doutoranda **Bárbara da Silva Santos**, ano de ingresso 2018, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa "História e Políticas da Educação". A doutoranda apresentou a tese intitulada "PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU: UM INTELECTUAL-MONUMENTO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL" que, após a defesa foi aprovada pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 12:10h. Os(as) avaliadores(as) participaram da defesa por videoconferência e estão de acordo com os termos acima descritos. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela presidente da banca e pela coordenação do Programa.

Observações: A banca destaca a originalidade do trabalho e a contribuição para a História da Educação e dos Intelectuais católicos. Destaca também o cotejamento das fontes e recomenda a publicação do trabalho em forma de artigos, capítulos e livro.

Presidente: Prof.ª Dr.ª Evelyn de Almeida Orlando	
Convidado Externo: Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato	Participação por videoconferência
Convidado Externo: Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti	Participação por videoconferência
Convidado Externo: Prof. Dr. Oriomar Skalinski Junior	Participação por videoconferência
Convidado Interno: Prof.ª Dr.ª Rosa Lydia Teixeira Corrêa	Participação por videoconferência

Prof.ª Dr.ª Patrícia Lupion Torres
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação PUC PR

AGRADECIMENTOS

Mais um ciclo se encerra e chegou a hora de agradecer a todos que, mesmo que distantes, estiveram ao meu lado, apoiando cada decisão tomada. Pessoas que fazem parte da minha vida ou que passaram a fazer ao longo dessa jornada.

Há quem pense que esse texto é o mais fácil para ser escrito. Ledo engano. Esse é o momento que passa um filme na cabeça, no qual lembranças de todo o seu percurso são resgatadas. As alegrias vividas, as amizades construídas, os desafios e os sucessos da pesquisa se unem no sentimento de dever cumprido, de contentamento por mais uma batalha vencida. Resta, agora, agradecer.

Primeiramente, agradeço à Deus, Àquele que está conosco em todos os momentos. Ele que me abençoou me apresentando pessoas singulares em minha vida.

Uma dessas pessoas é o meu esposo Anderson, que me acompanhou ao longo desses quatro anos. Longe de ser um mero espectador da minha caminhada, ele foi a pessoa que mais me deu forças quando eu pensei que já não tinha. Meu apoiador de todas as horas, companheiro de pesquisa e da vida, o agradeço imensamente pela paciência, por ser uma força nos momentos de dificuldades, por dividir comigo o peso das minhas angústias, dificuldades e alegrias, pelo incentivo e por todo o amor e cuidado.

Agradeço à minha família pela constante motivação, por cuidar de mim mesmo que à distância e nunca largar a minha mão, principalmente à minha mãe, Josefa, e às minhas irmãs Bianca e Jacqueline, as mulheres da minha vida. Vocês são a base da minha história e de quem sou hoje.

À minha orientadora Evelyn Orlando pela confiança em deixar, sob a minha responsabilidade, a pesquisa acerca de um objeto tão caro para a História da Educação. Suas aulas e palestras, além das conversas no grupo de estudo, contribuíram imensamente para melhores condições no meu desenvolvimento enquanto pesquisadora. Incentivadora desde antes de iniciar o doutorado, foi a pessoa que me encorajou a dar um dos maiores passos da minha vida. Obrigada por acreditar em mim e me orientar com maestria.

À minha amiga Karina, à Nilcéia, sua mãe, e à Everton, seu esposo, pelo acolhimento e estadia em Curitiba quando tudo ainda era incerto. Mais do que amigos, vocês são, também, a minha família.

À professora Rosa Lydia por também acolher a mim e à Anderson. O seu carinho acalentou nosso coração e a saudade da família. Agradeço, também, pelas contribuições que foram fundamentais para a finalização desta pesquisa.

À minha amiga de Doutorado e da vida Paula Almeida, pelas conversas divertidas e pelos desabafos e apoio que trouxeram leveza na frequência do curso.

Às minhas amigas que conheci fora do ambiente acadêmico Paula, Déborah, Nani, Jani e Adri pelos encontros gastronômicos e etílicos sempre divertidos.

Ao grupo de pesquisa coordenado pela professora Evelyn pelas trocas, amizade e aprendizado.

Ao meu amigo Douglas, que me acompanha desde a graduação, por sempre me envolver em projetos que engrandecem meu repertório e me incentivar a participar do Zensacionalista e conhecer realidades semelhantes à minha.

À banca examinadora por aceitar o convite e pelas contribuições que enriqueceram o trabalho, formada pela professora Rosa Lydia e pelos professores Cristiano Ferronato, Ednardo Monti e Oriomar Skalinski.

Agradeço ao Colégio Santa Cruz, pelo acesso ao ambiente e arquivo da escola, especialmente à bibliotecária Joelsa Viana Serafim pela recepção e disponibilidade mesmo depois da minha visita ao colégio.

À Albertina Piza, gerente da Escola de Pais do Brasil (EPB), seccional de São Paulo, por abrir as portas da sede e me deixar à vontade para explorar o acervo.

À Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa (ADCE) pela disponibilidade do acervo da biblioteca.

Não poderia deixar de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da PUCPR pela oportunidade e por fornecer meios para a boa qualidade e desenvolvimento da pesquisa.

Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou esta pesquisa com concessão de bolsa e sem a qual não seria possível a realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a monumentalização do padre intelectual Paul-Eugène Charbonneau por meio dos seus escritos e da disposição dos artefatos e construções em memória da sua prática entre os anos 1959 e 1987. A escolha do marco temporal refere-se ao ano em que Charbonneau chegou ao Brasil (1959), para lecionar no Colégio Santa Cruz, e o ano de do seu falecimento (1987). Inserida no campo da História da Educação, a pesquisa seguiu os direcionamentos da História Cultural, bem como da História dos Intelectuais com vistas a pensar a realidade de um passado por meio da representação do intelectual em diferentes frentes de atuação que é recordado pelos seus pares. Os aportes teórico-metodológicos se sustentaram em autores como Sirinelli (2003, 1998, 1986), Chartier (2002, 1998, 1990), Delgado (2003), Bourdieu (2007, 2004, 2003, 2000), Le Goff (1996, 1990), Nora (1993). Para tanto, foram utilizados como fontes para o estudo os livros de autoria de Charbonneau, construções que receberam o seu nome, como a biblioteca do Colégio Santa Cruz, a Biblioteca Padre Charbonneau, assim como o vitral com o desenho do padre e imagens que registram Charbonneau em espaços particulares, assim como em momentos de socialização com diferentes públicos. Evidenciar Charbonneau enquanto intelectual-monumento implica considerar que as suas ações do passado ultrapassaram o tempo em que ocorreram e ficaram na memória dos sujeitos pertencentes aquele passado. Com a comunicação entre o passado e o presente mediante a memória, é perpetuada a presentificação do intelectual-monumento como um legado da sua prática enquanto intelectual e educador católico.

Palavras-chave: Educação. Educação católica. Intelectual. Monumento. Paul-Eugène Charbonneau.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the monumentalization of the intellectual priest Paul-Eugène Charbonneau through his writings and the arrangement of artifacts and constructions in memory of his practice between 1959 and 1987. The choice of time frame refers to the year in which Charbonneau arrived in Brazil (1959), to teach at Colégio Santa Cruz, and the year of his death (1987). Inserted in the field of History of Education, the research followed the directions of Cultural History, as well as the History of Intellectuals, with a view to thinking about the reality of a past through the representation of the intellectual in different fronts of action that is remembered by his peers. The theoretical-methodological contributions were based on authors such as Sirinelli (2003, 1998, 1986), Chartier (2002, 1998, 1990), Delgado (2003), Bourdieu (2007, 2004, 2003, 2000), Le Goff (1996, 1990), Nora (1993). To this end, Charbonneau's books were used as sources for the study, buildings that received his name, such as the library of Colégio Santa Cruz, the Padre Charbonneau Library, as well as the stained glass window with the priest's drawing and images that record Charbonneau in private spaces, as well as in moments of socialization with different audiences. Evidencing Charbonneau as an intellectual-monument implies considering that his actions from the past surpassed the time in which they occurred and remained in the memory of the subjects belonging to that past. With the communication between the past and the present through memory, the presentification of the monument-intellectual is perpetuated as a legacy of his practice as an intellectual and Catholic educator.

Keywords: Education. Catholic education. Intellectual. Monument. Paul-Eugène Charbonneau

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Sumário do Curso Básico de Doutrina Social da Igreja.....54

QUADRO 2 – Biblioteca pedagógica do padre Charbonneau.....85

QUADRO 3 – Livros de Charbonneau classificados por temáticas.....87

QUADRO 4 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 50.....102

QUADRO 5 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 60.....102

QUADRO 6 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 70.....102

QUADRO 7 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 80.....103

QUADRO 8 – Artigos da categoria Educação do livro *O Brasil, hora de desafio*....105

QUADRO 9 – Artigos da categoria Educação do livro *O Brasil, hora de perplexidade*.....106

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Vitral exposto no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz com imagem de Charbonneau.....24

FIGURA 2 – Pe. Charbonneau, o educador.....28

FIGURA 3 – Charbonneau em sua biblioteca particular.....31

FIGURA 4 – Charbonneau em sala de aula.....32

FIGURA 5 – Espaço interno do Colégio Santa Cruz.....33

FIGURA 6 – Artigos de Alceu Amoroso Lima e Charbonneau na Folha de S. Paulo (1966).....43

FIGURA 7 – Curso Básico de Doutrina Social da Igreja.....53

FIGURA 8 – Letreiro da *Biblioteca Padre Charbonneau*.....64

FIGURA 9 – Auditório da ADCE Pe. P. E. Charbonneau.....65

FIGURA 10 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1968).....66

FIGURA 11 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1968).....67

FIGURA 12 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1968).....68

FIGURA 13 – Placa sinalizando a Praça Padre Charbonneau.....69

FIGURA 14 – Vista frontal da E.E Prof. Dr. Paul Eugene Charbonneau.....69

FIGURA 15 – Antigo prédio da biblioteca do Colégio Santa Cruz.....79

FIGURA 16 – Biblioteca Padre Charbonneau (2020), do Colégio Santa Cruz.....80

FIGURA 17 – Artigo na revista Catolicismo criticando o livro Limitação de Nascimentos.....97

FIGURA 18 – Artigo sobre participação de Charbonneau em ação contra a censura.....99

FIGURA 19 – Modelo de ficha de leitura de Charbonneau.....101

FIGURA 20 – Notícia da morte de Charbonneau.....125

FIGURA 21 – Capa do livro *Charbonneau por seus amigos.*.....129

FIGURA 22 – Charbonneau com o time canadense de hóquei.....130

FIGURA 23 – Charbonneau em discurso na ADCE.....133

FIGURA 24 – Charbonneau em palestra na ADCE.....135

FIGURA 25 – Charbonneau em debate com seus alunos em sala de aula.....149

FIGURA 26 – Charbonneau em pescaria com amigos.....150

FIGURA 27 – Charbonneau no lançamento do seu livro O homem à procura de Deus (1981).....151

FIGURA 28 – Charbonneau jogando tênis.....152

FIGURA 29 – Charbonneau em sala de aula.....153

FIGURA 30 – Charbonneau fumando cachimbo.....154

FIGURA 31 – Charbonneau, seu irmão René e um amigo em restaurante.....155

LISTA DE ORGANOGRAMAS

ORGANOGRAMA 1 – Ciclo educacional de Charbonneau.....120

ORGANOGRAMA 2 – Perfil de Charbonneau.....148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1 A EDUCAÇÃO PELO OLHAR E PELA MEMÓRIA: O LUGAR DE PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU, O EDUCADOR, NO COLÉGIO SANTA CRUZ 24

1.1 Paul-Eugène Charbonneau, intelectual católico em diferentes frentes 34

1.2 A constituição do intelectual-monumento 59

2 PATRIMÔNIO E LEGADO EM PRATELEIRAS: A BIBLIOTECA PEDAGÓGICA DE CHARBONNEAU 75

2.1 Biblioteca Padre Charbonneau: integração entre passado e presente 77

2.2 Memória do autor 84

2.3 Acervo do leitor 100

2.4 A educação por Charbonneau 105

3 LEITURAS DE UMA VIDA: REENCONTRANDO CHARBONNEAU, UMA PERSONAGEM EM PROJEÇÃO 125

3.1 Charbonneau por seus amigos 128

3.1.1 “Charbonneau, o amigo” 130

3.1.2 “Charbonneau, o educador e o escritor” 137

3.2 Perfil de Charbonneau 146

CONSIDERAÇÕES FINAIS 158

REFERÊNCIAS 163

FONTES 168

ANEXOS 171

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa tem uma história e a nossa não poderia ser diferente. Podemos dizer que a história que antecede essa pesquisa tem a ver com a maneira de como um potencial objeto de estudo foi encontrado. A narrativa sobre aquela ocasião tem como pano de fundo o período em que a autora estava se preparando para o processo seletivo do doutorado. Após a aprovação no processo ter se concretizado, uma escolha de trabalho precisou ser feita. Visto que durante o período do mestrado foi trabalhado um intelectual, a ideia era permanecer nessa linha de investigação, porém, agora conciliando ao projeto da orientadora que focava na pesquisa acerca de intelectuais católicos. Nesse contexto, Paul-Eugène Charbonneau surgiu como proposta de estudo. Além disso, as peculiaridades que circundam esse intelectual, naquele primeiro momento, pareceram instigantes, algumas, sob certo olhar, até estranhas, mas de extrema relevância para se tornar objeto de estudo, sobretudo para a área da história da educação, campo ao qual essa pesquisa faz parte.

"Charbonneau", assim referido nesta tese, foi um padre canadense que chegou ao Brasil quando o mundo passava por momentos políticos extremistas e de variadas mudanças sociais, os anos de 1960. Trouxe em sua bagagem experiências e referências do seu país natal. Filósofo, teólogo e professor, foi no Brasil que aprofundou os seus aprendizados e os transmitiu para casais, pais, filhos e jovens. A partir dos seus ensinamentos e estudos, construiu um conjunto de manuscritos que reúne livros, artigos e debates em jornais, além de conferências transcritas relacionados aos campos da educação, psicologia, religião, política e filosofia.

Com a vulgarização das suas ideias, Charbonneau conseguiu apresentar posicionamentos em relação aos problemas do seu tempo, o que o fez ganhar notoriedade e reconhecimento da sociedade brasileira, além de críticos que viam o posicionamento do padre, por vezes, inadequado para a posição por ele ocupada. Em contrapartida, recebeu o apoio de nomes importantes do período, como o então arcebispo de São Paulo, Dom Frei Paulo Evaristo Arns[1], e de um dos intelectuais

[1] Quinto arcebispo de São Paulo, Dom Frei Paulo Evaristo Arns (1921-2016) foi defensor das causas dos direitos humanos e da democracia, notabilizando-se por algumas iniciativas como: a criação da Comissão Brasileira de Justiça e Paz de São Paulo; a coordenação do projeto *Brasil: Nunca mais* juntamente com pastor presbiteriano Jaime Wright; a implantação da Pastoral da Criança com a sua irmã Zilda Arns, entre outros feitos que foram demonstrações de defesa da democracia e de resistência contra a ditadura militar da década de 1960.

católicos mais polêmicos da época, Alceu Amoroso Lima[2] o qual escreveu o prefácio de um de seus livros, *O Brasil, hora de desafio: dramas éticos de nosso tempo (1982)*.

Diante da personalidade que estava a nossa frente, percebemos a necessidade de explorarmos diferentes possibilidades para a nossa pesquisa. No primeiro momento, a vontade era de investigarmos cada detalhe que emergia e, quanto mais explorávamos, mais direcionamentos se mostravam realizáveis. Com isso, nos foi ficando cada vez mais clara a necessidade de estudo e reconhecimento daquele intelectual pouco abordado na história da educação. Entretanto, enquanto pesquisadoras, não podemos analisar e pesquisar todas as opções passíveis de mobilização de objeto. Pois, se caíssemos no encanto de investigar todas as situações que surgiram, poderíamos estar expostas ao perigo de não darmos conta, considerando o tempo de curso disponibilizado. Assim, coube-nos utilizar o nosso poder de escolha e, perante todos os cenários, o melhor caminho foi o da seleção.

No percurso exploratório da vida e atuação do padre, o cenário no qual nos deparamos possibilitava: o estudo da sua trajetória de vida, a análise das atuações do intelectual, a circulação de Charbonneau no Brasil e em outros países, como também em distintas áreas do conhecimento, além de analisar sua produção bibliográfica e investiga-lo a partir de uma história conectada com a de outros personagens que atuaram em um mesmo projeto educacional – a Escola de Pais – porém, em outro país, a exemplo de André Berger[3], na França. Diante de tantas possibilidades, antes

---

[2] Alceu Amoroso Lima (1893-1983), que ficou conhecido como Tristão de Athayde ao adotar esse pseudônimo 1919, quando iniciou a carreira de crítico literário. Dirigiu o Centro D. Vital a partir de 1928 e, com isso, "[...] se tornou o intelectual católico de maior representatividade social no país" e "[...] teve participação nos rumos da prática pedagógica no país, particularmente, ao longo da década de 1930 e início da década de 1940, quando ocupou posição destacada nas disputas travadas – entre intelectuais católicos e intelectuais liberais – pela hegemonia no âmbito educacional. Nesse sentido, empenhou-se na defesa da tradição pedagógica católica e, progressivamente, em sua reforma por meio da assimilação de algumas técnicas e procedimentos da pedagogia da Escola Nova, visto que o movimento dos intelectuais liberais reformadores da educação, comumente conhecidos como pioneiros da educação nova, ganhava espaço e ampliava seu alcance social." (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 11-12)

[3] André Berger nasceu em 24 de maio de 1902 no 16th Arrondissement de Paris. Tornou-se vice-presidente da Escola de Pais a convite da fundadora deste movimento na França, Marguerite Verine-Lebrun. Foi diretor médico do Centro Psico-Pedagógico Claude Bernard da Academia de Paris de 1946 a 1973 e professor do Instituto de Psicologia da Sorbonne de 1961 a 1971. Fundou a l'Association pour la réadaptation des infirmes mentaux – APRIM (1965) e, em parceria com seu irmão François Berger, a revista Les Cahiers du mois (1924). Berger publicou livros que trazem temáticas relacionadas à psicologia e sexualidade na infância e seus efeitos na família, bem como orientações aos pais e educadores para a educação da criança. Dos livros traduzidos para o português, sua contribuição para a coleção "Família", da editora Agir, é a mais expressiva no Brasil. Alguns títulos desta coleção são: *Como educar pais e filhos?, Os defeitos da criança, As doenças da virtude, A educação sexual e afetiva*, entre outros.

de ser definido qual enfoque daríamos ao nosso estudo, passamos por algumas ideias de pesquisa, porém, víamos que não era “aquele” o caminho que seguiríamos para problematizarmos e desvelarmos o nosso objeto, ou seja, Charbonneau.

Considerando o repertório inerente ao intelectual por nós aqui estudado, sentimos a necessidade de reunir mais dados acerca da vida de Charbonneau, por isso, decidimos realizar uma pesquisa *in loco* nas instituições que foram espaços de atuação de Charbonneau, em São Paulo, a saber: Colégio Santa Cruz, Escola de Pais do Brasil e Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa. Foi a partir dessa pesquisa exploratória que a nossa investigação saiu de seu status de possibilidades e ganhou traços mais objetivos. O fator preponderante para a definição de como mobilizaríamos o nosso objeto na pesquisa se deu em função de o cenário ter apontado para uma forte preservação da memória de Charbonneau, situação posta em discussão quando em orientação posterior à visita aos locais mencionados.

Em presença do acervo de fontes encontrado, nos deparamos em uma situação semelhante à de Mignot (2002), ao relatar seu encontro com o “baú de memórias” deixado por Armanda Álvaro Alberto. No entanto, não encontramos um baú com recordações deixado por Charbonneau, mas nos deparamos com caixas repletas de livros, fotos de alguns eventos, assim como representações de sua imagem, todos estes itens guardados, vistos por nós como uma forma de preservação da memória de quem foi o padre e a sua relevância para as instituições em que atuou. Ante ao que estava a nossa disposição, conseguimos visualizar, em sua trajetória ainda em vida, a constituição de um monumento que, mesmo após a sua morte, é perdurado na lembrança daqueles que com ele conviveram.

Como já trabalhávamos com a categoria de intelectual, pensamos, então, em uma outra categoria: a de intelectual-monumento. Essa etimologia passa pelo entendimento de que a construção do monumento consiste na preservação da memória do indivíduo que se tornou referência para aqueles que estão em vida e de como a prática do intelectual afetou uma pessoa ou grupo. No caso de Charbonneau, as suas reflexões tocaram uma quantidade significativa de pessoas, bem como diferentes grupos que faziam parte de sua rede de convivência.

A operacionalização do conceito de intelectual a partir da perspectiva apresentada por Sirinelli (2003; 1998; 1986), nos guiou para pensarmos quais características são relevantes para analisarmos a constituição dos intelectuais. Sirinelli (2003) considera os intelectuais como atores do político, premissa que

defendemos e percebemos ao pesquisarmos o intelectual estudado nesta tese, pois as ações de Charbonneau podem ser entendidas como uma ação política na medida em que elas estavam comprometidas com a difusão dos ideais de determinado grupo, fortemente envolvido nas disputas em torno do campo educacional. A educação foi o caminho privilegiado de atuação do intelectual, mas esta se desdobrou em muitas frentes, as quais tinham como foco a orientação da sociedade de acordo com as bases do catolicismo.

Definido o termo, partimos para a pesquisa da existência do mesmo. Em levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da Capes com o termo descritor “intelectual-monumento”, não obtivemos resultado. Aprofundando a pesquisa utilizando o termo “homem-monumento”, na qual também não obtivemos resultado, chegamos à categoria “mulher-monumento”. Desta última categoria, um trabalho nos ajudou a pensar o nosso objeto, o de Andréa Ferreira Delgado, com a sua tese de doutorado *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Defendida em 2003 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, a pesquisa, empregando a categoria gênero, investiga a invenção de Cora Coralina enquanto mulher-monumento baseando-se na autobiografia escrita por Cora Coralina, a exposição do Museu Casa de Cora Coralina, bem como a biografia escrita pela filha da poetisa e a memória constituída pela cidade de Goiás. Para utilizar o termo mulher-monumento, Delgado demonstrou que o processo de monumentalização de Cora Coralina se deu na confluência da produção social do gênero feminino. Com este trabalho, conseguimos traçar um caminho a seguir, selecionando as fontes que seriam fundamentais à nossa pesquisa. Assim como Cora Coralina, Charbonneau foi constituído monumento a partir de uma rede de memória na intersecção de diferentes campos discursivos.

O padre Charbonneau, ao estar presente na cena pública refletindo sobre os problemas sociais do seu tempo, participou efetivamente da configuração da educação brasileira. Diante de tais prerrogativas, e como forma de contribuir com maiores conhecimentos acerca da história dos intelectuais e história da educação no Brasil e, também, considerando o cenário de vestígios que traduzem a atuação e legado de Charbonneau, indagamos: a partir de nossa análise, quais indícios se demonstraram primordiais e nos permitiram perceber a monumentalização do intelectual Charbonneau?

Em face desse questionamento, defendemos a tese de que Charbonneau se constituiu um intelectual-monumento para as instituições em que atuou, na medida em que foi “evocado” em construções que recebem o seu nome e em espaços onde são guardados imagens, objetos pessoais e sua produção bibliográfica. Assim, buscamos analisar a monumentalização do padre intelectual Charbonneau por meio dos seus escritos e da disposição dos artefatos e construções em memória da sua prática entre os anos 1959 e 1987. A escolha do marco temporal refere-se ao ano em que Charbonneau chegou ao Brasil, 1959, inicialmente para lecionar no Colégio Santa Cruz e, conforme foi se destacando nos meios em que transitou, recebeu convites para atuar em outros espaços. O ano de 1987 diz respeito à data de seu falecimento, aos 61 anos de idade, devido à falência múltiplas dos órgãos seguida de parada cardíaca.

Para conhecer, caracterizar e elaborar sínteses acerca do objeto de estudo, adotamos como procedimento metodológico para este trabalho a pesquisa bibliográfica e documental. Por meio deste, buscamos estabelecer uma ação investigativa onde, a partir de pesquisas já realizadas com as categorias aqui trabalhadas (intelectuais, trajetória, memória e monumento), pudemos ir da descrição de fatos históricos para a explicação dos mesmos. Conforme Severino (2007), quando os textos se transformam em fontes para temáticas a serem pesquisadas, as contribuições dos autores tornam-se fundamentais, pois a partir destas, sistemas de conhecimento serão gerados.

De igual modo, o trabalho com documentos contribui nesse mesmo sentido, em função de o número de informação que podemos resgatar desses objetos justifica, por si só, seu uso na área das humanidades. Além disso, é uma fonte importante quando o processo de análise do objeto de estudo requer uma contextualização sociocultural e histórica. Isto porque,

> [...] os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações. (BLOCH, 2002, p. 83).

Deste modo, conforme o autor supracitado, é a busca por tecer significação social para determinados acontecimentos que determina a maneira que vamos interrogando os dados. Dados estes que, segundo Le Goff (1992), podem constituir-se como testemunhas escritas de um passado remoto.

Neste seguimento, foram explorados os documentos que trazem em seu conteúdo informações acerca da trajetória de Charbonneau com o intuito de compreender os caminhos percorridos por este intelectual, elucidando as suas colocações e deslocamentos nos espaços em que esteve presente. As fontes estudadas, entre elas documentos impressos, iconografias e construções, foram preponderantes para tecermos respostas às questões que surgiram no decorrer da pesquisa.

No conjunto dos impressos, utilizamos os livros de autoria de Charbonneau para fazer o mosaico de sua produção bibliográfica que está estruturado no capítulo 2. Diante de tal acervo, selecionamos duas obras provenientes dos artigos de autoria de Charbonneau publicados na Folha de São Paulo entre 1982 e 1984, quais sejam: *O Brasil, hora do desafio – dramas éticos do nosso tempo* (1982) e *O Brasil, hora de perplexidade – homem, igreja e política* (1984). Importa dizer que, embora existam nos livros variados temas, o que mobilizamos em maior proporção foi o da educação. Para além da produção bibliográfica de Charbonneau, consultamos duas obras produzidas em homenagem ao intelectual. A primeira, intitulada *Charbonneau por seus amigos* (1990), organizado por Lionel Corbeil e Ernesto Lima Gonçalves após 3 anos de sua morte, e a segunda, *Charbonneau: ensaio e retrato* (1997), de Alberto Martins, publicada em comemoração aos 10 anos de sua morte. Para além dos livros, nos debruçamos em artigos publicados na Folha de São Paulo entre os anos 1966 e 1987, nos quais constatamos a existência de textos que não estavam presentes nos livros.

Das fontes iconográficas, encontramos imagens na biblioteca do Colégio Santa Cruz e da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa (ADCE) que registram Charbonneau em espaços particulares, assim como em momentos de socialização com diferentes públicos. A partir do acesso a esses suportes, foi possível perceber o intelectual em suas diferentes nuanças, as quais podem ser descritas como do erudito ao humano. Além disso, nos deparamos com um vitral no qual tem a imagem de Charbonneau – simbolizado como o educador – exposto em local estratégico da instituição mencionada, o *hall* de entrada da secretaria. A cena desenhada no vitral

indicia o reconhecimento de sua prática enquanto educador e intelectual, além de ser celebrado pela escola. Tal obra artística, ao ser vista, contribuiu, em grande medida, para o direcionamento do caminho de escrita do nosso trabalho.

Construções que receberam o nome de Charbonneau também fizeram parte do corpus documental deste estudo, sendo elas: a Biblioteca Padre Charbonneau, no Colégio Santa Cruz; Praça Padre Charbonneau, endereçada no bairro Alto dos Pinheiros, nas proximidades do colégio; dois auditórios, um pertencente à Escola de Pais do Brasil e, o outro, à ADCE, ambas instituições situadas na cidade de São Paulo; e a Escola Estadual Prof. Dr. Paul-Eugène Charbonneau, localizada em Campinas-SP. É importante atentarmos para o fato de que os espaços que levam o nome do padre dizem respeito à sua prática, seja a de educador, autor, leitor e orador.

Inserir a pesquisa no conjunto das produções histórico-educacionais buscando estabelecer algum tipo de diálogo teórico-metodológico se constitui parte importante do processo de construção da investigação. Considerando essa apreensão, objetivamos, por hora, elaborar uma espécie de mapeamento de modo que, ao final, possamos entender o lugar onde estão os intelectuais católicos, quem os pesquisa e, mais ainda, saber acerca dos expoentes do pensamento católico.

Isto posto, precisamos destacar o campo da história da educação, campo do qual a presente pesquisa faz parte, e sua amplitude de enfoques. Nesse cenário, as investigações que possuem intelectuais católicos como objeto de estudo estão distribuídas em grupos onde, em muitos casos, já estabelecem, internamente, diálogos, seja no sentido histórico ou epistemológico. Assim, tendo como base de pesquisa o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, estabelecemos uma busca por grupos que tivessem como objeto intelectuais e, após isso, para que obtivéssemos um resultado mais refinado, colocamos em nossa averiguação, a partir dos resultados obtidos, o perfil de católicos.

Dentre os resultados que obtivemos com essa busca, nos parece oportuno destacar alguns grupos, dentre os quais: o Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação – GPHIE, liderado pelo Professor Carlos Eduardo Vieira. As produções vinculadas ao grupo, em sua maioria, possuem como objeto uma figura que, de algum modo, ganhou notoriedade e, assim, foi possível analisá-la levando em consideração a temática da história intelectual. Importa acrescentar, que uma das produções elaboradas no interior desse grupo traz em sua composição o vínculo entre

intelectuais e catolicismo, formando, deste modo, a ideia de intelectuais católicos, perfil que buscamos, com esse trabalho, atribuir a Charbonneau.

No Grupo de Pesquisa História e Historiografia das Ideias e dos Intelectuais da Educação, cujo líder é Bruno Bontempi Júnior, entre muitos trabalhos elaborados, alguns tiveram como objeto trajetórias de pessoas que se envolveram, de algum modo, com a educação e, dessa forma, foi tratado na área da história dos intelectuais. Verificamos, entre muitos, uma pesquisa que abordou a trajetória de um personagem com íntima relação com a igreja e larga atuação na educação, tendo elaborado, inclusive, tratados pedagógicos utilizados para a instrução.

Outro pesquisador vinculado a história da educação que tem mobilizado pesquisas com a temática dos intelectuais é Décio Gatti Júnior. Seja a partir da realização de projetos de pesquisa, participação em eventos, publicação de artigos e capítulos de livro, a temática foi abordada pelo pesquisador em conjunto com os saberes inerentes a História da Educação. Um movimento com o qual se buscou pensar a atuação e trajetória de personagens que, com as suas práticas, deixaram vestígios históricos que nos ajudam a desvelar a epistemologia do campo.

Luciano Mendes Faria Filho, outro pesquisador com um trânsito significativo no campo da História da Educação no Brasil, mobiliza a questão dos intelectuais em seus projetos de pesquisa e produções, seja na modalidade de artigos, livros ou capítulos de livro. Em suas investigações, este autor busca contemplar o que ele próprio chama de perspectiva da longa duração e, a partir disso, instigar questões que possam desvelar as articulações, bem como os desdobramentos, das relações estabelecidas entre intelectuais e educação. Outra temática inerente ao campo dos intelectuais e que está presente nas investigações é a mediação cultural. Por meio dessa, se buscou entender o lugar da intelectualidade brasileira na configuração da cena pública, visto que o que fora mobilizado pelos intelectuais como, por exemplo, conceitos, argumentos e projetos, representavam os dilemas vividos pela sociedade que, entre outras urgências, buscavam se aproximar de certo estado do paradigma da modernidade. Além disso, a educação entra nesse jogo como instância mediadora, por ser ela força motriz de construção de uma cultura nacional e, também, promotora de manifestações culturais.

Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mobiliza a temática intelectuais associada a condição católica, neste caso, intelectuais católicos, uma particularidade muito cara

para o presente trabalho. Dentro dessa dinâmica, as pesquisas desenvolvidas pela autora buscam problematizar a relação família-escola no contexto brasileiro, considerando os posicionamentos dos intelectuais com íntima relação com a Igreja Católica. Além de buscar entender essas atuações, as ações conduzidas pela igreja também são objetos de análise, pois elas são entendidas enquanto civilizadoras à medida que contam, de maneira significativa, com participação dos seus representantes.

Névio de Campos, líder do Grupo de Pesquisa História, Intelectuais e Educação no Brasil e no contexto internacional, tem concentrado suas investigações no campo dos intelectuais abordando suas produções e trajetórias. Ademais, no que diz respeito a intelectualidade e catolicismo, os trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador mencionado possuem como localidade o Paraná. O objetivo dessas pesquisas foi o de compreender as intervenções protagonizadas por intelectuais em meio aos debates de ideias inerentes a educação, bem como a organização dos projetos formativos fomentados pela Igreja Católica.

Oriomar Skalinski Junior, outro membro do Grupo de Pesquisa História, Intelectuais e Educação no Brasil e no contexto internacional, também desenvolve pesquisas onde aborda a questão dos intelectuais. As atuações e o catolicismo defendido pela intelectualidade são temas que integram suas investigações. A partir delas, o autor busca desvelar algumas contribuições dos intelectuais católicos no que diz respeito a renovação das práticas educacionais da igreja no Brasil. Importa destacar que, em algumas das pesquisas que o autor participou, direta ou indiretamente, estão presentes aqueles intelectuais que são considerados expoentes do pensamento e intelectualidade católica no Brasil, quais sejam: Jackson de Figueiredo, Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima, Dom Hélder Câmara.

Evelyn de Almeida Orlando desenvolve pesquisas no campo da História da Educação voltadas para temática de intelectuais, religião, cultura e educação, que tem como escopo a presença das mulheres enquanto intelectuais em cenários majoritariamente masculinos. As investigações não se fecham no que se entende como História das Mulheres, ao contrário disso, elas se voltam para uma história onde é possível desvelar, além da presença, a atuação de mulheres em projetos educacionais. Ademais, abrangem um leque de temas, sendo alguns deles os saberes, as instituições, as crenças e as práticas educativas, em suma, a movimentação de intelectuais e suas formas de intervir no meio em que vivem.

Para fazer da leitura uma narrativa, a tese estruturou-se em três capítulos. No primeiro, *A educação pelo olhar e pela memória: o lugar de Paul-Eugène Charbonneau, o educador, no Colégio Santa Cruz*, mobilizamos o conceito de intelectual-monumento a partir da trajetória de Charbonneau. Neste capítulo também são apresentados os lugares que receberam o nome do padre como meio para homenageá-lo e deixar na memória a sua relevância para o grupo que pertencia, além de trazer a sua prática enquanto legado educacional e, consequentemente, patrimônio educativo.

No segundo capítulo, intitulado *Patrimônio e legado nas prateleiras: a biblioteca pedagógica de Charbonneau*, trazemos a biblioteca do Colégio Santa Cruz enquanto um lugar de memória e patrimônio educativo. O espaço, que recebe o nome de Charbonneau, agrega, além dos livros disponíveis para os alunos da instituição, um acervo pessoal do padre que envolve tanto os livros de sua autoria, quanto as suas leituras. Na posição de leitor, o acervo composto pelo padre possui um quantitativo de cerca de 4 mil obras, todas fichadas, das quais esboçamos as que ele destacou como base para pensar a educação. Neste item também discutimos a temática da educação pelos olhos de Charbonneau na condição de autor.

No terceiro capítulo, *Leituras de uma vida: reencontrando Charbonneau, uma personagem em projeção*, é analisado o livro *Charbonneau por seus amigos* que foi organizado com o intuito de reunir memórias dos seus amigos mais próximos. Com vistas a apresentar o imaginário daqueles que conviveram com Charbonneau, neste capítulo visamos demonstrar como ele ficou na memória das pessoas, quem era a pessoa Charbonneau por diferentes olhares. A partir dessas memórias e de imagens, elaboramos um perfil do intelectual-monumento em estudo.

1 A EDUCAÇÃO PELO OLHAR E PELA MEMÓRIA: O LUGAR DE PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU, O EDUCADOR, NO COLÉGIO SANTA CRUZ

Em visita ao Colégio Santa Cruz, instituição em que Paul-Eugène Charbonneau atuou enquanto docente desde a sua chegada ao Brasil, no ano de 1959, até o seu falecimento, em 1987, me deparei com uma obra de arte que se tornou o vetor de consolidação do meu objeto de estudo. Naquela ocasião, após percorrer longos corredores arborizados, adentrei no prédio da diretoria e, antes de ser recebida por um colaborador, fui recepcionada por uma obra de arte: um vitral com a imagem dos três personagens que, grosso modo, são os formadores basilares da história da escola e, entres eles, encontra-se o padre Charbonneau, como observamos na figura 1:

Figura 1 – Vitral exposto no prédio administrativo do Colégio Santa Cruz com imagem de Charbonneau

Fonte: Acervo da autora.

Apresentada a imagem, peço licença para, neste momento, sair da posição de pesquisadora e comentar esse vitral com o meu juízo, ou seja, parte de uma audiência que se depara com uma obra de arte. Quando vi essa obra, fui tomada de encanto como se estivesse admirando algo raro. As flores, as cores, os personagens, e tudo o que nela está, me fez voltar no tempo e ver, por um momento, a escola antes de se tornar o prédio moderno que é hoje. Sim, foi um momento de encantamento por

tal beleza, porém, notei que, por detrás daquele objeto artístico, há significados para além do que está posto. Tal compreensão me fez regressar à condição de pesquisadora por razões distintas, sendo, uma delas, a ética que o trabalho de pesquisa exige, bem como as normas científicas imprescindíveis no processo de escrita da investigação. Sendo assim, deixei o lugar na audiência e passei a conjecturar acerca de todos os elementos presentes no vitral e, desta forma, compreendi que, se eles foram ali representados, era porque se constituíam enquanto signos primordiais da fundação da escola e representativos da Igreja Católica.

Nesta perspectiva, os vitrais – elementos salutares pertencentes à instituição que chamou a minha atenção naquele momento – são comuns na arquitetura de templos católicos e é uma tradição tê-los nestes ambientes. Isso faz com que esses objetos se tornem, também, um tipo de iconografia de simbologia religiosa, em grande medida, responsáveis por salvaguardar o patrimônio do sagrado.

Em se tratando dos primórdios da utilização desses símbolos, tem-se que a tradição surgiu em tempos mais remotos quando a igreja implementou os vitrais para transmitir os seus ensinamentos e garantir que a sua história fosse estampada nas paredes de suas construções, o que também possibilitava a difusão de mensagens variadas. Com o avançar dos anos, o sentido primeiro foi mantido, porém eles passaram a ter novas funções e significados, sendo a homenagem, como é o caso do vitral do Colégio Santa Cruz, uma dessas e hoje estão presentes em edificações de diferentes instituições, a saber: escolas, bibliotecas, hospitais, entre outros.

Em geral, os vitrais podem ser classificados conforme a sua técnica e seus materiais, de acordo com seus modos de utilização, o que ultrapassa a ideia de algo restrito ao viés religioso:

> **Vitrais Arquitetônicos** – São os vitrais concebidos para uso integrado na estrutura arquitetônica da edificação, como janelas, clarabóias, vitraux, etc.
> **Vitrais Utilitários/Decorativos** – São os vitrais utilizados para a confecção de peças de uso doméstico e decorativas, como luminárias, mobiliário, biombos, etc.
> **Vitrais Artísticos** – São vitrais utilizados exclusivamente para produção artística, principalmente contemporânea, não pertencentes à arquitetura da edificação. Geralmente são adaptados a sistemas de iluminação artificial, como backlights, spots, etc. (MICHELOTTI, 2011, p. 27, grifos nossos).

Nessa esteira de pensamento, o vitral exposto na recepção do Colégio Santa Cruz se encaixa na terceira instância da classificação de Michelotti (2011), pois está disposto na parede, não fazendo parte da estrutura arquitetônica da instituição, concebida aqui como obra de arte.

Seguindo a tradição da arte dos vitrais, a peça que aqui estudamos apresenta elementos da espiritualidade e tem estreito vínculo com a memória. É certo que o vitral é uma expressão humana por meio do desenho e, como tal, tem uma linguagem própria – nesse caso, a visual – que difunde conhecimento. Antes de se tornar uma obra de arte, os vitrais são desenhos e esta forma de linguagem é um modelo de expressão de pensamento, como esclarecem Trinchão e Oliveira (1998, p. 163):

> [...] o Desenho, historicamente, vem permitindo o reencontro entre o presente e o passado, é expressão gráfica do pensamento ou de uma ideia e tem o caráter de transmissor de informações ao homem com um efeito imediato de interação de comunicação entre as pessoas ou de si mesmo.

Contudo, no papel de historiadores, devemos tomar cuidado ao interpretar aquilo que a imagem tem a ensinar. É preciso entender que esse primeiro contato é visual, sendo assim, os nossos olhos fazem uma leitura inicial e internalizam determinada mensagem. Entretanto, não devemos ignorar a mensagem a ser comunicada que o autor da imagem queria (foi instruído a) transmitir. É preciso buscar nas entrelinhas, pois, de acordo com Burke (2004), as imagens são testemunhas mudas. No entanto, o mesmo autor ressalta a atenção que devemos ter para não encontrarmos um ensinamento desconhecido dos autores. Diante dessa problemática, para utilizarmos as imagens como fonte, devemos ter consciência de que ela apresenta fragilidades, por isso, há a necessidade de ter cautela ao criticá-las.

Diante do apresentado, indagamos: como a arte pode educar pelo olhar? Mesmo que as imagens se mostrem silenciosas, existe uma infinidade de saberes de matrizes distintas – religiosos, históricos e sociais – em torno delas. Conforme Nunes (2012), tal peculiaridade tem relação com o fato de o vitral atuar como um vetor de comunicação. Isto porque, a mensagem transmitida pelo vitral é mais que decorativa, visto que incorpora a intencionalidade do sujeito ou sujeitos comunicadores e a concepção dos agentes que o contemplam. Ao caracterizar o vitral como um texto, neste caso, um texto visual, este autor aponta que

> [...] cada elemento na composição do vitral desempenha um papel importante na comunicação da mensagem, na verdade, quando se examina um vitral percebe-se que tudo, o arranjo na armação, a pintura, o emolduramento constitui uma só mensagem codificada. Cada elemento desempenha o seu papel na mensagem que é entendida como um todo. (NUNES, 2012, p. 90).

A mensagem passada é o texto no formato de uma narrativa. Ao comunicar a mensagem – sem palavras – é retratado um saber sob outra ótica, pois instiga o imaginário ao mesmo tempo em que transmite o ensinamento histórico e cultural. Independentemente da idade, para todos que se deparam com o vitral, os elementos que o compõem chamam a atenção, seja por suas cores vivas ou pelas personagens ali representadas. Embora o uso do vitral no Colégio Santa Cruz seja aparentemente estético, há um significado intrínseco.

Para o nosso trabalho, essa representação por meio do vitral passa pelo reconhecimento dado à Charbonneau pelos seus pares. Conforme Abreu (1994), por meio do material iconográfico, há a rememoração daquele que teve dada relevância para o grupo em que estava inserido, o qual, mesmo após a morte do membro, encontra uma forma de simbolizar os feitos desse sujeito, evocando a sua passagem em vida em diferentes espaços. Para a autora,

> O material iconográfico é muito utilizado e serve para cristalizar uma imagem visual do sujeito e do ambiente em que ele viveu. Em geral, há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais, estabelecendo uma memória visual do biografado aceita coletivamente. Ou seja, embora os sujeitos lembrados tenham tido várias feições ao longo dos anos, na maioria das vezes um retrato vai se impondo como sua "verdadeira" imagem. [...] Intencionalmente ou não, o fato é que este processo de construção visual corresponde a um sistema de valores. Os construtores da memória selecionam entre as imagens possíveis aquelas que expressam suas afirmações textuais. [...] De fato, o aspecto visual constitui peça-chave na monumentalização de uma pessoa. (ABREU, 1994, p. 210).

Considerando os apontamentos da autora supracitada, observemos a figura 2.

Figura 2 – Pe. Charbonneau, o educador

Fonte: Acervo da autora.

Uma biblioteca ao fundo, um estudante com a atenção voltada para o professor e a cruz na parede. Esses são três dos tantos elementos que compõem a imagem cristalizada no vitral e que resumem a representação de Charbonneau, como educador, para o colégio e para a congregação Santa Cruz. É a imagem construída a partir do que Charbonneau praticou em vida, a similitude da realidade, como apontou Foucault (1999). Em conformidade com este autor, entendemos que o vitral aqui analisado – bem como outros expostos em espaços diversos –, reúne linguagens aparentemente invisíveis, espelhando ações semelhantes ao que foi vivido e que por nós não são vistas. Não é a absoluta representação do real, mas apresenta elementos passíveis de assimilação da realidade.

A imagem, enquanto linguagem, se assemelha àquilo que quer dar sentido. O que ali está representado se assemelha ao real, mas com impressões e vislumbres do artista da obra. Segundo Foucault,

> [...] a semelhança se situa do lado da imaginação ou, mais exatamente, ela só aparece em virtude da imaginação, e a imaginação, em troca, só se exerce apoiando-se nela. Com efeito, se se supõem, na cadeia ininterrupta da representação, impressões por mais simples que sejam, e se não houvesse entre elas o menor grau de semelhança, não haveria nenhuma possibilidade para que a segunda lembrasse a primeira, a fizesse reaparecer e autorizasse assim sua reapresentação no imaginário; as impressões se sucederiam na mais total diferença: tão total que não poderia sequer ser percebida, visto que uma representação jamais teria ensejo de se estabelecer num lugar, de ressuscitar outra mais antiga e de se justapor a ela para dar lugar a uma comparação; a tênue identidade necessária a toda diferenciação sequer seria dada. A mudança perpétua se desenrolaria sem referência na perpétua monotonia. Mas, se não houvesse na representação o obscuro poder de tornar novamente presente uma impressão passada, nenhuma jamais apareceria como semelhante a uma precedente ou dessemelhante dela. Esse poder de lembrar implica ao menos a possibilidade de fazer aparecer como quase semelhantes (como vizinhas e contemporâneas, como existindo quase da mesma forma) duas impressões, das quais uma porém está presente enquanto a outra, desde muito talvez, deixou de existir. Sem imaginação não haveria semelhança entre as coisas. (FOUCAULT, 1999, p. 95).

Como interpretação da realidade, as impressões desenhadas no vitral apresentado na figura 2 resumem, por meio de uma cena, referências que trazem significados para a trajetória de Charbonneau. Dentro do cenário, algumas simbologias do saber podem ser notadas.

No segundo plano da imagem, há livros de diferentes formatos e espessuras distribuídos nas prateleiras, livros que comportam expressivo número de páginas. O livro, instrumento estreitamente ligado ao saber, quando volumoso, é historicamente visto como um meio completo para a acessar o conhecimento universal, pois compara-se à complexidade e completude ao seu volume. Neste formato, o livro é caracterizado como *in-fólio*, conforme Chartier (1998). Ao problematizar este formato, o autor supracitado também teve uma imagem como referência e, em sua análise, apontou o livro (*in-fólio*) – sobre a mesa e o definiu como “[...] livro de estudo, da escolástica, do saber” (CHARTIER, 1998, p. 8). Neste caso, a natureza dos livros presentes no vitral, ainda que seja desconhecida, e o fato de eles estarem agrupados daquela maneira, representa a reunião de saberes que a escola e os agentes que faziam parte do

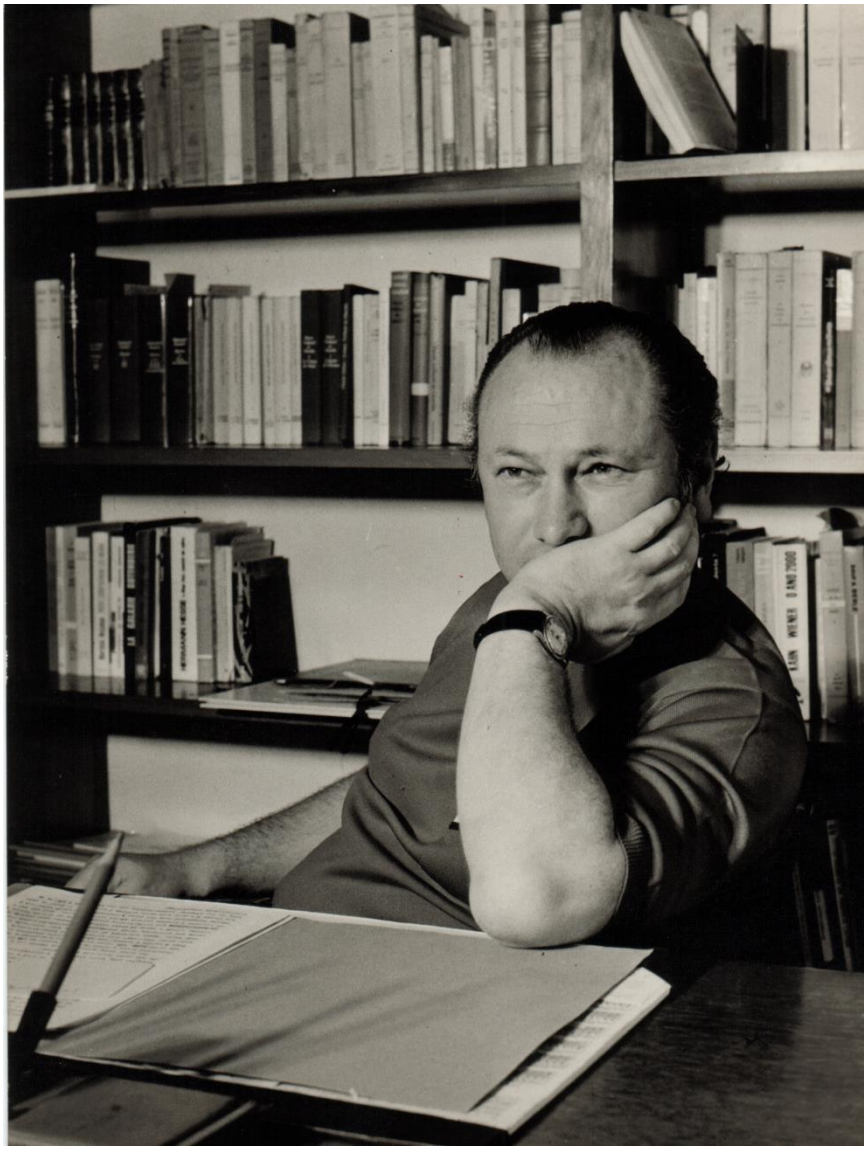
ambiente escolar necessitavam. Outro desdobramento para a disposição dos livros é a ideia de intelectualidade, tendo em vista que a leitura é uma das práticas dos intelectuais para produzir e vulgarizar o conhecimento teórico.

Ademais, Charbonneau, ao estar em posse de um dos livros da estante e posicionado acima da visão do estudante, indica a postura de quem possui competências para exercer o ofício docente, pois, segundo Chartier (1998), o livro denota autoridade que advém do saber que ele carrega. “Pela representação do livro, o poder funda-se sobre uma referência ao saber. Assim, ele se mostra ‘esclarecido’” (CHARTIER, 1998, p. 84). Ter o livro em suas mãos, neste sentido, é estar em posse do poder do saber. Saber este decorrido do repertório teórico adquirido com a leitura e que o incumbirá de “dar luz” à mente daquele que aprende e que aparece na figura enquanto subserviente.

Outros elementos que completam a cena e remontam o perfil tanto de Charbonneau, quanto do Colégio Santa Cruz, são: a cruz, o clérgima (ou colarinho clerical) e a arborização. O significado da cruz serve para representar a base religiosa da escola, bem como a vida sacerdotal de Charbonneau. O clérgima complementa a cruz no sentido de que, embora Charbonneau tenha sido descrito como o educador, o artista do vitral busca não apresentá-lo de forma dissociada das suas demais atividades, como a sua vida religiosa. Já as plantas que ornamentam a sala figurada no vitral, fazem referência a arborização presente em toda a escola, a qual teve como projeto proporcionar aos educandos o contato com a natureza, diferenciando-se dos prédios escolares tradicionais que se assemelhavam às instituições penitenciárias.

Diante do exposto, o cenário reproduzido no vitral nos faz viajar pela imaginação do artista da obra e sua visão da realidade a ser relembrada. Com o intuito de estabelecer certa aproximação da visão do artista, apresentamos outras três imagens do personagem que retratam as suas práticas, estas entendidas por nós como determinantes para se ter chegado ao resultado do vitral.

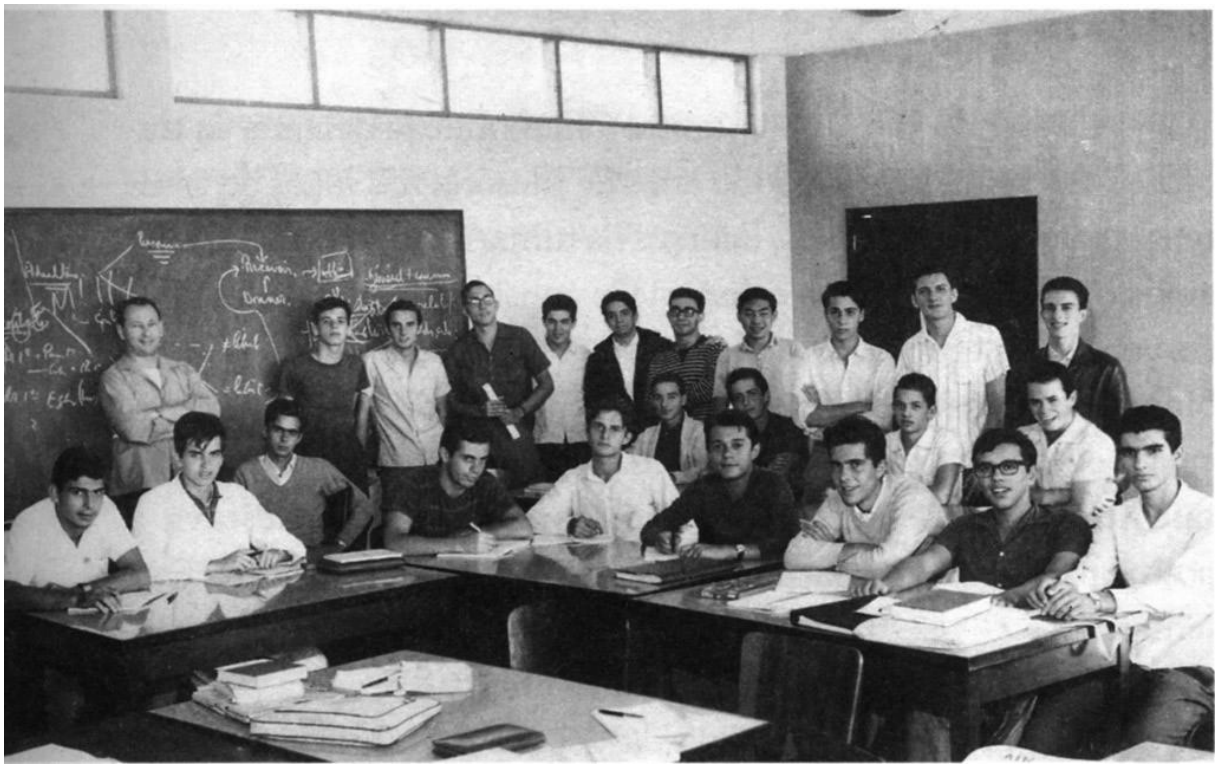
Figura 3 – Charbonneau em sua biblioteca particular



Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Na figura 3, vemos Charbonneau em biblioteca particular disposta em seu quarto do Colégio Santa Cruz. A partir da referência dessa biblioteca no vitral, inferimos duas acepções: a primeira é a de que ela fazia parte do circuito de estudos do padre que, desde cedo, se constituiu como um leitor ávido, tendo apreciado cerca de 3 mil obras e produzido, a partir das leituras, uma significativa quantidade de fichas: em torno de 70 mil; a outra simboliza Charbonneau enquanto autor, consequência das suas leituras, que se destacou na elaboração e publicação de diversas obras. Importa dizer que a biblioteca da escola, bem como as fichas de leitura e suas obras, serão mobilizadas no capítulo 2.

Figura 4 – Charbonneau em sala de aula



Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Na figura 4, temos, no canto esquerdo próximo ao quadro, de braços cruzados e com um leve sorriso, Charbonneau em sua posição de educador, na sala de aula no ano de 1964, em uma turma do 3º ano científico. Diferente do que é apresentado no vitral, Charbonneau não ensinava à turma de crianças menores, mas para as dos mais velhos. Outro detalhe a ser destacado é a vestimenta utilizada por Charbonneau que, no caso da imagem em destaque, ele não está usando a que é comum aos padres. Algo a ser observado, ainda que pouco visível, é o idioma em que está escrito o conteúdo no quadro, em francês. Canadense de nascimento, Charbonneau ditava a sua aula em português, porém, tinha dificuldade em se desvencilhar da escrita em francês.

Figura 5 – Espaço interno do Colégio Santa Cruz

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

A terceira imagem que se assemelha aos elementos do vitral refere-se à instituição que Charbonneau atuou. O Colégio Santa Cruz está localizado no Alto dos Pinheiros, bairro da Zona Oeste de São Paulo que foi projetado como um “bairro-jardim” e permanece com essa característica. Seguindo os parâmetros do bairro, o espaço onde a escola funciona também possui significativa arborização, onde os prédios da instituição se mesclam com as árvores do ambiente. De acordo com o informado no website da instituição, atualmente a escola possui um número superior à 800 árvores e, entre elas, estão os ipês amarelos e roxos que embelezam as ruas da instituição quando estão floridos, conforme é possível observarmos na figura 5. Para os pais, estudantes, colaboradores e visitantes que transitam por aquelas vias, é uma paisagem digna de apreciação, visto que os verdes das árvores e as cores das flores não passam desapercebidas aos olhos.

Considerando estas três imagens apresentadas, percebemos que o artista conseguiu sintetizar Charbonneau e como ele deveria ser representado naquela obra de arte levando em consideração elementos marcantes em sua vida: os livros de sua biblioteca particular, que tornaram-se o seu legado para a escola; o ato de educar, estendido para além da escola, que teve como base teórica os saberes e dogmas católicos; e o Colégio Santa Cruz, espaço que proporcionou à Charbonneau relações pessoais relevantes para o seu crescimento profissional, pois foi a partir da sua

atuação na instituição que o padre transitou em diferentes frentes de seu domínio, alcançou lugar de fala e reconhecimento.

Diante disso, ainda que de forma visual, os caminhos apresentados a partir do vitral, neste momento, ao serem confrontados com aportes teórico-metodológicos, nos fazem ver possibilidades para a constituição do padre Charbonneau enquanto monumento, pois há disposição, vontade e exemplos por parte do colégio em manter sua memória ativa, como educador e intelectual, no imaginário da instituição até os dias atuais.

1.1 Paul-Eugène Charbonneau, intelectual católico em diferentes frentes

Paul-Eugène Charbonneau, ou padre Charbonneau, ou padre Eugênio, o "boxeador que ensinava a pensar"[4], chegou ao Brasil em 1959 enviado pela congregação Santa Cruz, do Quebec, Canadá. O intuito em mandá-lo para São Paulo foi para que ele pudesse lecionar no Colégio Santa Cruz, instituição que seguia os mesmos moldes das casas de ensino daquele país. A trajetória de educador, assim como representado no vitral na figura 2, já se iniciara antes de sua vinda ao Brasil. Em sua bagagem, carregava experiências no ensino de Filosofia e Teologia, âmbitos de formação acadêmica, e em assuntos relacionados à orientação de casais para o casamento, uma atividade que foi expandida no Brasil.

Seguindo a direção dessa bússola e os passos traçados por Charbonneau, pensamos algumas questões acerca do que representa a cruz na vida deste intelectual. Em primeiro lugar, a sua ordenação como padre, recebido após formação entre 1944 e 1945, na cidade de Pointe Claire, no Canadá. Porém, a presença católica em seus estudos vem desde antes à sua ordenação. Ela iniciou no Colégio Saint-Laurent, da Congregação de Santa Cruz, onde Charbonneau fez seus estudos primários e secundários. No último ano, o da Retórica, os alunos escolhiam entre prosseguir com os estudos ou iniciar o noviciado, tendo em vista que o colégio era fonte "[...] de vocações tanto para a vida sacerdotal e religiosa como para um apostolado laico, esclarecido e influente." (MARTINS, 1997, p. 31). No caso de Charbonneau, ele decidiu seguir pelo noviciado e, antes da sua escolha, teve uma

[4] Termo utilizado por Alberto Martins em livro *Charbonneau: ensaio e retrato*, publicado em 1997.

experiência de atuação em uma casa de amparo a jovens com problemas judiciais o que, possivelmente, influenciou suas escolhas futuras acerca dos temas com os quais se envolveu mais fortemente. A partir do momento da sua decisão, entrou em um período intenso de estudos, pois realizou um ano de noviciado, em 1944, e os dois últimos módulos de Filosofia: o primeiro, concluído em 1945, no Scolasticat Sainte-Geneviève-de-Pierrefonds, um Instituto de Teologia da Congregação de Santa Cruz; e, para cumprir o segundo ano, Charbonneau voltou para o Colégio Saint-Laurent, onde obteve, no ano de 1947, o título de bacharel em Artes após exame na Universidade de Montreal.

Em 1948 iniciou o curso de licenciatura em Teologia da Congregação de Santa Cruz, concluindo em 1951. Considerado um dos mais avançados da época, o curso reunia, em seu corpo docente, "[...] professores que tinham estudado diretamente na escola bíblica de Jerusalém e nos melhores institutos teológicos italianos" (MARTINS, 1997, p. 33) e utilizava a *Suma Teológica*, de São Tomás de Aquino, como base para o ensino, ideias estas que, consequentemente, influenciaram o pensamento de Charbonneau. Ao mesmo tempo em que realizava os seus estudos no curso de Teologia, concluiu as etapas da vida religiosa e foi ordenado padre, na Catedral de Montreal, em 23 de dezembro de 1950.

Ao longo desses anos, Charbonneau foi adquirindo capital cultural em estado institucionalizado, visto como uma "certidão de competência cultural" (BOURDIEU, 2007d). Além de um reconhecimento institucional, o diploma produz uma espécie de comparação entre os agentes que o obtém. No caso de Charbonneau, o capital cultural no estado incorporado foi um meio de distinção entre os outros. Dedicado fortemente aos estudos durante os ensinos primários e secundários, no percorrer do curso de Teologia as suas leituras foram ainda mais constantes, tanto por conta da diferença de grau de cada etapa, quanto pelo interesse e disposição de Charbonneau em investir em suas argumentações (MARTINS, 1997). Tal estratégia lhe rendeu prestígios e méritos, como o ocorrido em uma jornada de estudos da Congregação de Santa Cruz, no ano de 1950.

> [...] Charbonneau impressiona vivamente os presentes com uma conferência sobre "a virtude da justiça" no padre Basile Moreau. O trabalho é tão bem recebido que durante algum tempo as autoridades da congregação cogitam solicitar ao jovem escolástico outros trabalhos do gênero. Há mesmo uma troca de correspondência entre o superior geral da congregação, monsenhor Albert Cousineau, e o

> arquivista geral da Scolasticat Saint-Geneviève, no qual se considera a hipótese de Charbonneau aprofundar o assunto numa tese de doutorado, o que seria de grande auxílio para a causa da beatificação do fundador. Embora a ideia não tenha progredido, nesse mesmo ano ele ainda apresentaria um outro *paper* sobre “o santo abandono” no padre Moreau. (MARTINS, 1997, p. 35).

Apesar de a solicitação de mais trabalhos similares ao apresentado não ter ocorrido, Charbonneau ganhou notoriedade devido ao seu poder de argumentação. Ele não escreveu uma tese de doutorado sobre Basile Moreau com vistas a auxiliar na beatificação do fundador da congregação, porém, no Oratório São José, em Montreal, durante o seu ministério, Charbonneau foi vice-postulador da beatificação do irmão André[5], realizando palestras (1954) referentes a esta causa na Universidade Saint Joseph. Permaneceu em Roma entre 1956 e 1957, com a Santa Sé, para apresentar esta causa.

Paralelamente as suas atividades no oratório, Charbonneau cursou o doutorado em Teologia na Universidade de Montreal, onde defendeu a tese, em 1956, intitulada *Pertença de São José à Ordem Hipostática*.

> Em meio a tudo isso, ainda encontrou tempo, antes e depois da sua estadia em Roma, para ministrar um curso de teologia no Scolasticat Sainte-Geneviève (1954-1955) e outro no Colégio Saint-Laurent (1958-1959). Simultaneamente, orienta retiros de estudantes e se destaca como excelente pregador nos cursos de preparação para o casamento ministrados no oratório, serviço pelo qual ficara responsável. (MARTINS, 1997, p. 41).

Mediante as suas ações nas instituições em que esteve presente e nas relações pessoais que foi construindo, Charbonneau, no período em que atuou no Canadá, com seu capital cultural, conseguiu mobilizar um capital social que lhe deu condições de transitar na cena pública. Situado em um tempo e espaço que foi conquistado, ele constituiu-se enquanto sujeito ativo ao caminhar por diferentes instituições da Congregação de Santa Cruz tanto no papel de estudante, quanto no de autoridade em determinadas funções e de ministrante no curso de preparação para

[5] Alfred Bessette (1845-1937) tomou o nome André após iniciar o noviciado na Congregação de Santa Cruz, em 1970, no Canadá. Realizou a atividade de porteiro do Colégio Notre Dame devido pouca educação formal e frágil saúde. Devoto de São José, inspirou a fundação de um santuário deste santo do outro lado da rua do colégio ao rezar, no local em que foi construído o oratório posteriormente, em companhia de outras pessoas, ganhando reputação de curador. Foi beatificado em 23 de maio de 1982 pelo Papa João Paulo II e canonizado em 17 de outubro de 2010 pelo Papa Bento XVI, se tornando o primeiro santo da Congregação de Santa Cruz. (MARTINS, 1997).

o casamento. Ao desenvolver tais funções, Charbonneau iniciou uma aproximação com casais e jovens, trabalho que se estendeu em suas experiências no Brasil.

No Brasil, Charbonneau, com a sua bagagem, ampliou os seus espaços de atuação. Alguns anos após chegar em São Paulo e se consolidar como professor de Filosofia do Colégio Santa Cruz (CSC), foi convidado a participar do movimento da Escola de Pais do Brasil (EPB).

O termo “Escola de Pais” foi mencionado pela primeira vez em 1928, na França, por Marguerite Verine-Lebrun, que fundou, em 1929, a *L’École des Parents et des Éducateurs* (EPE). Liderado por Madre Inês de Jesus, Padre Leonel Corbeil, Maria Junqueira Schmidt e pelo casal Alzira Lopes e Antonio Fernando Lopes, o movimento surgiu, no Brasil, em 1963, a fim de orientar famílias “[...] para que estas pudessem atuar de forma mais eficaz na educação dos filhos, diminuindo com isso as mazelas sociais que acreditavam ser consequência da ausência e da ignorância das famílias em lidar com os problemas da juventude.” (ORLANDO; HENRIQUES, 2017, p. 61). Para isso, contou com a contribuição de médicos, psicólogos, psicanalistas, padres e pedagogos, os quais “[...] ganharam espaço nesse cenário e se consolidaram como vozes autorizadas do movimento”, pois eram considerados os “[...] portadores da sagrada missão educacional” (ORLANDO; HENRIQUES, 2017, p. 64).

Três pilares são a base para o trabalho da Escola de Pais no Brasil até os dias atuais: profilaxia, atualização e educação permanente. Segundo Alzira Lopes,

> [...] **profilático** [...] pois uma vez conhecendo os princípios psico-pedagógicos que regem a vida do homem [...] os pais iniciam uma nova vida, mais consistentes, mais responsáveis pela formação dos filhos. Dizemos **atualização**, porquanto muito mais os pais necessitam apenas reformular seus princípios para que possam educar um mundo em transição. Dizemos **“educação permanente”**, porque na Escola de Pais, o casal poderá rever seus vários papéis, de esposos, de pais, de profissionais e de membros de uma comunidade. (LOPES, 19--, p. 19-20, grifos da autora).

No que tange ao cunho profilático, entendemos que a Escola de Pais visava preparar os pais para o que estava por vir quando o assunto eram os filhos. Esse era um meio de prevenir, ou ao menos diminuir, os embates que poderiam ser travados durante a criação dos filhos. Quanto à atualização, como o próprio nome sugere, era para atualizar os pais sobre as novidades que estavam presentes na sociedade, o que

evitaria, dessa forma, um “choque de gerações”[6]. Em referência à educação permanente, vemos como uma orientação para os pais reavaliarem as suas vidas de casais, pois uma das defesas do movimento era a de que filhos criados em um casamento tranquilo e bem-sucedido se tornariam bons cidadãos. O movimento pretendia, dessa maneira, reeducar os pais para educarem os seus filhos visando diminuir os problemas da humanidade.

Na Escola de Pais, Charbonneau encontrou a oportunidade para a extensão dos seus ensinamentos iniciados no Canadá: a orientação dos casais e educação dos jovens. Logo, a partir do convite para fazer parte da EPB, nascem os primeiros frutos vindos pela sociabilidade. Isto porque, um dos idealizadores do movimento era, também, diretor e fundador do Colégio Santa Cruz, o padre Lionel Corbeil, que viria a ser um dos seus melhores amigos e um dos maiores entusiastas de seu trabalho, o que, por sua vez, lhe abriria novas frentes de ação.

Integrante desde a fundação do movimento, Charbonneau ministrou cursos e palestras para as famílias e participou como conferencista – da fundação até o ano de seu falecimento – de todos os eventos organizados anualmente pela Escola de Pais, o Congresso Nacional da Escola de Pais, que pode ser apontado como um dos mais importantes meios de propagação dos ensinamentos do movimento. Os congressos organizados pela EPB foram, para Charbonneau, o principal espaço para projeção de suas ideias e onde teve lugar de fala expressivo com circulação internacional.

Conforme Orlando (2013), apoiando-se em Sirinelli (1996), os congressos, assim como as revistas, são espaços em que sociabilidades são constituídas. Ambos são meios que

> [...] conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, [...] é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão. (SIRINELLI, 1996, p. 249).

[6] Termo utilizado por Charbonneau em seus escritos e, também, nas apresentações da Escola de Pais do Brasil.

O processo de fermentação da intelectualidade católica no Brasil se deu tempos antes da chegada de Charbonneau a este país. Em decorrência das lutas travadas entre a Igreja Católica e o Estado ainda no século XIX, nos primeiros anos do século XX houve a preocupação do distanciamento do povo para com a cristandade. Tal conjuntura se deu com a publicação do Decreto 119-A, que tratava da abolição da ação do Estado em assuntos religiosos, fazendo com que o episcopado iniciasse, com a Carta Pastoral Coletiva de 19 de março de 1890, "[...] um combate sistemático à filosofia de secularização promovida pela República, entendendo esse ponto como decisivo para os destinos da pátria." Ao mesmo em que acusava a legislação em promover a secularização, considerada como algo passível de causar danos aos acontecimentos sociais, o episcopado destacou a liberdade que a Igreja Católica teria, status antes não possível no período da monarquia. (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 23).

Neste mesmo contexto, a Igreja Católica passava por um período de renovação com a chegada de padres europeus e a prática de um catolicismo mais romanizado, se distanciando do luso-brasileiro. Diante da nova configuração do catolicismo, agora mais intelectual e racional, havia a presença de integrantes do Estado, cientistas, homens de letras que compunham o círculo da elite brasileira que também carregavam a influência europeia, grupos estes agora convertidos de uma racionalidade capitalista e liberal para a católica. (SKALINSKI JUNIOR, 2014; FAUSTO, 2007). Desta forma, a trajetória do catolicismo no Brasil, na primeira metade do século XX, constituiu-se de um remodelamento da igreja e do chamamento da sociedade para estreitar os laços com a vida cristã. Aliado a tais ações, juntamente com algumas reformas e da integração de membros que apresentavam proximidade com a ciência e a política, o catolicismo, então, modelou-se militante.

> Cumpre-nos dizer que essa identidade militante refere-se à organização da instituição durante o processo de romanização. Efetivamente, a Igreja Católica no Brasil conseguiu reunir um corpo disciplinado e orientado pela hierarquia. O interesse de fazer com que o Estado Brasileiro reconhecesse que o Brasil era um país católico e que a Igreja era a máxima expressão desse sentimento foi um dos eixos de proposituras principais desse catolicismo militante. (SILVA, 2008, p. 541).

O cenário do catolicismo militante foi se formando ao longo do século a partir de iniciativas de sujeitos que faziam parte do círculo católico e da conversão de

sujeitos das letras que não tinham proximidade com a religião. Um dos principais instigadores e atuantes da militância católica, Dom Sebastião Leme, então arcebispo de Olinda, em carta pastoral datada de 1916, questionou a sociedade laica que o Brasil estava formando, e, por isso, apontou a necessidade de uma instrução religiosa. Leme (1916) ressaltou que a maioria dos brasileiros era católica, no entanto, essa maioria não interferia nos rumos da moralização da nação, fosse nas questões educacionais, culturais, sociais, econômicas ou políticas. Ainda no documento, ele discorre:

> Somos a maioria absoluta da nação absoluta da nação. Direitos inconcussos nos assistem com relação à sociedade civil e política, de que somos a maioria. Defendê-los, reclamá-los, fazê-los acatados, é dever inalienável. E nós não o temos cumprido. Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da autoridade. Leigas são nossas escolas; leigo, o ensino. Na força armada da República, não se cuida da Religião. Enfim, na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública. Anticatólicos ou indiferentes são as obras de nossa literatura. Vivem a achincalhar-nos os jornais que assinamos. Foge de todo à ação da Igreja a indústria, onde no meio de suas fábricas inúmeras, a religião deixa de exercer a sua missão moralizadora. O comércio de que nos provemos parece timbrar em fazer conhecido que não respeita as leis sagradas do descanso festivo. Hábitos novos, irrazoáveis e até ridículos, vai introduzindo no povo o snobismo cosmopolita. Carnavais transferidos para tempos de oração e penitência, danças exóticas e tudo o mais que o morfinismo inventou para distração de raças envelhecidas na saturação do prazer. Que maioria-católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? **É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação, não temos e não vivemos vida católica. Quer dizer: somos uma maioria que não cumpre seus deveres sociais.** Obliterados em nossa consciência os deveres religiosos e sociais, chegamos ao abuso máximo de formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte. Somos, pois, uma maioria ineficiente. Eis o grande mal. Grande mal, não há dúvida, porque importa no menosprezo inadmissível dos nossos deveres para com Deus, a sociedade e a pátria, deveres religiosos e sociais. (LEME, 1916, grifo nosso).

Este documento, por conter a análise e a militância acerca da conjuntura do catolicismo no Brasil, se tornou um marco na história política e religiosa brasileira por sua ampla abrangência em motivar e direcionar as ações de uma parcela significativa

da sociedade civil. Nessa visão do catolicismo brasileiro, Leme, preocupado também com a formação de uma intelectualidade católica, apoiou Jackson de Figueiredo na fundação do Centro Dom Vital, em 1921. Este espaço, ligado à Igreja Católica, reuniu intelectuais que desempenharam a função de elite intelectual da revitalização do catolicismo brasileiro ao difundirem as ideias do apostolado por todo o Brasil. (SILVA, 2008; SKALINSKI JUNIOR, 2014).

> Sebastião Leme impulsionou a restauração da Igreja e deu início ao que se convencionou chamar “reação católica” que, embora tivesse como base a capital da República, foi um projeto de alcance nacional. As questões agitadas pelo aparato eclesiástico na década de 1920 impactariam de maneira decisiva a opinião pública por meio dos intelectuais que, uma vez engajados na causa católica, com uma estratégia de ação praticamente de caráter político-pedagógico, foram capazes de atingir diferentes esferas das sociedades civil e política. (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 32).

Paralelamente a criação do Centro Dom Vital, intelectuais católicos apoiados nas referências ideológicas e políticas de D. Leme, e sob a liderança de Jackson de Figueiredo, se reuniram e fundaram a revista *A Ordem*, que se tornaria um meio para propagar as ideias do grupo. Conforme Miguel (2016, p. 39), *A Ordem* “[...] nasceu da necessidade de se ter um meio de expressão e divulgação do ideário do grupo. Aparece em cena num momento em que o catolicismo brasileiro contemplava um quadro de baixíssima produção intelectual leiga sobre a Igreja católica”. Enquanto membro fundador e líder do órgão, Jackson de Figueiredo visou criar uma alternativa contra dois regimes que estavam em voga na época: o liberal e o comunista. Dessa forma, ao nomear o periódico como *A Ordem*, Jackson manifestava tal entusiasmo – o de ordem – visto que,

> [...] ao ser assumido pelos intelectuais que se aglutinaram ao seu redor, identificou a nacionalidade com os valores cristãos, tomando a doutrina católica como única arma capaz de combater o desajuste político – a seu ver derivado do pluralismo – e reestabelecer a unidade e a ordem no país. (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 32).

Com esse instrumento, a geração de intelectuais que comportou a década de 1930 via a política como meio para instaurar no povo, mediante as instituições por eles pretendidas, o ideal de “nação civilizada”, se tornando, de certa forma, guias para a conscientização do povo. Ainda na primeira metade do século XX, além do Centro

Dom Vital e da revista *A Ordem*, outras organizações foram criadas com o intuito de manter a militância católica ativa, a exemplo da Confederação Católica (1922) e da Liga Eleitoral Católica (1934).

Outros nomes se destacam entre os intelectuais que trabalharam em prol do movimento social católico, das discussões e da conscientização acerca da doutrina religiosa. Destacamos aqui um intelectual que teve liderança expressiva no Centro Dom Vital e na Revista *A ordem* após assumir estes órgãos a convite de D. Leme devido ao falecimento de Jackson de Figueiredo: Alceu Amoroso Lima. Assim como Jackson de Figueiredo, Alceu foi um personagem de grande distinção no movimento de restauração católica no Brasil nas décadas de 1920 e 1930. Importa destacar que Alceu, inicialmente, não seguia os ideais católicos. Foi a sua amizade e conversas por meios de cartas com Jackson de Figueiredo que mudou seus posicionamentos e o aproximou do "[...] propósito de difundir os valores católicos e de trabalhar pela conversão de outros." (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 62). Isto porque,

> Toda a formação superior no país era agnóstica, positivista e anticlerical. Dom Leme compreendia o papel do intelectual como vanguarda do catolicismo e, por isso, deu enorme atenção ao grupo do Centro Dom Vital, estendeu sua influência, confiando-lhe tarefas políticas como a Liga Eleitoral Católica, tarefas pedagógicas como a Associação dos Professores Católicos, transformada bem cedo em Confederação Católica Brasileira de Educação, de âmbito nacional (1935), tarefas de formação como o Instituto Católico de Estudos Superiores (1932), tarefas de militância apostólica através da Ação Católica (1935) e finalmente a tarefa de coroamento de todas as outras, repensar a cultura nacional à luz da fé, através da Universidade Católica (1942). (BEOZZO, 1984, p. 299).

Estas iniciativas fizeram parte das táticas utilizadas no processo de movimentação da Igreja para a difusão do pensamento e das ações católicas que passavam pelas massas e pela elite com vistas à formação de intelectuais atuantes defensores da sua doutrina. Nesta perspectiva,

> [...] a ação desses intelectuais foi disseminadora de projetos e de práticas políticas e culturais que aglutinaram pessoas ao redor de determinados propósitos e com vistas a certos fins, por meio da conformação da vida cotidiana, com a criação de partidos, instituições de ensino, órgãos de classe, periódicos, entidades representativas e outras formas de associação entre indivíduos. Tais ações, nas sociedades civil e política, foram decisivas na luta pela hegemonia e influenciaram os rumos tomados pelo Brasil na aurora do século XX. (SKALINSKI JUNIOR, 2014, p. 22).

No contexto em que Charbonneau chegou ao Brasil, o campo da esquerda católica tinha um desenho mais desenvolvido e vemos uma maior presença da Igreja nas preocupações sociais. Dos intelectuais que fizeram parte dos movimentos do início do século XX, retomamos Alceu Amoroso Lima. Além da sua devida relevância para as discussões do período, convém relatar a proximidade dos espaços em que ele e Charbonneau ocuparam em relação ao envolvimento dos intelectuais em debates públicos. Ambos os intelectuais mencionados dividiram, em alguns momentos, páginas da *Folha de S. Paulo*, além de trocas de elogios, divisão em ciclos de palestras e prefácio por parte de Alceu em um dos livros de Charbonneau.

Figura 6 – Artigos de Alceu Amoroso Lima e Charbonneau na *Folha de S. Paulo* (1966)

LETRAS E PROBLEMAS UNIVERSAIS

A quarta via

TRISTÃO DE ATAIDE

O movimento de idéias que, na década 30-40 tomou o nome de "mairitainismo" — escandalizando os meios católicos tradicionalistas e conservadores e preparando os espíritos para a revolução branca que João XXIII iria desencadear com suas Encíclicas sociais e o Concílio — era como que uma quarta via que se abria para a nova ordem que até mesmo o papa Pio XII iria anunciar em suas famosas

conquistava as novas gerações e abria a possibilidade de um entendimento com o outro lado.

Na América Latina, então, sobretudo na Argentina e no Chile (onde até hoje uma revista dos reacionários católicos «Pidcia» mantem-se em luta com o pensamento e a ação dos democratas cristãos e as reformas sociais de Eduardo Frei) e mesmo entre nós, o que se viu foi o desencadeamento de uma verdadeira cruzada contra as

Como são misteriosos os caminhos da Providência! E como se compreende que Claudel, que tantas vezes se colocou em posições opostas às de Maritain no plano político, tenha inscrito no pórtico do seu «Soulier de Satin» e em português mesmo, o famoso provérbio: «Deus escreve direito por linhas tortas».

Há quinze anos, aqui mesmo no Rio, o meu caro amigo uruguaio Dimas Antuña, que tinha estreitas re-

A Igreja no mundo contemporaneo

PAUL-EUGENE CHARBONNEAU

Exclusivo para a FOLHA

A Igreja Católica é uma instituição secular. Acompanha a humanidade há 2 mil anos, em seu amadurecimento. Muitas vezes se chegou a pensar que ela já estava ultrapassada e, principalmente no século passado, proclamou-se que chegara ao fim

bem a metafísica se acha somente em seu ponto de partida e com ela a teodicéia. Isso, evidentemente, equivale a dizer que a fé também está em estado embrionário. Longe de se achar definitivamente cristalizada, ela apenas começa a se depurar e a encon-

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 28 de agosto de 1966.

Sob o pseudônimo de *Tristão de Ataide* – adotado por Alceu para distinguir a sua atividade de crítico com o seu trabalho na empresa da família – Alceu lança defesas acerca da corrente teórica de Jacques Maritain, a qual ele seguia, Charbonneau disserta sobre como a Igreja, antes desacreditada, estava em processo de renascimento. Alinhados à perspectiva de modernidade e renovação na Igreja, dividiram um espaço que, ao longo do tempo, se tornou palco para a projeção de intelectuais. Conforme Vieira (2005, p. 2),

> [...] os impressos de forma geral e os jornais de maneira particular representaram meios privilegiados para a ação do sacerdócio modernizador. A imagem social da imprensa, tanto ontem como hoje, está associada ao seu poder de influenciar a sociedade, de formar a chamada opinião pública. Mensurar esse poder é algo que vem sendo discutido intensamente, contudo, longe de conclusões consistentes, as respostas para essa questão do papel social da mídia oscilam entre a capacidade de amoldar as mentes ao exercício do mero registro da

> vida social. [...] Independente dessa espécie de polêmica sobre seus efeitos, de forma inconteste a imprensa registra, comenta e intervém sobre diversas esferas da vida social: do cotidiano citadino aos grandes problemas internacionais. A constante batalha pela conquista dos corações e mentes, na expressão de Clóvis Rossi, é parte da intervenção dos meios de comunicação de massa que, até a segunda metade do século vinte no Brasil, tinham nos jornais diários sua expressão mais significativa.

No circuito de projeção pelas páginas da imprensa percorre também o reconhecimento entre os pares. Em meio aos artigos veiculados na mesma folha em que Charbonneau, Alceu publicou um texto que havia sido prefácio do livro *O Brasil, hora de desafio: dramas éticos do nosso tempo* (1982), de autoria do padre aqui em estudo. No artigo, Alceu discorre, com base no livro *O homem à procura de Deus* (1981) também de Charbonneau, acerca da relação entre Deus e o homem e das injustiças sociais que sombreavam a sociedade brasileira. Sobre o perfil do padre canadense enquanto intelectual e educador católico, Alceu conta que

> [...] sua longa permanência em nosso meio, como mestre e dirigente do Colégio Santa Cruz em São Paulo, e sua enorme popularidade entre nossa mocidade de que tenho provas concretas na família, fazem dele um dos maiores dirigentes intelectuais das novas gerações brasileiras. O segredo dessa influência, absolutamente singular, sobre uma mocidade geralmente revoltada contra os padrões burgueses ainda dominantes, me parece ser o da confluência de uma preparação universitária e filosófica extremamente segura e de uma abertura de espírito realmente excepcional. Ele reúne, com uma particular harmonia, as qualidades do generalista e do especialista. Tanto se revela profundo em suas bases de alta sabedoria cristã, como capaz de aplicá-los, com particular acuidade, aos grandes problemas com que se debate o mundo contemporâneo, especialmente no Brasil e na América Latina. Depois de traçar os grandes princípios de uma sabedoria cristã universal, procurou aplicá-los agora ao drama concreto da sociedade brasileira e latino-americana, neste livro sobre "O Brasil dilacerado"[7]. (ATHAYDE, 1982, p. X).

Ao observar as condições da sociedade da época, Alceu aponta que, na análise de Charbonneau, o Brasil estava "dilacerado entre justiça, injustiça e revolta" e que, com isso,

> Vê-se a sede crescente de justiça, que está despertando todo um povo, contra uma rotina de passividade, entre a opressão de

[7] Esse era o título original do livro *O Brasil, hora de desafio: dramas éticos do nosso tempo* (1982) antes de ser modificado pelos editores.

> estruturas políticas e econômicas, impostas de cima para baixo, pela Colônia, pelo Império e pela República. Ante essa revolta latente do povo mais sofrido, provocada por séculos de injustiça patente e em face da atual sede de justiça, que hoje irrompe de forma cada vez mais imperativa, a conclusão só pode ser, diz ele, e concordamos nós, a da transmutação dessas estruturas e não apenas a assistência aos males delas provenientes. Sendo o seu projeto da transmutação social dessas estruturas iníquas dominantes, não podia Charbonneau senão dar ênfase ao papel capital que a Igreja tem de desempenhar nessa transmutação de estruturas, saindo do seu tradicional conformismo com as classes dominantes e a ordem constituída. (ATHAYDE, 1982, p. X).

Conforme discutimos anteriormente, a percepção de uma sociedade distante da fé católica era sentida desde o século XIX frente as transformações sociais ocasionadas por eventos históricos, como a Revolução Industrial, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, entre outros. Em busca de acompanhar e refletir sobre os impactos destas mudanças e na tentativa de tornar o povo brasileiro mais participativo, parte dos integrantes da Igreja Católica acabou por se transfigurar em uma ala mais progressista. De acordo com Orlando (2017, p. 136),

> Esse período traz alterações significativas na sociedade urbana brasileira e no modo da Igreja se colocar nessa sociedade. As mudanças que aconteceram também no interior do campo religioso impulsionaram ações. Entre os anos 1920, 1930 e 1940, sob o comando de D. Sebastião Leme, o projeto da Igreja frente à sociedade brasileira passava por duas estratégias complementares: o fortalecimento da própria instituição católica pela ampliação e maior solidez de seus quadros, mantendo o caráter clerical e hierárquico; paralelamente, uma constante preocupação de impor à sociedade brasileira os valores éticos e religiosos do catolicismo. A partir de 1952, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, essa compreensão também passa por mudanças. Se em um primeiro momento sua estratégia faz com que a Igreja se volte sobre si mesma para, a partir daí, recuperar sua influência junto à sociedade; nesse outro momento, ela se mostra mais sensível às transformações sociais que estão ocorrendo procurando analisar os problemas socais da realidade brasileira e participando de modo mais específico em projetos de cunho social.

A Igreja Católica passou a demonstrar cada vez mais certa sensibilidade frente às questões socioculturais e políticas que ocorriam no Brasil e buscava espaço para estar presente assumindo o papel favorável ao povo. Diante de um novo cenário na segunda metade do século XX, membros de grupos católicos começaram a se preocupar com as camadas populares e suas atenções serviram de base para

intervenção social seguindo a ética e a moral do catolicismo. Nesta perspectiva, reconheciam a importância de respaldo sociológico para melhor compreensão da realidade brasileira, bem como a relevância em identificar as causas econômicas dos problemas sociais que circundavam o "mundo moderno". Para tanto, foram organizadas reuniões em que se buscavam discutir as necessidades apresentadas no âmbito nacional e latino-americano.

No contexto mundial, alguns eventos foram preponderantes para transformação da Igreja que passou a defender os pobres, os direitos humanos e a justiça social, como o Concílio do Vaticano II (1962-1965) e as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), além de cartas encíclicas que remontam as orientações filosóficas e teológicas da Doutrina Social da Igreja, com destaque para a *Rerum Novarum*[8], *Quadragesimo Anno*[9], *Mater e Magistra*[10], *Pacem in Terris*[11], *Populorum Progressio*[12], *Laborem Exercens*[13] e *Centesimus Annus*[14]. No âmbito nacional, destacamos a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, que teve como primeiro secretário geral D. Hélder Câmara e desempenhou um papel crucial na organização do pensamento e ação católica do país, bem como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), instituições nas quais, juntas à Teologia da Libertação, "[...] surgem, como experiências irmãs, no contexto

[8] A encíclica *Rerum Novarum*, escrita pelo Papa Leão XIII, publicada em 1891, aborda, em grande medida, questões acerca do operariado. No que diz respeito ao campo social, esse documento possui uma importância significativa, chegando e exerce certa influência até os dias de hoje, visto que foi a base de encíclicas posteriores. Em suma, a carta faz profundas críticas as ideias marxistas.

[9] Assinada pelo Papa Pio XI, é uma encíclica que teve a finalidade de celebrar os quarentas anos de aniversário da *Rerum Novarum.* Nesta carta, o autor aborda questões inerentes as que foram tratadas pelo Papa Leão XIII com o intuito de apresentar as mudanças ocorridas desde a sua publicação.

[10] A carta papal, intitulada *Mater e Magistra*, de autoria do Papa João XXIII, publicada em 1961, tem como questão nuclear, abordar temas como riqueza e miséria, desenvolvimento e subdesenvolvimento. A finalidade a partir disso, é apresentar a forma eles estão desproporcionalmente distribuídos.

[11] A Encíclica *Pacem in Terris,* escrita, também, pelo Papa João XXIII e publicada no ano de 1963, tem como discussão principal a questão da paz na terra. Para o sumo pontífice, era urgente que houvesse uma harmonia entre a ciência com todos os seus avanços e técnicas e a ordem universal.

[12] *Populorum Progressio*, encíclica publicada em 1967, pelo Papa Paulo VI, tem por objetivo alinhar a visão cristã ao desenvolvimento. A questão nessa carta é, além do desenvolvimento do homem, desenvolver na humanidade o espírito solidário.

[13] Em 1981, ano em que se comemorou os 90 anos de publicação da *Rerum Novarum,* João Paulo II assinou a encíclica *Laborem Exercens,* onde outra vez a questão do trabalho foi o pano de fundo. Nesta, os novos problemas e esperanças foram tratados de modo que era possível verificar suas influências no mundo do trabalho e da produção.

[14] Também de autoria de João Paulo II, *Centesimus Annus,* publicada em 1991, é a encíclica que buscou fomentar a atualização da Doutrina Social da Igreja diante do por vir de novas dinâmicas no mundo social e do trabalho. A violação dos direitos humanos, como está presente na encíclica, é o fator principal da crise mundial.

de transformação do catolicismo, de maior comprometimento da Igreja (leigos e eclesiásticos) com as questões sociais.” (SOUZA, 2015, p. 45-46).

Líder de grande destaque na mobilização do episcopado para o enfoque sociopolítico da Igreja no Brasil, D. Hélder Câmara, após a morte de D. Leme, passou a dirigir as instituições mais importantes da Igreja Católica e ganhou visibilidade ao se posicionar politicamente nas reuniões do Concílio do Vaticano II.

> Ex-integralista, D. Helder converteu-se ao clero progressista e foi assumindo posições cada vez mais à esquerda. Entre as décadas de 1940 e 1960, alinhou-se às perspectivas do “desenvolvimentismo católico”, em grande medida amparado nas ideias do movimento Economia e Humanismo, liderado pelo padre Lebret, que se tornou um de seus principais interlocutores. (GODOY, 2020, p. 3).

Conforme o autor supracitado, o movimento Economia e Humanismo originou-se na França no início de 1940 em contraposição às concepções liberais e comunistas. Seus líderes intelectuais, como Louis-Joseph Lebret e Emmanuel Mounier,

> [...] aproximaram-se das teses anarquistas e marxistas sem, contudo, assumirem o corolário do socialismo e da luta de classes. Propunha-se uma terceira via, um “desenvolvimentismo humanista”. Com o olhar focado nos países do Terceiro Mundo, subdesenvolvidos e pós-coloniais, os intelectuais do Economia e Humanismo defendiam o planejamento e a intervenção estatal para a promoção da equidade social e do crescimento econômico. A perspectiva humanista, solidária e comunitarista, amparava-se nos documentos da *Doutrina Social* da *Igreja*, a começar pela encíclica *Rerum Novarum*, com claras influências do positivismo e do organicismo funcionalista de Durkheim. Entre outras referências do movimento Economia e Humanismo destacam-se: o racionalismo matemático de Le Play; a sociologia e os estudos etnográficos urbanos de Halbwachs e Chombart de Lauwe e da Escola de Chicago (Park, Burguess, Mackenzie, Wirth); o empirismo de Bergson; o comunitarismo de Tönnies; o terceiro-mundismo de Alfred Sauvy; e a teoria do desenvolvimento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). Com esse amplo e heterogêneo instrumental teórico, o movimento procurou refletir sobre os condicionantes do subdesenvolvimento e os meios para sua superação. (GODOY, 2020, p. 3-4).

Ao se manterem em diálogo, D. Hélder Câmara e Lebret, em parceria, atuaram no Concílio do Vaticano II produzindo documentos-base – impostos por D.

Hélder - para a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1963)[15], umas das principais referências que traduzem as discussões apresentadas no concílio. Conforme Godoy, (2020, p. 25-26),

> A pauta elaborada pelo clero progressista da América Latina, com direta contribuição de D. Helder, Lebret e Larraín, previa discussões sobre a colegialidade do episcopado, sobre o ecumenismo, um posicionamento engajado da Igreja frente aos problemas mundiais, uma luta contra a desigualdade entre países e entre ricos e pobres. Em maio de 1961, meses antes do início do Vaticano II, convocado no natal, João XXIII publicou a Encíclica *Matter et Magistra*, na qual deixava clara a recomposição da agenda social da Igreja. Retomando os demais documentos da *Doutrina Social*, a *Matter et Magistra* combatia o comunismo e o liberalismo, não obstante, dava outro entendimento acerca da questão da propriedade privada, rompendo a tradição interpretativa inaugurada na *Rerum Novarum*. Seguindo Maritain, João XXIII entendia que o direito de propriedade deveria ser condicionado à sua função social. A Encíclica por ele publicada retomava os princípios da *Rerum Novarum* e da *Quadragesimo Anno* no tocante a seus fundamentos sociais, mas dedicava também uma seção às "ampliações" dos entendimentos da Encíclica de Leão XIII. Além de retomar a pauta social da Igreja, defender que as nações desenvolvidas auxiliassem as subdesenvolvidas, e a necessidade de uma ação solidária e não consumista dos indivíduos, de uma justiça distributiva, de uma maior equidade social e dignidade humana, incorporou outros temas centrais dos ideais do Economia e Humanismo, como a defesa do comunitarismo multifamiliar, do cooperativismo agrícola e industrial, do estímulo à pequena e média propriedade de agricultura familiar, além de um maior planejamento e intervenção do Estado para o estímulo ao equilíbrio social, tendo como objetivo maior a promoção do bem comum e da dignidade humana.

Sendo constituída e reafirmada no período das conferências do Concílio Vaticano II – bem como em outros eventos e instituições organizados pelo episcopado – trouxeram reflexões acerca do contexto social, os ensinamentos presentes na Doutrina Social da Igreja orientam o agir frente à realidade social, política, econômica e cultural de uma dada sociedade.

> A *Doutrina Social da Igreja* (DSI) é um corpo doutrinário da Igreja Católica, constituído de orientações filosóficas e teológicas que promovem diretrizes éticas para a melhor organização econômica e política das sociedades humanas. Fundamentada numa forte tradição

[15] "[...] estudou a vida econômica e social à luz do estado de miséria e subdesenvolvimento de milhões de seres humanos. Depois desse passo, uma renovada conscientização das exigências da mensagem evangélica traz à Igreja a obrigação de se por a serviço dos homens para os ajudar na percepção dos graves problemas – fome, miséria, doenças endêmicas etc. – que os circundam e para os convencer da urgência de uma ação solidária que modifique a história da humanidade." (MACHADO, 2006, p. 39).

> *aristotélico-tomista*, e por meio de várias releituras dessa tradição, o desenvolvimento da DSI foi um processo lento e marcado pelos desafios e as convulsões políticas de diversas eras. Embora tenha sido um desenvolvimento orgânico de muitos séculos, sua formalização contemporânea se deu com o Papa Leão XIII na carta encíclica *Rerum Novarum*, onde o sumo pontífice tratou da condição de penúria dos trabalhadores industriais, e recomendou aos Estados-nação tomarem providências para pôr freios aos excessos do capitalismo liberal de seu tempo (*laissez-faire*), e assim amenizar os efeitos da pobreza, da instabilidade e da penúria amplamente observadas àquela época. Com o tempo, porém, as discussões da DSI avançam, sempre acompanhando o contexto histórico, refletindo e intervindo nas discussões políticas e econômicas das diferentes épocas. (RIBEIRO; CARVALHO; OREIRO, 2019, p. 715).

Os princípios descritos nas encíclicas remetem a percepção de sociedade e o posicionamento da Igreja às questões sociais diante das transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas ao longo dos tempos, voltando-se para a pessoa humana. Pauta das discussões durante o concílio, as encíclicas fizeram parte também nas discussões em eventos no Brasil. Seguindo o que de mais recente estava em debate para se pensar a organização da sociedade, Charbonneau esteve presente em organizações que transmitiam para as pessoas os ensinamentos acerca da Doutrina Social. Ao lado de nomes que foram de grande relevância para o novo modelo de catolicismo, Charbonneau compartilhou espaços em um meio onde diferentes sujeitos explanavam opinião e suscitavam reflexões na sociedade de maneira pública, a exemplo de ciclo de palestras voltadas para a discussão das encíclicas *Rerum Novarum* e *Populorum Progressio*. Promovidas em 1967 pelas Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Paróquia Universitária de São Paulo e pela Folha de S. Paulo, as conferências trouxeram como temática principal o pensamento social da Igreja com base nas encíclicas mencionadas. Também fizeram parte da série de conferências, Alceu Amoroso Lima e os religiosos D. Hélder Câmara e D. Cândido Padin, sujeitos balizadores nas ações sociais da Igreja Católica.

Charbonneau se apresentou, assim, como mais uma voz do pensamento social da igreja. Na medida em que estava presente em ambientes de socialização e troca de ideias, Charbonneau firmou amizades e, a partir de seus deslocamentos, ganhou reconhecimento como orientador de casais e conselheiro na educação dos filhos. O padre passou, então, a ser um dos principais nomes requisitados para participar de eventos como parte de um grupo de intelectuais que se envolviam em projetos culturais e educacionais de ordem nacional. Conhecido e reconhecido, fez

parte de outros projetos que lhe conferiram influência e visibilidades em temáticas relacionadas à família. Além desse tema, outros que não estavam inseridos em seu campo de atuação também foram mobilizados por Charbonneau – mas ligados à base cristã - visto que ele circulava em diferentes espaços (o colégio, a congregação, os congressos da Escola de Pais etc.). Assim, por conta da sua notoriedade, Charbonneau construiu, além de um capital cultural, um sólido capital social,

> [...] um conjunto de recursos atuais potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável* de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em ou termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passível de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos *por ligações permanentes e úteis*. (BOURDIEU, 2007c, p. 67, grifos do autor).

Considerando a trajetória de Charbonneau até aqui apresentada, podemos apontar os grupos que permitiram a este intelectual “ligações permanentes e úteis”: a Escola de Pais do Brasil, o Colégio e a Congregação de Santa Cruz. Nessa conjuntura, percebemos que à medida que laços foram atados, consequentemente, os sujeitos inseridos se uniram em prol de uma sensibilidade ideológica[16]. Dito de outro modo, formaram uma estrutura de sociabilidade, entendida como uma “[...] sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 248), estas que “[...] variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados” (SIRINELLI, 2013, p. 249).

As estruturas são compreendidas como “redes” que segregam “microclimas”, onde as atividades e o comportamento dos intelectuais “[...] apresentam traços específicos. E, assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se, portanto, de uma dupla acepção, ao mesmo tempo "redes" que estruturam e "microclima" que caracteriza um microcosmo intelectual particular.” (SIRINELLI, 2003, p. 252). Ou seja, um grupo de intelectuais que compartilham seus pensamentos, com interesses comuns, a fim de constituir um espaço de partilhamento de cultura, ideais, teorias e conceitos.

[16] Vista como um problema de uma época que é independente de uma corrente teórica. Em uma sensibilidade ideológica, as correntes teóricas estão articuladas em prol da resolução do problema do seu tempo.

O Colégio e a Congregação de Santa Cruz foram, na trajetória de Charbonneau, um espaço possível para esse partilhamento. Assim, há a relevância de uma rede de relações, no sentido de esta rede, de maneira consciente ou inconsciente, ser estratégia de investimento social "[...] para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo". Relações "[...] ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (sentimentos de reconhecimento, de respeito, de amizade etc.) ou institucionalmente garantidas (direitos)." (BOURDIEU, 2007b, p. 68).

A partir da presença de Charbonneau em instituições marcadas por uma elite intelectual e cultural[17], e o contato que estabeleceu com agentes desses grupos, foi possível um movimento de reconhecimento entre os agentes. "A troca transforma as coisas trocadas em signos de reconhecimento e, mediante o reconhecimento mútuo e o reconhecimento da inclusão no grupo que ela implica, produz o grupo e determina ao mesmo tempo os seus limites [...]" (BOURDIEU, 2007b, p. 68). Nesse sentido, seu reconhecimento como intelectual, com um repertório intelectual mais alargado, pode ser visto mais especificamente nos espaços que conquistou em dois grupos: a Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa (ADCE) e o jornal Folha de São Paulo.

Fundada em São Paulo em 1961, a ADCE[18] é uma instituição sem fins lucrativos que visa trazer o pensamento social cristão para o empresariado. Ela surgiu, no Brasil, no momento de valorização do meio empresarial e de tentativas da Igreja Católica se aproximar de diferentes entidades sociais. Filiada à União Internacional Cristã de Dirigentes de Empresa[19] (UNIAPAC), a ADCE defende os mesmos valores da federação internacional.

> A ADCE-Brasil tem como pilares estratégicos a geração de conhecimento teórico e prático sobre a temática da responsabilidade social empresarial; da sustentabilidade; e da prevalência da dignidade do ser humano na relação entre o capital e todas as partes com o qual se relaciona. O objetivo é a disseminação da Doutrina Social Cristã -

[17] Conforme Sirinelli (1998), as elites culturais são formadas por "homens de cultura" que se traduzem em criadores e mediadores culturais. Estas elites se constituíram entre o cultural e o político e dispõem de poder e de influência, além de uma imagem que é refletida na sociedade.

[18] Tem como fundadores Alain Charles Edouard Moreau, Eduardo de Campos Salles, Elias Corrêa de Camargo, Ernesto George Diederichsen, J. Haroldo Falcão, Luiz Arrôbas Martins, Newton Cavalieri, Paulo Egydio Martins, Paulo Nogueira Neto, Romeu Trussardi Filho, Waldir de Affonseca e Pe. Lionel Corbeil.

[19] Federação de associações de 25 países criada em 1931, com sede na Bélgica, tem como inspiração o "[...] Pensamento Social Cristão e seu objetivo é promover, entre os dirigentes, a visão e implementação de uma economia que sirva, em grande medida, às pessoas e ao bem comum da humanidade." (UNIAPAC, 2008, p. 4).

> DSC entre os empresários e dirigentes cristãos e junto a todos os segmentos da sociedade que possam construir sólidas ações de promoção dos verdadeiros valores éticos e morais. (UNIAPAC, 2008, p. 6-7).

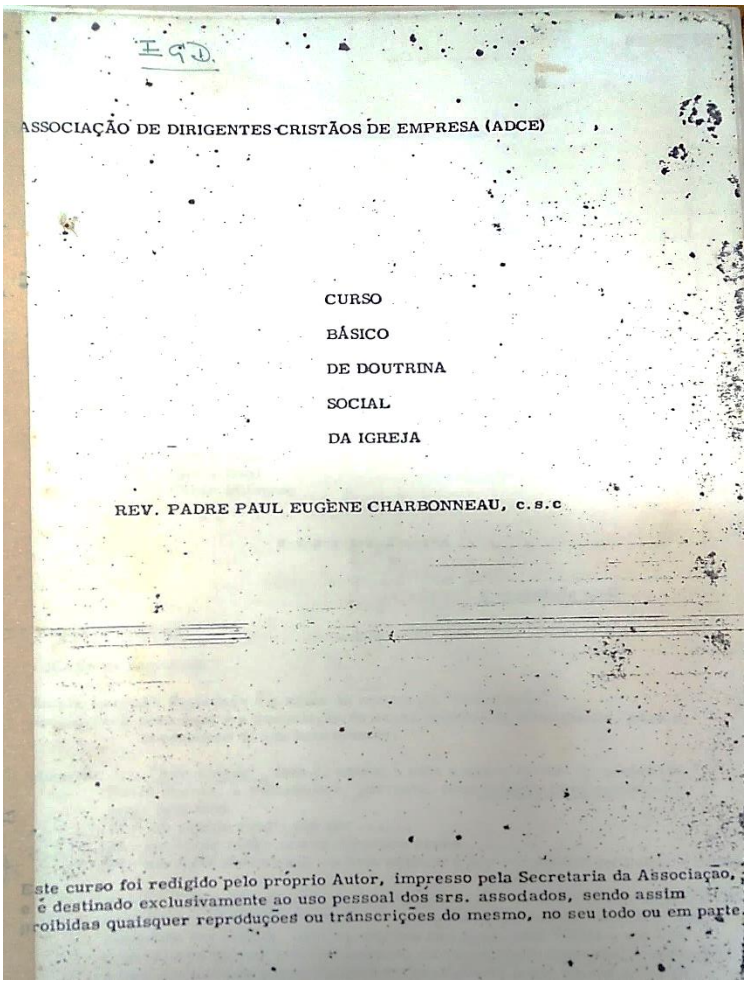
A ADCE foi pensada por alguns empresários católicos e, com a indicação e convite do Padre Corbeil, Charbonneau se tornou o assessor doutrinário da associação. Conforme o artigo 5º, capítulo II, do Estatuto da ADCE-SP de 2013, o assessor doutrinário tem a incumbência de orientar a associação nos moldes da Doutrina Social Cristã e coordenar todos os eventos com vistas à formação doutrinária dos associados da ADCE-SP.

> A partir daí, em reuniões semanais, na hora do almoço, [Charbonneau] conduziria conversas sobre temas capitais da doutrina social cristã – como a posição da Igreja diante da reforma agrária, o conceito de bem comum, a defesa de um modelo participativo da empresa – que, àquela altura, não só permaneciam ignorados no meio empresarial como eram, frequentemente, associados ao comunismo. (MARTINS, 1997, p. 99).

Inserido em um grupo que intervinha significativamente na economia da sociedade e exercendo a sua função de assessor doutrinário, Charbonneau passou a ser o porta voz desse grupo em outros países. Assim, conforme Martins (1997), ele foi designado para ser delegado brasileiro em dois congressos da UNIAPAC: um no Chile (1961) e o outro em Bruxelas (1962). Foi também delegado brasileiro, em 1963, na Comissão Central de Delegados para a UNIAPAC, em Buenos Aires. No mesmo ano, em São Paulo, exerceu a mesma função no Fórum Latino-Americano de Desenvolvimento e, no Rio Grande do Sul, esteve presente na fundação da ADCE-RS, acompanhado dos associados da ADCE-SP.

Entre as contribuições de Charbonneau à ADCE exercendo o papel de assessor doutrinário, merece destaque o curso que ministrou acerca da Doutrina Social da Igreja.

Figura 7 – Curso Básico de Doutrina Social da Igreja



I 9 D.

ASSOCIAÇÃO DE DIRIGENTES CRISTÃOS DE EMPRESA (ADCE)

CURSO
BÁSICO
DE DOUTRINA
SOCIAL
DA IGREJA

REV. PADRE PAUL EUGÈNE CHARBONNEAU, c.s.c

Este curso foi redigido pelo próprio Autor, impresso pela Secretaria da Associação, é destinado exclusivamente ao uso pessoal dos srs. assodados, sendo assim proibidas quaisquer reproduções ou transcrições do mesmo, no seu todo ou em parte.

Fonte: Acervo da autora.

Dividido em cinco capítulos, o curso, ofertado em 1962, era destinado aos integrantes da ADCE e trazia ideias básicas da Doutrina Social. Observemos o sumário do curso no Quadro 1.

Quadro 1 – Sumário do Curso Básico de Doutrina Social da Igreja

CAPÍTULO I – A SOCIEDADE CIVIL

A. Noção preliminar: I. - Noção de sociedade - a. Definição
b. Explicação
II. - Divisão
B. Sociedade civil: I. – Noção – a. Definição
b. Explicação
II. – Origem da sociedade civil – a. O problema
b. A teoria de J.J. Rousseau
c. A teoria comum:
1. Fundamentos
2. Análise destes fundamentos
III. O fim da sociedade civil
C. Resumo: I. – Causa material
II. Causa formal
III. Causa final
IV. Causa eficiente

CAPÍTULO II – A PESSOA HUMANA

A. – Noção de pessoa: I. Pessoa no sentido formal – a. noção de pessoa e noção de unidade
b. que é incomunicabilidade
c. Pessoa e Suposto
II. Pessoa no sentido concreto
III. Consequências: a. os valores pessoais
b. os valores supra pessoais
1. A pessoa na perspectiva da existência de Deus
2. A pessoa na perspectiva da negação da existência de Deus
c. individualidade e personalidade
B. – Pessoa e sociedade: I. A pessoa não é um simples meio
II. O personalismo exclui o individualismo
III. A sociedade é ordenada à pessoa
IV. Pessoa e espiritualismo

CAPÍTULO III – A LEI NATURAL

I. – A lei em geral: a. – Definição do sentido comum
b. – Noção rigorosa
c. – As espécies de leis
II. – A Lei natural: - a. – Noção de lei natural: 1. Relação entre lei e lei natural
2. – os princípios da lei natural:
a. O primeiro princípio
b. O conteúdo do direito natural
1. Preceitos fundamentais
2. Os direitos do homem
b. – Existência da lei primitiva
Primeiro argumento...a partir da noção de natureza
Segundo argumento...a partir da sabedoria de Deus
Terceiro argumento...o testemunho da consciência
c. As propriedades da lei natural 1. Universalidade

2. Imutabilidade
d. Relações entre a lei natural e a lei positiva

CAPÍTULO IV – O LIBERALISMO ECONÔMICO

A. Histórico: 1. Preparação
2. Condicionamento ideológico
3. Fase-chave: o século XVIII
4. O apogeu das teorias liberais: a. O mercantilismo
b. Os fisiocratas
c. Formas extremadas e liberalismo
B. Crítica: 1. O liberalismo econômico e anti-cristão
2. É nitidamente materialista
3. Nega o valor da pessoa humana
4. Nega os direitos fundamentais do homem
5. Considera a economia como “amoral” (“todos os meios são bons)
6. Impõe uma ditadura econômica abusiva
7. Destrói o bem comum
8. Anula o estado
9. Hipertrofia o direito de propriedade
C. Capitalismo e Liberalismo: 1. As diversas formas de capitalismo
2. Relações entre capitalismo e liberalismo

CAPÍTULO V – O SOCIALISMO

a. Histórico: 1. Um novo fenômeno social: a proletarização
2. Os primeiros teóricos: a. Henri de Saint Simon
b. Charles Fourrier
c. Joseph Proudhon
d. Louis Blanc
b. Os princípios diretores do socialismo: 1. Moral positivista
2. Justiça igualitária
3. Lei do progresso
4. Definição genérica
c. O socialismo enquanto concretizado em suas formas políticas:
1. Os diferentes tipos de socialismo
2. Análise do socialismo de Estado
I. Em sua forma rigorosa ou absoluta: a. Principais teses
b. Crítica do socialismo de estado
1º Em geral
2º Em particular
c. Posição católica face ao Socialismo de Estado
II. Em sua forma moderada: a. Os princípios
b. Realização histórica
c. Crítica desta última forma de socialismo

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base em sumário apresentado no arquivo do Curso Básica de Doutrina Social da Igreja, ministrado pelo padre Charbonneau em 1962.

No período em que foi escrito, os debates tinham como pano de fundo questões inerentes ao socialismo quando a preocupação era o contexto político e o liberalismo no meio econômico. No centro desses debates estavam a humanidade, as

pessoas, a sociedade em geral, justamente o público-alvo da igreja a partir de ações religiosas. À medida que observamos o sumário do curso, como consta no Quadro 1, é possível ver bem essa dinâmica, onde no primeiro e segundo capítulos a questão nuclear é a sociedade e a pessoa humana. Pode-se aqui perceber a aproximação estreita com a corrente personalista cristã de Mounier e Lebret, da qual Hélder Câmara também se aproximou e utilizou como base teórica da criação da CNBB. Em seguida, a partir do uso das terminologias lei e natural, vemos uma discussão voltada para o sentido religioso, uma aproximação com o divino e como isso se insere na vida cotidiana enquanto ações práticas. Por fim, nos capítulos quatro e cinco, o objetivo foi mobilizar questões intrínsecas ao liberalismo econômico e ao socialismo, alguns teóricos dessas frentes, como eles incidiram sobre a vida das pessoas no sentido prático, a maneira como a igreja os via e seu posicionamento diante de algumas questões.

Interessa destacar que o curso foi elaborado por Charbonneau como parte de sua atuação na ADCE, ou seja, trata-se de um documento elaborado para ser discutido em um ambiente formado por pessoas que, naquele momento, encontravam-se na posição de empregadores que, boa parte, pouco estabelecia alguma espécie de diálogo com os empregados, na mesma época, embolados por movimentos grevistas com o intuito de reivindicar direitos. Com a conscientização, o intuito aqui é fomentar um processo de humanização da empresa, uma clara aproximação daquilo que é definido no capítulo três como o bem comum, perspectiva abordada nos documentos que forma a Doutrina Social. Uma relação na qual os patrões entendam os anseios dos empregados e que o diálogo seja o fio condutor dessa relação. A figura do padre nessa dinâmica representa a igreja enquanto mediadora para demonstrar que diante de ideologias e modelos econômicos há a possibilidade de harmonia por força da fé.

Tendo em vista o seu pouco tempo em terras brasileiras, Charbonneau encontrou, na ADCE, a oportunidade para estar presente nas discussões políticas da época com o apoio daqueles que eram centrais no desenvolvimento político e econômico do país e que buscavam, na Doutrina Social da Igreja, um meio para cumprir uma “missão social” diante das tensões existentes no período do surgimento da associação.

Conforme Charbonneau tratava de assuntos vistos como polêmicos, ele foi ganhando notoriedade, sendo requisitado para palestrar em alguns espaços sobre

essas temáticas. As discussões realizadas no âmbito da ADCE, Charbonneau estendeu para livros e os artigos na Folha de São Paulo, todas marcadas pela sua posição institucional no âmbito da Congregação e do Colégio. Depois da entrada de Charbonneau na Escola de Pais, em 1963, as contribuições também envolveram o que tinha em sua bagagem desde seus tempos no Canadá, até as atuações no Brasil.

Apesar de distintos, os campos em que Charbonneau atuou estão imbricados e as suas atuações são efeito dessa dinâmica. Na medida em que ele agia dentro de um campo, suas ações promoveram reações, onde foram possíveis deslocamentos para além do que ele era designado a fazer. Disposto a encarar as regras de cada campo em que esteve inserido, Charbonneau utilizou do seu capital social e cultural e passou a ser reconhecido tanto pelos seus pares, quanto pela sociedade, o que acarretou um movimento de trocas entre os agentes do campo e um sentimento, conforme Bourdieu (2007), de conhecimento e o reconhecimento entre eles.

Sua inserção na mídia caracteriza esse movimento de trocas evidenciado em suas contribuições na Folha de São Paulo. Seus textos neste periódico ultrapassaram os conteúdos abordados em seus livros e são uma extensão dos seus trabalhos na Congregação, na Escola de Pais, no Colégio Santa Cruz e na ADCE. Em todos os artigos ele reflete sobre temas ligados à educação, à religião e à política.

Reportar a trajetória educacional de Charbonneau e suas atuações iniciais no Canadá passa por “[...] remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político.” (SIRINELLI, 2003, p. 50). Ademais, na medida em que palestrava, escrevia e ministrava cursos, manifestando publicamente opiniões e orientando seus interlocutores acerca de temas e problemas sociais de seu tempo. Deste modo, Charbonneau se legitimava como intelectual, representante de um grupo e do campo no qual estava inserido.

Por defender e mobilizar ideias, no interior de distintos campos, o padre, o professor, o conferencista e o articulista Paul-Eugène Charbonneau é considerado, neste trabalho, como intelectual tanto no sentido de produtor quanto de mediador cultural, tal como aborda Sirinelli (2003). Com sua postura comunicativa, utilizou, de maneira estratégica, as posições ocupadas e as oportunidades que lhes foram dadas, atuando de modo expressivo no campo educacional brasileiro. O percurso intelectual

de Charbonneau também implica percebermos a relação, conforme Bourdieu (2007a), entre as posições sociais e disposições do agente estudado neste trabalho.

> A homogeneidade das disposições associadas a uma posição e seu ajuste, aparentemente miraculoso, as exigências inscritas na posição, são o produto, por um lado, dos mecanismos que fornecem orientação para as posições aos indivíduos ajustados de antemão, seja por se sentirem feitos para determinados cargos como se estes tivessem sido feitos para eles - trata-se da "vocação" como adesão antecipada ao destino objetivo que e imposta pela referência prática à trajetória modal na classe de origem -, seja por aparecerem como tais aos ocupantes desses cargos - neste caso, trata-se da cooptação baseada na harmonia imediata das disposições - e, por outro, da dialética que se estabelece, no decorrer de uma vida, entre as disposições e as posições, entre as aspirações e as realizações. (BOURDIEU, 2007a, p. 104).

Essa relação entre a posição e disposição de um agente nos ajuda entender o porquê da vinda de Charbonneau ao Brasil e, também, nos auxilia na análise da trajetória deste intelectual nesse país. Isto porque, no Canadá, Charbonneau, por meio do seu trabalho, das relações sociais e apreços intelectuais, conseguiu estar inserido e ser reconhecido no campo educacional e religioso, o que aconteceu também no Brasil. Ele trouxe na bagagem os ensinamentos e o projeto educacional, humanístico e cultural da congregação pela qual foi formado. As experiências nos espaços por ele ocupados e o lugar de fala em que estava inserido no novo país, lhe permitiu mobilizar temáticas as quais considerava serem relevantes para o contexto brasileiro.

Diante disso, quando colocamos em evidências os motivos que permitiram Charbonneau chegar ao Brasil, sua relevância para o Colégio de Santa Cruz e o que ele representava para os outros lugares em que atuou, temos como resultado a figura de uma pessoa sendo requisitada não por questões de “coleguismo”, mas por se constituir enquanto agente capacitado para desenvolver questões acerca de determinados temas, muitos deles polêmicos. Considerando esses aspectos, a partir do item a seguir, fizemos algumas inserções sobre o processo de monumentalização de Charbonneau, uma vez que nossas leituras sobre o padre educador nos levaram a pensá-lo como um intelectual-monumento[20].

[20] A categoria de intelectual-monumento vem sendo definida por nós, baseada em Le Goff. Ela modela a construção do monumento baseada na preservação da memória do indivíduo que se tornou referência para os vivos.

1.2 A constituição do intelectual-monumento

Quando fomos à São Paulo coletar informações acerca do padre Charbonneau, nos deparamos com algumas de suas marcas, bem além daquelas que já imaginávamos. Sabíamos que livros de sua autoria e tantas outras fontes impressas que nos contariam um pouco mais da sua história iriam aparecer nesse roteiro de pesquisa de campo. Porém, o que não esperávamos, daí a parte surpreendente, era nos deparar com construções que receberam o seu nome, um demonstrativo de homenagem e, consequentemente, de manutenção da memória do padre.

Diante disso e considerando os pressupostos da trajetória de Charbonneau no Colégio Santa Cruz e nos demais lugares por onde passou, ou todo aquele mosaico de informações, além de nos interessar a compreensão daquela determinada realidade, como destaca Chartier (1990), também nos foi nuclear mobilizar questões acerca da cultura material que circundasse esse agente histórico. Aquele professor, padre, autor, intelectual, foi no imaginário de certo grupo social, objeto direto para realização de feitos que se enquadram na categoria de produção humana. Esses mesmos que, além de prestar homenagem, são passíveis de serem entendidos enquanto portadores da função de memória histórica.

É importante destacar que a cultura material não se define por ser um reflexo apático da sociedade a qual pertence. Na contramão dessa ideia, os elementos pertencentes a essa categoria se transformam em vetores por meio dos quais é possível entender crenças, ideias e, mais afundo, simbolizam pessoas, como é o caso desta pesquisa. Acerca dessa questão, Chartier (1990) nos lembra que estruturas pertencentes ao mundo social se distanciam da ideia de dados objetivos, pois, historicamente, elas são produzidas considerando práticas, seja política, social, discursiva. Entretanto, gostaríamos de acrescentar neste ponto a prática educativa, sem, necessariamente, alterar o sentido da expressão, uma vez que o objeto desse estudo teve na área da educação a sua maior prática.

Chartier acrescenta ainda que

> São estas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o objecto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como reflectindo-o ou dele se desviando. (1990, p. 27).

Nessa questão, importa destacar que o meio salutar para se chegar a uma compreensão significativa de determinada história são os processos, pois são eles mesmos que contribuem para a edificação de um sentido histórico. Emerge disso, a cultura material enquanto indício de produção humana ou a mobilização desses elementos como forma de reconhecimento de práticas culturais protagonizadas por indivíduos. Nesse sentido, a cultura material ganha contornos mais robustos quando, na inserção acerca do seu valor constituído, entendemos que esse mesmo valor é mais abrangente quando ela se revela útil. Cabe destacar aqui a própria figura de Charbonneau, sua prática nos espaços que transitou, todos os objetos que surgiram a partir da sua ação, que em suas concepções, revelam utilidades múltiplas.

Considerando as terminologias cultura e materialidade, além do que eles buscam definir, Pesez (1990, p. 180-181) ressalta que

> Sem querer propor uma definição que se pretenderia decisiva e universal, podemos o que supõe a materialidade associada à cultura. A cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura. No entanto, não é todo o conteúdo da resposta que se acha envolvido pela cultura material. A materialidade supõe que, no momento em que a cultura se exprime de maneira abstrata, a cultura material não está mais em questão. Isso designa não apenas o domínio das representações mentais, do direito, do pensamento religioso e filosófico, da língua e das artes, mas também as estruturas socioeconômicas, as relações sociais e as relações de produção, em suma a relação entre os homens.

Nos é possível inferir neste ponto que, embora a cultura material faça parte de certa estrutura, ela não sobressai ao todo por ser ela mesma parte dessa dinâmica. Daí a sua forma de expressão que vem por meio do concreto, nos e a partir dos objetos. Interessa acrescentar, que da relação entre os homens e objetos, a figura humana, conforme Pesez (1990), em sua estrutura física (corpo), consiste em um objeto material. Além disso, em se tratando de cultura, a ação humana, o humano, não pode estar ausente.

No interior dessas inserções, não nos é prioridade neste momento, definir um conceito pleno para cultura, tampouco para material, mas problematizar os significados expressos quando as duas terminologias são utilizadas simultaneamente, visto que é o resultado disso que nos possibilitará uma leitura mais aprofundada do Padre Charbonneau, objeto nuclear desta pesquisa. Entretanto, quando

consideramos a imanência do personagem supracitado, nossos olhares atingem a vida social que, irredutivelmente, é permeada por cultura e, igualmente, por materialidades culturais. Assim, nesse jogo, conforme Bourdieu (2003), os agentes sociais flertam com normas instituídas mutáveis que por assim se constituírem, deixam de estabelecer qualquer espécie de fronteira entre os âmbitos culturais, que não são poucos.

Se existe a ocorrência de agentes em estado constante de deslocamentos, inclusive, produzindo, precisamos lembrar, conforme demonstrou Chartier (1990), que representações e práticas são segmentos a serem entendidos como não dissociados na vida cultural, pois à medida que um fomenta ao outro, a separação entre ambos não é algo urgente.

De acordo com Rede (1996, p. 274),

> É justamente por não se limitarem aos seus ingredientes materiais que as coisas têm um papel que excede ao de quadro físico da vida social. Tal distinção seria, aliás, inconcebível. O universo material não se situa fora do fenômeno social, emoldurando-o, sustentando-o. Ao contrário, faz parte dele, como uma de suas dimensões e compartilhando de sua natureza, tal como as idéias, as relações sociais', as instituições.

Em conformidade com o mesmo autor, seria esse o aspecto salutar da cultura material, porque para além das ambiguidades possíveis, ela demonstra a existência de uma matriz cultural que evidencia a material e, inversamente, a cultura enquanto detentora de uma dimensão material.

Em síntese,

> [...] como a cultura não é um segmento do fenômeno social, mas uma dimensão extensiva sua, não se poderia isolar uma seção que não fosse cultural ou uma outra que o fosse exclusivamente. Desse modo, a questão da cultura não pode ser dissociada daquela da materialidade, sob o risco de lhe conferir um caráter fantasmático. Bastaria dizer que não existem sentidos, valores ou mensagens culturais que sejam completamente internalizados na consciência (individual ou coletiva), que sejam criados em uma matriz que dispense a materialidade ou que sejam vetorizados apenas por circuitos operacionais imateriais. A cultura material é, por excelência, matriz e mediadora de relações. (REDE, 1996, p. 274).

Nessa perspectiva, a cultura material tem como atributo fazer um elemento ser visto em seu estado de pertencente a uma dinâmica de características

heterogêneas. Em outras palavras, a ação de esgotar um objeto culturalmente considerado não é uma constante da cultura material.

Diante desse quadro, a considerar a posição de historiadoras ocupada por nós, alguns desafios nos são impostos, visto que a trajetória de qualquer que seja o objeto está suscetível a transformações seja da sua natureza ou significado no meio social. Assim, é possível inferir que um desses desafios tem a ver com a questão da trajetória do objeto, uma vez que durante esse percurso ele pode incorporar, bem como perder atributos. Além disso, a concretização desse caminho supõe a travessia por uma teia de significados onde a classificação e reclassificação em grupos culturalmente constituídos são reais. Considerando essa questão, nosso trabalho (enquanto historiadoras) extrapola o descortinar de características duradouras, pois buscar explicar as razões pelas quais aquelas transformações se concretizaram torna-se mais urgente. Se considerarmos a própria materialidade do objeto, veremos que ele se move perante contextos culturais distintos e conseguintes, algo que possibilita ao mesmo tempo certa potencialização da sua condição, tornando-o uma fonte fecunda para problematizar certa conjuntura social. Daí o valor do esforço em entender essa rede dinâmica, para, entre outras coisas, dar a cultura material seu significado pleno.

Outra problemática, tendo a trajetória do objeto como referência, diz respeito ao exercício de transpassar a existência do objeto enquanto tal (produzido, consumido, descartado, salvaguardado). Nesse caso, a concretização desse movimento torna-se efetiva à medida que vislumbramos a possibilidade de inserir esse mesmo objeto em uma nova realidade ou acrescentamos, sem alterar o sentido, sua atual realidade, visto que o momento em que o pesquisador se dedica a uma causa precisa ser considerado. Fazendo isso, adicionamos aos adjetivos anteriormente citados, o de que o objeto passa a ser, também, um conjunto de informações. O que nos interessa destacar nesse ponto é que em um jogo de interação onde o pesquisador é uma das partes, a cultura material pode revelar atributos até então escusos.

Diante disso, convém assinalar, assim como demonstrou Chartier (1990), que a tarefa prima do historiador é reencontrar essas representações considerando sua materialidade cultural que, embora antigas, possuem especificidades irredutíveis e, por isso mesmo, precisamos estar atentos para não envolvê-las em categorias anacrônicas.

Nesta perspectiva, dar a ver as construções acerca do nome de Charbonneau indica toda a influência histórica, social e intelectual que aquele sujeito representou para os espaços por ele ocupados. Em forma material, as ações de Charbonneau permanecem presentes na memória dos que por ali passam. Além disso, o modelo de cada construção representa a ação que o padre teve em cada ambiente. Sendo assim, o que nos vem à mente quando pensamos na atuação do padre Charbonneau nas diferentes instituições em que ele passou? Quais são os "lugares de memória"[21] que têm a pretensão de apresentar Charbonneau e, fazendo isso, impedem que as suas ações caiam no esquecimento? Para responder tais questões, voltemos um pouco à trajetória de Charbonneau.

Iniciamos o nosso capítulo apresentando o vitral[22] disposto no hall da secretaria do Colégio Santa Cruz, instituição nuclear para a sua vinda ao Brasil e basilar para a sua visibilidade neste país. Apresenta-lo como "o educador" vai além da sua atuação enquanto professor da instituição, sem deixar de destacar, claro, a sua prática docente. Charbonneau, estudioso e intelectual, contribuiu para a elaboração do projeto educacional da escola e, por continuarem baseando-se no pensamento pedagógico deste intelectual, ele é relembrado como a "alma pedagógica" da escola. Inferimos que o intuito daquele vitral, disposto em um local onde circulam pais, estudantes, profissionais da escola e visitantes, é o de apresentar os três alicerces da instituição pelo visual. Por isso, o local onde o artefato está posicionado já é, por si só, um lugar de imponência e, estar em destaque diante de tantos agentes que foram essenciais para a construção da escola, revela a importância dada a sua atuação.

Para além do vitral, há uma biblioteca cujo nome é Biblioteca Padre Charbonneau, onde estão presentes seu acervo pessoal de leituras, as obras de sua autoria, bem como outros livros que podem ser consultados pelo público geral. Entre outros exemplos, conservar e expor esse conjunto de objetos no interior da biblioteca reforça o status de intelectual que ele foi e, de forma simultânea, assegura que a memória de sua prática não se perca no tempo. Isso posto, o encontro com esse

[21] "Os 'lugares de memória' seriam tanto lugares materiais, a exemplo de museus e arquivos, quanto lugares pouco palpáveis ou imateriais, como aniversários, elogios fúnebres, rituais, comemorações." (ABREU, 1994, p. 207).
[22] Rever figuras 1 e 2.

acervo pessoal também foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois devido ao seu valor histórico e cultural, destinamos um capítulo[23] para ele.

Figura 8 – Letreiro da *Biblioteca Padre Charbonneau*

Fonte: Acervo da autora.

Enquanto as pessoas se deslocam nos arredores da biblioteca – que tem diferentes espaços de vivências – elas podem se deparar com o letreiro apresentado na figura 8 sobreposto na parede ao lado do elevador. Em função de este letreiro estar localizado em um dos pontos de acesso às demais áreas da biblioteca, à medida em que os visitantes por ali transitam, eles são instados a criar um imaginário acerca de Charbonneau, visto que o letreiro faz menção a pessoa que inspirou o nome da biblioteca.

Assim como no Colégio Santa Cruz, a Escola de Pais buscou eternizar o conferencista dos congressos e um dos intelectuais que esteve junto ao movimento desde a sua fundação. Por conta da sua produção discursiva e atuação nas atividades da EPB, Charbonneau permanece presente não só na memória, mas em espaços do lugar que hoje é a sede do movimento. Ao seguirmos nosso roteiro de pesquisa em São Paulo, encontramos uma foto imponente do padre e, também, um auditório[24] em

[23] Aspectos da Biblioteca Padre Charbonneau serão aprofundados no capítulo 2.
[24] Por razões técnicas, durante a pesquisa, não foi possível realizar a foto do auditório.

sua homenagem. Se pensarmos em sua função na Escola de Pais, o auditório é um signo representativo de sua atuação enquanto congressista, ministrante de cursos e palestras. Ao protagonizar essas ações, Charbonneau contribuiu para a projeção do movimento, ao mesmo tempo, é preciso considerarmos que a EPB foi um palco importante para a disposição de suas ideias.

Na ADCE também encontramos um auditório com o seu nome, referência semelhante à da EPB, pois ele, enquanto assessor doutrinário daquela instituição, promoveu ali também muitos cursos e palestras. A figura 9 demonstra esse reconhecimento.

Figura 9 – Auditório da ADCE Pe. P. E. Charbonneau

Fonte: Acervo da autora.

Outros objetos que nos fizeram inferir o quanto a sua contribuição foi significativa para a constituição do movimento da Escola de Pais, são alguns dos livros de Charbonneau presentes nas prateleiras juntamente com as revistas derivadas das palestras do congresso, assim como os cartazes dispostos na parede do auditório. À medida que os cartazes rememoram a história dos eventos da EPB e nela está presente Charbonneau estampado como conferencista, para ele também é conferido o título de detentor de um espaço fixo naquele lugar, visto que as oportunidades que

lá teve foram preponderantes para a transformação do recinto em um dos seus principais lugares de fala.

As paredes do auditório ganharam essa função de preservação da memória, pois lá estão dispostos em quadro, as vezes em que Charbonneau lá esteve atuando, como é possível conferir a partir das figuras 10, 11 e 12.

Figura 10 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1968)

Fonte: Acervo da autora.

Figura 11 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1969)

Fonte: Acervo da autora.

Figura 12 – Cartaz do Congresso Nacional da Escola de Pais (1970)

Fonte: Acervo da autora.

Como é possível observar nos cartazes de três edições do mesmo congresso, a temática central era a família, porém, em diferentes segmentos. Conforme apresentado na Figura 11, as informações contidas na descrição do cartaz destacam que o diálogo foi a partir da “palavra autorizada de grandes pensadores”, uma medida que chancela Charbonneau enquanto autoridade naquela área.

Os lugares de memória não estão, contudo, confinados ao interior das instituições que Charbonneau atuou. Dois outros espaços lhe conferem homenagem em decorrência da sua relevância para o estado de São Paulo: uma praça e uma escola pública. A Praça Padre Charbonneau está localizada ao lado de uma das entradas do Colégio Santa Cruz, na rua Oboró, bairro Alto dos Pinheiros – SP. Já a

Escola Estadual Professor Doutor Paul-Eugène Charbonneau localiza-se em Campinas, na rua José Rômulo de Oliveira, Jardim Fernanda.

Figura 13 – Placa sinalizando a Praça Padre Charbonneau

Fonte: Acervo da autora.

Figura 14 – Vista frontal da E.E Prof. Dr. Paul Eugene Charbonneau

Fonte: Google maps.

Os lugares aqui apresentados configuram a singularidade e valor dado às ações do padre Charbonneau. Na intersecção entre espaços de diferentes configurações, Charbonneau transforma-se em um agente distinto, parte significativa de um passado individual e coletivo, uma referência no presente de diferentes gerações, visto que seus ensinamentos, sua prática, serão, a partir disso, perpetuados. Trazer esses elementos visa assegurar o reconhecimento, as formas de evocação e celebração da memória do padre a partir de construções e objetos iconográficos. Esses espaços produzem e preservam a memória do padre intelectual, reforçam os seus significados, trazendo o passado para o presente.

Assim, pensando na materialidade que envolve a trajetória de Charbonneau e o significado cultural da representação dessa materialidade, alinhada a sua produção intelectual, é que chegamos as terminologias intelectual e monumento. Intelectual pelo sujeito que foi se constituindo conforme a sua formação educacional, os cargos por ele ocupados e pensamentos comunicados, além de posicionamentos expostos. Monumento em relação a memória que, a partir da imagem, das ações daquele sujeito, o passado é evocado e eternizado. A ideia de monumento enquanto instrumento por meio do qual se busca salvar a humanidade do esquecimento ou possibilitar, mesmo que a partir de outro prisma, a continuidade da vida. Entretanto, é mais comum se atrelar a condição de monumento a projetos arquitetônicos, representações de fenômenos, algo que claramente não é o caso aqui. Isto porque, estamos mobilizando uma figura humana e problematizando-a enquanto monumento, pois entendemos que ela faz parte desse universo cultural que os monumentos buscam viabilizar.

Antes de aprofundarmos tal questão, ou seja, a de intelectual-monumento, voltemos ao estudo de intelectual cuja referência teórica, como já mencionado, está apoiado em Sirinelli (1998, 2003), para problematizarmos duas questões. De acordo com este autor, o campo dos intelectuais abrange as dimensões política, social e cultural e duas abordagens delineiam a categoria. A primeira, sociológica e cultural, que compreende os mediadores e produtores culturais articulados aos tempos, lugares, produção, difusão e recepção da cultura. Esse conjunto de atores envolve professores, escritores, jornalistas e estudantes em potencial. A segunda abordagem baseia-se no envolvimento dos sujeitos com a cidade, ou o engajamento, seja de forma direta ou indireta.

> Direto, com funções de ator, ao lado de outros agentes do jogo político, ou de testemunha, que refrata e esclarece - decantando ou amplificando - as tensões e os riscos de seu tempo. Indireto, como consciência de seu tempo: neste caso, ele não é apenas um elemento de microclimas intelectuais ou um barômetro do ar dos tempos políticos; torna-se, em um papel que pode além disso permanecer passivo, um agente da circulação das massas de ar cultural, o que determina a instalação das grandes zonas ideológicas de um período.[25] (SIRINELLI, 1986, p. 99, tradução livre).

Esta segunda abordagem estuda o sujeito a partir da circulação de ideias, analisando a ação política deste. Longe de se anularem, as duas abordagens, a cultural e a política, se complementam, pois ambas são elementos de natureza sociocultural e é a partir de

> [...] sua notoriedade eventual ou sua "especialização", reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende. (SIRINELLI, 2003, p. 243).

Ao exercer essa função, o intelectual tem uma ação mais incisiva no âmbito social e passa a ser reconhecido pela sociedade em que vive como ator social. Este sujeito, então, deve ser pensado como um ser que é parte dos laços políticos do período em que está inserido, ou de uma elite cultural, “[...] ligados à sociedade que os rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade” (SIRINELLI, 1998, p. 264).

Considerando essas questões, o estudo do monumento alinhado aos intelectuais constitui o reconhecimento de um sujeito a partir de sua produção e circulação intelectual, ultrapassando a barreira das ideias. Ao invés de legá-lo ao esquecimento, Charbonneau é relembrado e recriado em espaços que resumem as suas principais ações em vida. Assim, ele é constantemente evocado por meio do seu nome que, por si só, marca a existência social, como bem demonstrou Bourdieu (2006).

---

[25] Direct, avec les fonctions d'acteur, aux côtés d'autres agents du jeu politique, ou de témoin, qui réfracte et clarifie - en les décantant ou en les amplifiant - les tensions et les enjeux de son temps. Indirect, en tant que conscience de son époque: dans ce cas, il n'est pas seulement un élément des microclimats intellectuels ou un baromètre de l'air du temps politique; il devient, dans un rôle qui peut d'ailleurs rester passif, un agent de la circulation des masses d'air culturelles, qui détermine l'installation des grandes zones idéologiques d'une période. (SIRINELLI, 1986, p. 99).

Em se tratando da materialidade e valor cultural dos objetos apresentados, como, por exemplo, as imagens, quando pensamos no sentido tradicional do termo, o monumento

> [...] é uma obra erigida para ultrapassar o presente e transmitir à posteridade a memória de uma pessoa ou fato. Na sociedade contemporânea, a construção de indivíduos monumentos com o poder de representar, evocar e perpetuar o passado representa objeto privilegiado no estudo da constituição e imposição da memória coletiva. (DELGADO, 2008, p. 388).

No mesmo direcionamento, Le Goff (1990) define monumento como uma palavra que exprime a função de memória. “O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.” (LE GOFF, 1990, p. 536). No caso de Charbonneau, as suas ideias se perpetuaram no tempo por meio dos seus escritos e da memória, principalmente por parte dos grupos que o teve enquanto membro. Assim, é possível pensar essas características como um caminho da monumentalização, pois uma das suas peculiaridades é a de imortalizar uma conjuntura ou parte dela.

Dessa esteira de pensamento, o engajamento político, onde o intelectual é protagonista, é responsável por caracterizar as suas formas de produção, circulação e recepção dos produtos culturais, visto que para entendê-lo enquanto monumento, a constatação dessa questão é preponderante. Com isso, Charbonneau, no campo das ideias, está consolidado, pois elas circularam no interior e fora do seu grupo, fosse a partir de publicações ou falas. Assim, a monumentalização do sujeito aqui empreendida, é feita em conjunto com a história dos intelectuais, a representação superou as ideias e, por isso, alcançou status de materialidade. Na medida em que seu nome foi utilizado para denominar construções, como a biblioteca, os auditórios e a escola, não foi só para homenageá-lo, mas para lembrar ou assegurar que ali foram e continuarão sendo mobilizadas suas ideias. Tal como foi a prática de Charbonneau, permeada pela leitura e a escrita.

Convém acrescentar que ao tomarmos a posição de enxergá-lo enquanto potencial monumento, não surge simplesmente por força do encontro com os espaços e construções mencionados anteriormente, bem ao contrário disso, o próprio fazer histórico possibilita tal ação. Segundo Le Goff (1990), a monumentalização de algo

tem a ver com um conjunto de elementos, onde a partir dos quais, nos cabe enquanto historiadoras, problematizá-los considerando algumas categorias, como por exemplo, a de reagrupamento ou de pertinência. Em grande medida, será essa tomada de consciência que irá permitir pensar o objeto no interior de um conjunto, cenário favorável a concretização, para Le Goff (1990), de um documento enquanto monumento e para nós de Charbonneau como intelectual-monumento.

Mais do que destacá-lo como tal, é preciso apresentar alguns porquês. Neste caso, entendemos que o Padre Charbonneau, como agente histórico engajado em um projeto, bem como pertencente a determinado grupo, não se configurava como um sujeito estático, muito pelo contrário, ele fora resultado consciente ou inconsciente de uma história, um contexto, de uma sociedade, uma época, como assinalou Le Goff (1990), que, de igual modo, continuou sendo, mesmo que nos períodos sucessores. Já não mais no plano físico, mas ainda com voz, mesmo em estado absoluto de silêncio. As ações de Charbonneau transpassam o tempo, duram, pois são testemunhos e possuem significados. Cabe-nos desmistificá-los, conforme Le Goff (1990), e assim assegurar sua presença no presente, em outras palavras, na temporalidade que estamos posicionados comunicando e para as gerações vindouras. Assim, Charbonneau tem sido visto a partir da nossa ótica como intelectual-monumento porque é o vetor de perpetuação de uma prática cujo objetivo é o de apresentar no presente a importância das suas ações promovidas no passado.

Assim como Le Goff (1990) advertiu que é tarefa do historiador analisar os documentos de modo que o produto dessa ação seja uma crítica, para que no processo de monumentalização eles não sejam derivativos de uma revolução documental, a pretensa condição de intelectual-monumento estendida a Charbonneau tem por natureza esse mesmo *modus operandi.* A justificativa para tal movimento é a de que Charbonneau vai além de uma figura que ficou por conta do seu passado. Ao contrário disso, ele se sustenta em função da sociedade a qual pertenceu e dos laços de poder que protagonizaram, parte de uma dinâmica bem mais intensa e complexa de relações, produções discursivas e práticas educativas. Daí a função em construí-lo como intelectual-monumento, pois conforme Le Goff (1990), a análise do objeto segundo essa intenção permitirá a memória coletiva mantê-lo ativo, embora ausente. Em outras palavras, recuperá-lo sempre que necessário. Interessa acrescentar, que nesse coletivo estão presentes, também, historiadores, como é o nosso caso, que o mobilizamos não por encantamento, mas por conhecimento da causa.

Dentro desse mosaico teórico-metodológico, essencial para o tratamento desse objeto, é que foi possível mobilizar o padre Charbonneau de modo a retirar de suas bases o máximo de informações, isto porque, com nossas inserções buscamos nos aproximar mais de um produto científico do que de um relato apaixonado acerca de Charbonneau. Pensamos, também, tê-lo inserido no quadro de objetos caros para o campo da história da educação, tanto pela entrada em relação à cultura material como pela questão dos intelectuais, mobilizados anteriormente.

2 PATRIMÔNIO E LEGADO EM PRATELEIRAS: A BIBLIOTECA PEDAGÓGICA DE CHARBONNEAU

No interior das instituições escolares, são abrigadas memórias de um passado ainda presente, pois são guardados objetos dos mais variados segmentos, pertencentes aos agentes que ali passaram. São símbolos que se constituem como elementos de uma memória e do patrimônio histórico educativo. Além de serem conservadores de um passado a ser conhecido pelas futuras gerações, tais objetos apresentam-se como possíveis fontes para o conhecimento de signos culturais[26] por parte dos historiadores da educação. Desvelar a historicidade dos objetos e espaços figurados enquanto patrimônio educativo salvaguarda a memória dos acontecimentos e personagens que constituíram a ação pedagógica da instituição.

Investigações acerca do patrimônio têm instigado pesquisadores da História da Educação devido à amplitude dos materiais/fontes e das possibilidades historiográficas. A noção de patrimônio revela parte da busca pela mediação do presente com o passado. Possamai (2012), ao discutir sobre o patrimônio como uma categoria de pesquisa na História da Educação, ressalta que, etimologicamente, o patrimônio está ligado a ideia de herança, de bens de propriedade e implica em cuidado. Com a modernidade, o sentido de conservação de elementos do passado se fortaleceu. De acordo com a autora supracitada, o patrimônio seria, então, a "[...] expressão de uma valorização do passado a partir do presente; um presente onipresente obcecado por si mesmo e que não tem outro horizonte de perspectiva em função da crise do regime moderno de historicidade, calcado no futuro." (POSSAMAI, 2012, p. 112). O patrimônio nos remete, dessa maneira, a preservação de um bem herdado, de valor social e cultural, passível de uma constante visitação para não cair no esquecimento.

Do mesmo modo que a noção de patrimônio se modificou, o que antes era conhecido pelos pesquisadores por patrimônio escolar, passou a ser patrimônio histórico educativo por conta da amplitude documental encontrada no ambiente escolar e os múltiplos significados de sua guarda, o que possibilitou englobar tanto a materialidade escolar, quanto as práticas e os sujeitos envolvidos com a escola. Essa pluralidade de objetos finda por se tornar acervos que apontam para um passado

[26] Cf. SILVA; ORLANDO (2019).

educacional que resistiu ao tempo e que conta a história da instituição. No entanto, Possamai faz algumas ressalvas. De acordo com a autora,

> [...] são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. Quem guardou e por que guardou? Quais os valores atribuídos para guardar esses objetos e não outros? Quais as apropriações dos sujeitos da escola com esses espaços? (POSSAMAI, 2012, p. 117).

Se, por um lado, eles contam uma história, por outro, a historicidade de sua organização também deve ser levada em conta quando são investigados por historiadores da educação. Isto porque, o que foi, de certa forma, selecionado, tem dada relevância para a instituição e representa algo de muito valor para a sua história a ser lembrada. Sujeitos, espaços e objetos fazem de um prédio um memorial de gerações passadas.

Na medida em que a escola e seu passado se tornaram, segundo Mogarro (2013), objetos de grande interesse por parte dos pesquisadores, seus patrimônios constituídos foram ganhando novos enfoques, principalmente por parte dos investigadores ligados a história da educação. Faz parte dessa conjuntura de bens escolares os atores educativos, cujo significado para a instituição pode ser claro, mas que para o mundo investigativo pode estar encoberto. Por esforço de pesquisas que mobilizam essa temática é que a preservação e valorização do patrimônio educativo tem se tornado cada vez mais relevante.

Viñao Frago (2011), ao comentar sobre memória utilizou as pedras como figura de linguagem. Para este autor, as pedras podem falar e, inclusive, gritar para quem quer ouvi-las e sabe como fazer, pois elas seriam a memória de determinados objetos. No caso desta pesquisa, aquela biblioteca como um todo, deseja falar, rememorar Charbonneau a partir da sua constituição.

Como afirmou o autor,

> Os usos e significados dos restos materiais e imateriais e vestígios do passado diferem, assim como seus significados, dependendo de quem, de onde, como e para quais propósitos são vistos. É possível, como já foi apontado, um uso nostálgico, que tem sua origem e

> contribui para a construção do sentido biográfico de si e do passado.[27] (VIÑAO FRAGO, 2011, p. 49, tradução livre).

A memorialística suscita esse recordar que acompanhado de diversificadas problemáticas tipifica e considera algo digno de ser recordado. É nessa perspectiva que a figura de Charbonneau surge no interior dessa dinâmica, pois a perpetuação do padre como patrimônio educativo é reflexo das suas ações no passado, seja no CSC, na EPB e na ADCE, bem como dos agentes que no presente proporciona sucessivos fôlegos de vida a memória desse personagem. Cabe acrescentar neste ponto, conforme Viñao Frago (2011), a possibilidade de acrescentar a esse patrimônio um sentido didático. O fato de ele ter sido utilizado para caracterizar espaços que expressam essa finalidade, nos leva a problematizar que junto a questão da homenagem, é possível acrescentar que mais do que um ato de consideração, é a demonstração do legado de Charbonneau transformado em patrimônio educativo. Sua prática, além de significar, exemplifica processos determinados de ensino e aprendizagem.

Neste capítulo, destacamos a produção e conservação de uma biblioteca, constituída ao longo de 59 anos, data da fundação da instituição que a abriga, com destaque para um acervo pessoal do intelectual aqui em estudo, o padre Charbonneau.

2.1 Biblioteca Padre Charbonneau: integração entre passado e presente

Quando a Biblioteca de Alexandria, uma das maiores e mais importantes bibliotecas do mundo antigo, foi fundada no século III a.C. na cidade de Alexandria, a intencionalidade era que ela se tornasse uma espécie de centro cultural e farol do mundo, um lugar onde, por força da sua função e ambição dos idealizadores, se reuniriam textos de todo o mundo e de todas as áreas do conhecimento. O esforço que aqui protagonizamos, o de rememorar um fato demasiado remoto, não tem por finalidade estabelecer qualquer tipo de comparação ou conexão entre a biblioteca

[27] Los usos y sentidos de los restos y huellas materiales e inmateriales del pasado difieren, como difieren sus significados, en función de quién, desde dónde, cómo y con qué fines se mira. Cabe, como ya se ha señalado, un uso nostálgico, que tiene su origen y contribuye a construir el sentido biográfico de uno mismo y del pasado. (VIÑAO FRAGO, 2011, p. 49).

supracitada e a que nos serve de objeto nesse trabalho. Ao contrário disso, essa evocação do passado, que mais se aproxima de uma analogia, nos serviu de base para refletirmos acerca da biblioteca recém-inaugurada do Colégio Santa Cruz, sobretudo no que tange à função social e cultural das bibliotecas em relação à produção e difusão do conhecimento e à simbologia de se constituir como centro irradiador da cultura.

Fundada junto com a instituição, em 1952, porém, sem um espaço físico específico, a biblioteca do Colégio Santa Cruz funcionava em uma sala anexa ao refeitório e tinha poucos livros. Como a dimensão do espaço era limitada, os alunos apenas buscavam os escritos, não ficando para fazer a leitura naquele ambiente. Na medida em que colégio cresceu, a biblioteca o acompanhou. Com o passar dos anos, aumentou-se o número de bibliotecárias, assim como o acervo e o espaço. A mudança da rotina também influenciou o atendimento da biblioteca. Entre as décadas de 70 e 80, a escola, que antes funcionava em turno integral, passou a receber os alunos apenas em um turno. Como não havia necessidade de que eles fizessem a refeição no colégio, o refeitório foi desativado e, assim, a biblioteca passou a ocupar o bloco. A partir desse momento, ela passou a ter um lugar próprio, bem mais amplo, onde, além de guardar o acervo bibliográfico, também ocorriam alguns eventos, como palestras, conferências e até casamento. Apesar de não termos acesso à imagem do espaço anterior quando ainda era uma sala, na figura 14 temos a representação do prédio da época, em que vemos a ampliação desse espaço de acordo com a dimensão da edificação.

Figura 15 - Antigo prédio da biblioteca do Colégio Santa Cruz[28]

Fonte: Disponível em: https://santacruz.g12.br/. Acesso em: 22 nov. 2020.

Com a ideia de interligar o passado com o presente e, também, de acompanhar a configuração da sociedade atual, em setembro de 2020 a biblioteca foi inaugurada, sendo que, no processo de reforma, o prédio antigo foi demolido e um novo foi construído no mesmo lugar. Conforme disposto no endereço eletrônico oficial da escola, o prédio traz, além da modernidade, a reafirmação do projeto pedagógico da instituição.

Sabemos que os dias hodiernos são caracterizados por uma sociedade envolvida pela informação. Diante deste cenário, a biblioteca foi desafiada a concorrer com aparatos tecnológicos que permitem ter acesso a informação de maneira instantânea. Conquistar novos leitores, de certa forma, passou a ser cada vez mais difícil. De acordo com Chartier (1998, p. 128), a proliferação do universo textual, por vezes, “[...] acabou por levar ao gesto da destruição, quando devia ser considerada a exigência da conservação.” Como fazer, então, para que este espaço, que começava a tornar-se não muito atraente aos jovens, chamasse a atenção deste público promovendo conforto e despertando a curiosidade e espírito de pesquisa ao mesmo tempo?

A iniciativa da instituição foi a de estimular o acesso ao conhecimento e ao passado a partir de instrumentos tecnológicos atuais, os quais estão presentes no cotidiano dos alunos, seja no ambiente escolar ou em momentos de lazer. Diante

[28] Não obtemos informação referente ao ano de construção desse prédio, porém, conjecturamos que o prédio seja da década de 70.

desta realidade, podemos pensar a biblioteca Padre Charbonneau como um “laboratório” de aprendizagens, onde diferentes saberes são desenvolvidos mediante a existência de distintos ambientes. O novo prédio comporta uma área útil de 2.000m² com dois andares e mantém o contato com a área verde da escola, assim como o restante da instituição. Agora com o prédio suspenso, a parte inferior permite momentos de socialização nas mediações da área de estudos, conforme vemos na figura 15.

Figura 16 – Biblioteca Padre Charbonneau (2020), do Colégio Santa Cruz

Fonte: Disponível em: https://santacruz.g12.br/. Acesso em: 22 nov. 2020.

Ao passo em que é possibilitada essa relação de proximidade, há uma diminuição na distância existente entre os livros e diferentes tipos de leitores, pois quando estão em ambientes atrativos e interativos, os jovens – grande público da escola – deixam de temer aquilo que é visto como “exaustivo”, tendo em vista que estão acostumados com as telas. Em função disso, não só de livros impressos é composto o acervo da biblioteca. Como a ideia foi a modernização, ao mesmo tempo em que integra o passado, também são disponibilizados livros digitais e audiovisuais, além de ter um estúdio de multimídias e mobiliários adaptáveis, que podem ser movidos de acordo com a finalidade do uso do ambiente.

A nova estrutura física do prédio é formada por vidro e aço, a qual proporciona uma alusão à modernidade, o que permite o contato visual com a área verde da escola. No espaço interno, é disponibilizado um acervo de aproximadamente 30.000 livros para consulta, relacionados às áreas das ciências em geral e obras literárias nacionais e internacionais. Para encontrar os livros, os usuários da biblioteca têm ao seu alcance tablets para consulta. Há também salas para estudos individuais e em grupos, proporcionando aos alunos momentos de socialização e trocas de aprendizagens, bem como para sozinhos fazerem leituras no silêncio, semelhante, podemos dizer, ao que ocorria na biblioteca de Alexandria e em tantas outras bibliotecas antes da era digital. Darnton (2010) fala sobre essa mudança de conceito da biblioteca, agora mais interativa, mas ainda como espaço de saber e mediação cultural. Hoje, além dos livros e salas de estudos, a biblioteca do Colégio Santa Cruz conta ainda com espaços voltados para o fazer artístico e o desenvolvimento da criatividade, com salas destinadas às oficinas de invenção e espaços para exposições artísticas e culturais.

Um fato que circunda o contexto da inauguração dessa biblioteca é o de reunir, também, um acervo global. Além disso, é possível inferir, segundo Chartier (1998), que o espaço onde se encontra tal acervo também servirá para que o leitor possa “perambular” por entre as estantes, deixar-se imergir na materialidade impressa ali ofertada. Importa destacar que embora o prédio da biblioteca se encontre dentro dos limites do terreno pertencente a escola, o nome faz referência a um professor que, em vida, integrou o corpo docente da instituição, Paul-Eugène Charbonneau. Devido a essa questão de suma importância que, ao nosso ver, a fundação dessa biblioteca também congrega o caráter de patrimônio histórico educativo, pois a partir do momento que decidiram atribuir o nome desse professor à biblioteca, além de indícios de manutenção da memória desse sujeito, o significado dele para a instituição e toda sua representação como homem de cultura é ressaltado. Deste modo, com a iniciativa de reservar um espaço para expor livros de sua autoria e seus objetos pessoais, um lugar de memória foi constituído em uma via de mão dupla. Ao preservar a memória de Charbonneau, o próprio colégio se constituía como lugar de excelência por meio de seu maior símbolo intelectual. Nesse sentido, a construção de uma memória cujo sentido pode ser lido apenas como laudatório possui também um sentido educativo e simbólico.

Acerca desta questão, Nora (1993) afirma que os lugares de memória estão ligados a uma tentativa do não esquecimento, são demonstrações de que somos feitos de lembranças e que esses lugares “[...] são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora” (NORA, 1993, p. 12-13). Segundo o autor, por essa necessidade do lembrar, do não deixar esquecer, os lugares surgem e vivem com base em uma memória não espontânea, pois são organizados pela vontade da coletividade em reviver momentos.

> Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar dos seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22).

Conforme Nora (1993), esses lugares teriam, simultaneamente, os sentidos material, simbólico e funcional. A biblioteca do Colégio Santa Cruz, ao dispor arquivos do padre Charbonneau, é material e, ao mesmo tempo, simbólica porque palpita a memória de uma vida. Constitui-se como funcional, porque materializa e transmite para aqueles que estão no presente as lembranças de um passado vivido por poucos. Segundo o autor supracitado, o que os transforma em lugares de memória é o diálogo entre a memória e a história, um encontro que leva à “sobredeterminação recíproca”. Isso faz parte da ideia de que, se há a necessidade da memória, é porque precisa-se da história. A preservação dessa memória é um instrumento de reconstituição do significado de um grupo ou uma sociedade para si mesmo. Assim, escolher o nome de um professor e intelectual que repensou o projeto pedagógico quando tomou posse de sua função, é reafirmar para si e para os outros a identidade do colégio.

A efetivação da proposta do colégio, que foi a de construir uma biblioteca que ligasse o passado ao presente, pode ser verificada a partir do momento que reservou um espaço para exposição permanente do acervo de livros e objetos pessoais de um professor relevante para a instituição que, além de destaque na atividade docente, foi mentor do projeto pedagógico da escola. Importa destacar, que essa conjuntura ou história, assim definido por Nora (1993), repousa em uma construção cujos moldes remetem à modernidade. Nesse caso, o encontro entre ambas as situações, espaço

contemporâneo e passado remoto, não serve para reafirmar um ao outro, bem ao contrário. Enquanto a construção moderna almeja estabelecer certa conexão com a atualidade, a presença de memórias de agentes históricos de outrora enseja certo prolongamento das ações do sujeito, apesar da morte. Isto porque,

> Os acontecimentos passados inscrevem as suas marcas no espaço físico, social, cultural, bem como na corporeidade e na consciência individuais. São esses vestígios que tornam possível revisitar o passado e constituir cadeias temporais, que estruturam a percepção e a memória, uma vez que o passado, como não ser já, permaneceria inacessível. (FELGUEIRAS, 2005, p. 89).

De acordo com Silva e Orlando (2019), estes espaços físicos e as marcas deixadas passaram a ter mais destaques nas pesquisas acerca do patrimônio no campo da historiografia da educação, os quais eram antes ignorados. Toda a materialidade, espaço físico, práticas escolares, bem como os sujeitos educativos, são parte da memória escolar e são patrimônio educativo, caracterizando-os, dessa forma, como uma herança educativa.

> Ao falarmos de herança educativa partilhamos quer o sentido afectivo inerente à nossa condição comum de aluna/o, que fomos, e de professor/a, que somos, quer ainda a perspectiva de uma história social, que trabalha a cultura material articulada com uma visão etnológica. Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didácticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as tácticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar. Da cantina ao gabinete médico, à actividade administrativa, pretende-se ver a escola como lugar de interacções em que professores, alunos, funcionários e famílias construíram e constroem um espaço relacional, num quadro físico e social estruturado, que participa na definição do conceito de criança. Se as ideias e teorias pedagógicas podem ser conhecidas através de escritos, as rotinas do quotidiano escolar e das vivências da condição de criança, de aluno/a e de professor terão de ser investigadas através das memórias e materiais a elas associados. (FELGUEIRAS, 2005, p. 92).

Em suma, a biblioteca Padre Charbonneau é, acima de tudo, patrimônio histórico educativo tendo em vista que reúne um passado vivido por integrantes do colégio, uma herança permanentemente lembrada e revivida pelas atuais e, quiçá, futuras gerações. É também um lugar de memória, porque evoca o passado com a

intencionalidade de não legá-lo ao esquecimento, visto que nasceu e foi vivenciado sob o signo da identidade institucional que é a de prostrar-se enquanto escola moderna sem se desprender da tradição.

2.2 Memória do autor

Quando tratamos de uma biblioteca que traz em seu acervo obras e objetos pessoais de um indivíduo, este espaço se constitui como um lugar onde está presente uma memória individual e, ao mesmo tempo, coletiva. Os impressos dispostos nas prateleiras, guardados por seu valor educativo, cultural e afetivo, nos apresentam o investimento do sujeito a ser lembrado, um inventário que desenha o pensamento e revela o tipo de leitor que ele era. Além disso, ao passarmos pelas obras de autoria do padre Charbonneau, percebemos um ecletismo de campos e temáticas, uma demonstração de que ele se importava e transitava por diversificadas questões, fossem elas preocupações da época em que estava inserido ou o exercício da autoria.

Tendo em vista que o viés católico foi o seu campo de formação e atuação, boa parte dos livros de autoria de Charbonneau seguia essa direção e tinham a educação como meio para intervir na sociedade. Embora tenha vindo para o Brasil para ser professor de uma instituição católica, sua atuação proporcionou a oportunidade transitar por ambientes em que o catolicismo era praticado, porém, quando exerceu a função da autoria, seus posicionamentos nas obras ultrapassou os assuntos da igreja, contemplando, como por exemplo, questões da vida cotidiana. Importa dizer que uma peculiaridade da sua autoria foi eleger uma questão central e, a partir dela, elaborar obras, cursos e artigos publicados em jornais. Essa diversificação de formatos de produção possibilitava um alcance maior em função dos diferentes perfis de leitores alcançados.

Com o intuito de classificar algumas de suas obras, inicialmente, apresentamos um quadro geral com informações técnicas, indicando o título da obra, o ano e a editora em que foi publicada. Essa escolha envolve, além do aspecto visual, a possibilidade de um mapeamento do acervo do padre Charbonneau, visto que o número de obras é expressivo. Ao todo, Chabonneau publicou 42 obras entre 1962 e 1987. Dos livros delineados no quadro 2, todos eles foram publicados em português, por editoras brasileiras, porém, alguns foram traduzidos para outro idiomas.

Quadro 2 – Biblioteca pedagógica do padre Charbonneau

Título do livro	**Ano de publicação**	**Editora**
Reforma social cristã no Brasil	1962	ADCE
Noivado	1965	Herder
Sentido cristão do casamento	1965	Herder
Cristianismo, sociedade e revolução	1965	Herder
Limitação dos nascimentos	1965	Duas cidades
Moral conjugal do século XX	1966	Herder
Educação brasileira e colégios de padres	1966	Herder
Amor, sexo e segurança	1967	La salle
Pais e filhos - diálogos sobre o amor	1967	Herder
Desenvolvimento dos povos	1967	Herder
Amor e liberdade	1968	Herder
Humanae vitae e liberdade de consciência	1969	Herder
Curso de preparação ao casamento	1971	Herder
Pais e filhos	1971	EPB
A escola moderna: uma experiência brasileira	1973	EPU
Educar – diálogo de gerações	1973	EPU
Educar – problemas da juventude	1974	EPU
Pais e filhos – diálogos sobre o amor	1978	EPB
Educação sexual – seus fundamentos e seus progressos	1979	EPU
Adolescência e liberdade	1980	EPU
O homem à procura de Deus	1981	EPU
O Brasil, hora de desafio – dramas éticos do nosso tempo	1982	Almed
Entre capitalismo e socialismo: a empresa humana	1983	Pioneira
Pais, filhos e tóxicos	1983	Almed
O Brasil, hora de perplexidade – homem, Igreja, política	1984	Almed
Crônica da solidão	1984	EPU
Marxismo e socialismo real	1984	Edições Loyola
Valores. Que valores?	1984	Almed
Namoro e virgindade	1985	Moderna
Sentido Cristão do casamento (2. ed)	1985	Loyola
Educar - de ontem para amanhã	1985	EPB
Jovens – casamento à vista	1985	Loyola
Da teologia ao homem	1985	Loyola

Educação: amor, segurança e sexualidade	1986	EPB
Pais e filhos- diálogos sobre o amor	1986	EPB
Da *Rerum novarum* à teologia da libertação	1986	Loyola
Curso de filosofia – lógica e metodologia	1986	EPU
Educação sexual	1987	Clube do livro
AIDS: prevenção/escola	1987	Paulinas
Drogas: prevenção/escola	1987	Paulinas
Adolescência e sexualidade	1987	Paulinas
Amor de outono – encontros de casais	1991	Loyola

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras a partir das obras publicadas por Paul-Eugène Charbonneau, localizadas no acervo do Colégio Santa Cruz.

Além dos livros apresentados no quadro 2, Charbonneau colaborou em outros a partir da co-autoria com profissionais de outros segmentos e, também, contribuiu com capítulos de livros organizados pela Escola de Pais. Ainda de acordo com o disposto no quadro 2, a maioria dos livros de Charbonneau foi publicada pelas editoras Herder e EPU. Ambas as editoras foram importadoras e distribuidoras dos mesmos grupos, o Editorial Herder (Espanha) e a Verlag Herder (Alemanha). Devido a mudanças nas parcerias, a Herder do Brasil passou a ser, em 1973, EPU - Editora Pedagógica e Universitária e, a partir de 1983, começa a publicar, em sua maioria, obras de autores brasileiros.

No tocante às temáticas dos livros, conseguimos agrupá-los em 5 categorias, quais sejam: educação das famílias, pensamento católico, pensamento político, educação escolar e literatura. Nesta configuração, a biblioteca pedagógica de Charbonneau fica assim constituída em quatro grandes estantes, nesta tese:

Quadro 3 – Livros de Charbonneau classificados por temáticas

EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS
Noivado
Sentido cristão do casamento
Moral conjugal do século XX
Amor, sexo e segurança
Pais e filhos - diálogos sobre o amor
Amor e liberdade
Pais e filhos
Curso de preparação ao casamento
Educar – diálogo de gerações
Educar – problemas da juventude
Pais e filhos – diálogos sobre o amor
Educação sexual – seus fundamentos e seus progressos
Adolescência e liberdade
Namoro e virgindade
Sentido Cristão do casamento (2. ed)
Educar - de ontem para amanhã
Jovens – casamento à vista
Educação: amor, segurança e sexualidade
Pais e filhos - diálogos sobre o amor
Educação sexual
AIDS: prevenção/escola
Drogas: prevenção/escola
Adolescência e sexualidade
Limitação dos nascimentos
Pais, filhos e tóxicos
Valores. Que valores?
Amor de outono – encontros de casais
PENSAMENTO CATÓLICO
Cristianismo, sociedade e revolução
O homem à procura de Deus
Da teologia ao homem
Da *Rerum novarum* à teologia da libertação
PENSAMENTO POLÍTICO
Reforma social cristã no Brasil
Desenvolvimento dos povos
Humanae vitae e liberdade de consciência
O Brasil, hora de desafio – dramas éticos do nosso tempo
Entre capitalismo e socialismo: a empresa humana
O Brasil, hora de perplexidade – homem, Igreja, política
Marxismo e socialismo real
EDUCAÇÃO ESCOLAR
Educação brasileira e colégios de padres

A escola moderna: uma experiência brasileira
Curso de filosofia – lógica e metodologia
LITERATURA
Crônica da Solidão

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos livros publicados de autoria de Charbonneau.

Quando olhamos o quantitativo de obras de cada categoria, percebemos que Charbonneau privilegiou os temas voltados à orientação das famílias e, também, um direcionamento dos jovens para o que fortemente preocupava a sociedade brasileira: as drogas e as particularidades da sexualidade na juventude. A educação dos jovens, incluindo aí a formação das famílias para que melhor pudessem lidar com seus problemas conjugais e também melhor compreender seus filhos, sobretudo nessa fase da vida, foi o projeto com o qual Charbonneau se envolveu mesmo antes de sua chegada ao Brasil, porém, nesse país, passou a ser mais intensa, principalmente após aderir ao movimento da Escola de Pais, com o qual estabeleceu uma parceria que se constituía como uma via de mão dupla, já que também fortaleceu o movimento com as suas contribuições escritas, palestras, conferências e participação em programas de televisão.

Essas discussões trazidas por Charbonneau, bem como as ações proporcionadas pela Escola de Pais mediante os profissionais por ela reunidos, podem ser lidas no conjunto de práticas religiosas que visam a perpetuação e uma reprodução da “ordem social”. A produção de Charbonneau pode ser entendida no bojo das estratégias da Igreja Católica como um alerta para conservar e restaurar princípios e valores relacionados à moral católica, a partir da ordem social. Por essas questões, entendemos que há uma articulação estreita entre campo religioso e poder político, pois

> A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica: (I) pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a tais estruturas a legitimação suprema que é a “naturalização”, capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamento comuns, bem como pela reafirmação solene de tal consenso [...] (II) ao lançar mão da autoridade propriamente religiosa de que dispõe a fim de combater, no terreno propriamente simbólico, as tentativas proféticas

> ou heréticas de subversão da ordem simbólica. (BOURDIEU, 2007b, p. 70).

Se voltarmos o nosso olhar para as publicações de Charbonneau, vemos as tentativas de manutenção da ordem social, tendo em vista que, ao orientar os pais na educação dos filhos e na conservação do casamento, assim como ao direcionar reflexões sobre problemas que estavam presentes no meio dos jovens, os argumentos daquele intelectual tinham direcionamentos religiosos para o enfrentamento destes problemas. Suas obras se tornaram referências para o tema e renderam ao padre a legitimação como autoridade no assunto.

Ao tratar da relação dos jovens com os pais, uma das problemáticas abordadas por Charbonneau na resolução de conflitos gerados no meio familiar era o embate existente entre as gerações. Isto porque, ele caracterizava a família como um lugar por excelência e necessário da eterna dialética das gerações: dessas gerações que sempre oscilaram entre os dois fenômenos fundamentais da condição humana: o nascimento e a morte.” (CHARBONNEAU, 1974, p. 19). Condições estas passadas por todas as pessoas.

Nessa perspectiva de dialética de gerações, o autor indica a existência de fatores que levam ao conflito nas gerações familiais. Um deles é o choque ontológico. Segundo o intelectual, quando o filho nasce, vem junto um aviso sutil sobre a morte do pai, o que pode ser o motivo mais profundo no antagonismo entre pais e filhos. “O devir do filho é a revelação da eliminação cronológica do pai; quando pouco a pouco um se faz, o outro, também pouco a pouco, cessa de ser”. Porém, o “[...] filho não tem consciência do peso magnífico do seu ser; o pai não tem consciência de seu medo do não ser”. (CHARBONNEAU, 1974, p. 20). Como consequência, a família passa a ser, então, uma “arena mortal”. Para evitar que isso ocorra, as conversas devem ser realizadas sempre em busca do amor. De acordo com Charbonneau, para os que não conseguem encontrar o caminho do amor, só restará a vontade de que a família termine.

O gerador do choque psicológico é o confronto entre o *tu* do pai “[...] que retém a existência após havê-la dado” e o *eu* do filho “[...] que avança no tempo e, por sua vez, quer torna-se homem, inconsciente de que nunca o será senão no momento em que o outro (o pai) deixar de sê-lo.” (CHARBONNEAU, 1974, p. 22). Com isso, passam a existir dois tipos de liberdade: a do pai, resumida em sua autoridade sobre o filho; e

a dos filhos, que demonstram, conforme autoridade dos pais, uma contestação ao que está sendo submetido. Os pais, ao exercerem a autoridade, acabam sendo vistos pelos filhos como um “inimigo”, fazendo da família, mais uma vez, um campo de conflitos. Percebe-se aqui uma base psicanalítica no pensamento do padre, que era também leitor de Freud e Erich Fromm.

Conforme Charbonneau, a socialização destes conflitos entre os integrantes da família torna mais abrangente a contestação de suas estruturas. Eis, então, outro fator que desestabiliza o diálogo das gerações, pois passam a existir outros agentes intermediários na educação dos filhos. De acordo com o autor,

> Da família nasciam as primeiras orientações, os primeiros imperativos, e à sua sombra passava-se do *eu* para o amplo *nós* da comunidade. Estas funções fundamentais, que conferiam à família uma importância social muito grande, são desempenhadas agora, cada vez mais, por grupos e meios de comunicação alheios aos meios familiais e que, além do mais, muitas vezes lhe são hostis. Vê-se na família um obstáculo a ser vencido, uma força reacionária que pode reter o indivíduo no interior de uma fortaleza psicológica que o torna inatingível, subtraindo-o à barulheira das solicitações com que gostariam de atacá-lo. (CHARBONNEAU, 1974, p. 26).

Na época em que Charbonneau escreveu o seu livro, os meios de comunicação – como a televisão e o rádio –, para ele, eram os que, por vezes, exerciam a educação dos filhos. Desta forma, a autoridade na educação dos jovens era transferida para a sociedade, o que ele intitulou de “catequização ideológica”, onde o individual passava a não mais existir. Com esse tipo de educação, todos pensavam da mesma forma e o jovem, daquele período, considerava mais a forma de pensar veiculada pelos meios de comunicação do que as que eram apresentadas pelos seus pais.

Diante dessas problemáticas, Charbonneau sugeriu pensar não mais a família no passado, mas no que ela esboça para o futuro. Ele indica que a civilização passou por modificações, o que afetou a família. Devido a isso, ela também sofreu um “reexame”, sendo posta em causa a sua interpretação sociológica, que envolve tanto o rompimento do seu caráter sociológico quanto o econômico e o jurídico-moral. Também foram questionados os seus valores fundamentais, os quais esse intelectual elenca como: a crise do amor, a desvalorização do casamento; aversão a dependência do outro; rejeição à autoridade; rompimento com a tradição; imperativos religiosos são ignorados e os morais recusados.

Frente às transformações ocorridas na época, consideradas por Charbonneau como profundas, violentas e rápidas, ele sugere “conservar a calma”, pois “[...] a família nunca foi estática. Mesmo sob a aparência de fixidez social ela esteve sempre em movimento”. E acrescenta:

> Se nos interrogarmos sobre os ritmos próprios à evolução social e à evolução estrutural da família, nota-se certa arritmia. Ambas movem-se paralelamente mas em compasso diferente. A rapidez de transformação da sociedade é muito maior que a da família. É a história da lebre e da tartaruga. Isso se deve, sem dúvida, à maior mobilidade da sociedade e ao caráter conservador da família. (CHARBONNEAU, 1974, p. 56).

Três fatos representam estes diferentes ritmos. Primeiro, a secularização da sociedade e a sacralização da família, pois, na medida em que evolui, a sociedade se distancia da dimensão religiosa e a família, por mais que evolua, mantem o caráter “sagrado”. Há, dessa forma, um “[...] paralelismo entre a evolução da sociedade e a da família. Esta última se transforma com a primeira, mas depois dela e em seu próprio ritmo de modificação. Esquecer isto seria condenar-se a deformar a análise da realidade familial.” (CHARBONNEAU, 1974, p. 59).

Um outro é a “apolitização” da família com o advento da democracia. Segundo Charbonneau, a família, “[...] daí em diante fica completamente esquecida. Digo daí em diante, porque houve tempo ainda próximo em que as forças políticas eram aglutinadas em redor do centro familial.” (1974, p. 29). Além disso, o Estado, diz o padre, passou a intervir na família a fim de promover o bem-estar dos filhos, principalmente por meio da escola que se tornou pública, o que diminuiu a autoridade paterna. Com isso,

> A eclosão intelectual e moral do filho não era mais, senão em parte, atribuição dos pais. Cabia em grande parte aos mestres que o Estado poderia impor, e aos quais não se podia subtrair o educando. Estava rompido o domínio paterno; o círculo familial se partira; a família abria-se para o mundo. A sociedade a penetrava por todos os lados e nada mais restava senão aderir ou se defender. (CHARBONNEAU, 1974, p. 64).

Vê-se, dessa forma, as evoluções distintas da sociedade e da família que caminham na rapidez e lentidão, terceiro ponto destacado por Charbonneau. De acordo com o autor, “[...] a evolução social e a evolução familial não podem ser

consideradas rigorosamente paralelas. Elas se entrelaçam, mas se distinguem [...]" (CHARBONNEAU, 1975, p. 60). Com base em tais constatações, o que estava ocorrendo, na época, não era o fim da família, como muitos afirmam, mas, sim, conforme Charbonneau, a passagem do que era considerada a família de estrutura tradicional para a contemporânea.

Com o "fim da família tradicional", algumas funções desta instituição foram perdidas, que podem ser resumidas em quatro: a função religiosa, onde a morte dos entes queridos é aceita com facilidade e as suas lembranças não são mantidas; a política, pois a família não se posiciona quanto ao que o jovem pretende governar; a jurídica, tendo em vista que o direito passou a considerar mais o sujeito no individual como referência, sendo poucas as ocasiões em que havia a preocupação com a família; e a função econômica que, por conta da industrialização, a "unidade familial" perdeu forças para as massas – formadas por indivíduos e não por famílias – na produção e solicitações de consumo.

O fato de a família perder algumas de suas funções não significa dizer que ela desapareceu. Pensando em solidificar que a família não estava no fim, mas em transição, Charbonneau ressalta que há uma distinção entre dizer que a família tradicional terminou e que a família acabou. Ancorado em suas premissas e constatações, ele conclui:

> Realmente, se nos detivermos com mais atenção sobre o momento da civilização que atravessamos, e considerarmos o lugar que a família está destinada a nela ocupar, veremos que, se ela perdeu algumas de suas funções características, adquiriam outras não menos vitais e que poderíamos mesmo chamar de mais nobres. Se a família tradicional morreu, ao mesmo tempo nasceu em seu lugar um novo tipo de família. Resta descobrir os seus traços fundamentais. (CHARBONNEAU, 1974, p. 67).

Esse novo tipo de família indica que ela não é conservada, mas renovada e permanece o seu lugar na civilização. "Trata-se agora de mostrar esse lugar. Que é preciso então para declarar que no mundo contemporâneo o papel da família é muito mais importante do que antes... e que ela é mais necessária do que nunca?" (CHARBONNEAU, 1974, p. 67). Para responder a este questionamento, Charbonneau elenca três funções da "família contemporânea" que permaneceram, porém foram remodeladas devido às novas demandas da sociedade, a saber: biológica, econômica e educadora. No que tange à função biológica, o intelectual

aponta que a família sempre será o lugar de excelência para gerar a vida, mesmo com a tecnologia de fazer surgir à vida pelo procedimento *in vitro*, a qual é criticada pelo autor, que defende:

> Com efeito, a vida sob o ponto de vista humano não nasce simplesmente do encontro fortuito de um espermatozóide e um óvulo: ela brota do amor do homem e de uma mulher que querem que o universo contenha em si o testemunho vivo e pessoal desse amor. Um dia poderão procriar por meio de pinças; será apenas um acidente. E enquanto houver lugar para o amor no coração do homem, haverá lugar para o filho desse amor no seio da mãe amada. E haverá a família. Na família o filho encontrará sua identidade de homem. (CHARBONNEAU, 1974, p. 68).

Nesta perspectiva, a família é o principal lugar para o nascimento da vida humana e o que permite o modelamento de uma identidade para o indivíduo. Para o intelectual, “[...] sem a família, seríamos fantasmas sem rosto”, pois precisamos estar ligados a alguém para sermos alguém, e é na família que isso é possível. (CHARBONNEAU, 1974, p. 69). Assim, a família é um ponto de referência para a identificação do ser.

Ao trazer a função econômica, o autor destaca que a instituição familial, perante a sociedade de consumo, se tornou uma barreira protetora para evitar que os filhos sejam seduzidos pelos sistemas de informação. Ela também torna-se um porto seguro, pois, em um futuro de incertezas e quando os jovens tomam decisões erradas, a família está pronta para ampará-los. Esta orientação para não se tornar um adulto consumista é parte da função educadora da família que, conforme o padre, se depara com uma sociedade em que é defendida uma educação por si mesmo, onde os jovens não precisam de orientação para “ser”. Porém, ele defende que em uma “[...] civilização do não-ser e do tudo ser, eles necessitam como jamais de guias seguros e inteligentes que os conduzam pelo dédalo desta sociedade embrutecida” (CHARBONNEAU, 1974, p. 69). É papel dos pais guiarem seus filhos em sua “busca do ser”, pois, segundo o intelectual, é um erro pensar que eles conseguem fazer isso sozinhos.

> Ao supor que a juventude possui uma autonomia que na realidade não tem, revestindo-a de ilusória maturidade, os adultos dispensam-se do dever de educar: e a mocidade morre se ninguém cuidar dela [...] Mais do que nunca é preciso não abandonar. E é aos pais, em primeiro

> lugar, que compete oferecer aos filhos um lar que seja a fonte serena de um vir-a-ser são e sólido. (CHARBONNEAU, 1974, p. 69).

Depois de abordar as problemáticas vivenciadas pelos pais na educação dos filhos, Charbonneau elenca cinco planos em que o papel da família será fundamental. No plano afetivo, onde a família exerce a função de "refúgio do amor", pois ela deverá proteger e abrigar os seus integrantes de um mundo "que esmaga e tritura todas as pessoas" (CHARBONNEAU, 1974, p. 71). No plano cultural, a família se apresenta como "refúgio do espírito" devido ao trabalho desgastante presente na sociedade industrial.

> Ao deixar o trabalho só existe um santuário onde o homem poderá contemplar as coisas do espírito sem ser acusado de sabotagem ou de ineficiência: o lar. [...] No seio da família dar-se-á à criança e aos pais o banho de cultura que lavará suas almas dos condicionamentos estereotipados e embrutecedores do mundo exterior. (CHARBONNEAU, 1974, p. 72-73).

Voltando-se para o plano social, este autor defende que a família deve estar presente na educação escolar dos seus filhos para "dar alma" a escola, pois, sem essa presença, os jovens seriam instruídos, porém não educados. Dessa forma, estando ativa, a família consegue retomar a tarefa de educar, mesmo que esta se apresente de outra forma. Já no plano comunitário, a instituição familial se desenvolve com uma "comunidade de amor" visto que se nela não existir amor, passaremos a viver em um mundo de desamor. "A comunhão do amor, tão necessária ao coração ferido do homem, far-se-á na família, ou não se fará. [...] Enquanto houver a família haverá a fonte de amor na terra." (CHARBONNEAU, 1974, p. 74-75).

Por fim, o plano da promoção da pessoa no qual a família terá o papel fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo. Diante de uma sociedade despersonalizante, cabe a família humanificar o ser. Para alcançar este propósito, Charbonneau aponta que é preciso estar disposto a seguir três apelos. O da *escola da liberdade*, sendo permitida a liberdade dos membros da família. O da *moral profunda*, "[...] a que brota dentro do homem, que cresce ao mesmo tempo que sua razão" (CHARBONNEAU, 1974, p. 76). E a *escola da existência*, onde os pais conduzirão "[...] os filhos em direção ao Absoluto, e inundará sua existência a grandeza de Deus." (CHARBONNEAU, 1974, p. 77).

Charbonneau conclui que a sociedade contemporânea da época se apresentava como necessitada da instituição familial. Por este motivo, a família ressurge mais fortalecida, sendo agora o centro para a “criação” dos jovens e a “re-criação” dos velhos. Ele reafirma que a família não estava no fim, mas em *transição*. Como ação para trabalhar em prol da orientação das famílias, visto que era uma necessidade da época, Charbonneau se responsabilizou por orientar casais em encontros proporcionados pela Escola de Pais, que serviram, também, como impulsos para a escrita dos seus livros sobre essa temática.

Na ocasião do I Congresso Nacional da Escola de Pais em 1964, onde teve a oportunidade fazer a palestra de abertura, Charbonneau foi saudado por mais de setecentos casais. Foi a partir da aprovação desses casais que surgiu a ideia dos encontros e, naquele mesmo ano, deu-se início ao Encontro de Casais, no Colégio Santa Cruz. De acordo com Martins (1997, p. 149-150), as reuniões funcionavam da seguinte maneira:

> Durante três dias, quase uma centena de casais se reúnem para discutir em profundidade aspectos da experiência conjugal. A princípio, Antônio Junqueira faz uma breve apresentação do não muito conhecido padre Eugênio; em breve, no entanto, isso já não será necessário. A fama do orador se espalha de tal modo e é tamanha a procura que os encontros se fazem então a cada mês, com uma fila de espera de cerca de quarenta, cinquenta casais. Isso sem contar aqueles desesperados que pedem, a todo custo, para serem inscritos na última hora.

Os encontros iniciavam na sexta à noite e os casais eram recebidos por Charbonneau em uma sala mal iluminada. A primeira pergunta feita pelo padre era: “Imaginem que vocês estão à beira do caixão do seu cônjuge e se perguntam: o que é que eu fiz com ele, esses anos todos?” (MARTINS, 1997, p. 150). A cada dia era uma provocação para os casais refletirem acerca da relação de um com o outro.

> No sábado de manhã e de tarde Charbonneau voltava à carga. Primeiro se empenhava em pintar os traços característicos das psicologias masculina e feminina. Depois, perscrutava finamente um problema sob a ótica de um dos sexos. Detinha-se em análises, em miúdas explicações, finalmente convencia o cônjuge de que, de fato, o seu ponto de vista era correto e o outro, equivocado. Mas, no instante seguinte, invertia bruscamente o problema e o induzia a contemplar a posição oposta. No fim, depois de sucessivas “acareações”, ambos os cônjuges eram levados a se confrontar com

> as posições irracionais que marido e mulher, frequentemente, tomam um diante do outro. (MARTINS, 1990, p. 150).

Como experiência para os encontros de casais, Charbonneau orientava individualmente alguns cônjuges que os procuravam para receber conselhos. Percebendo a necessidade de cada casal, Charbonneau construía as suas falas baseando-se no que era escutado e conseguia auxiliar tantos outros casais, atuando com o que parecia ser um terapeuta.

À medida que observamos o quantitativo de obras de cada categoria, percebemos que Charbonneau privilegiou os temas voltados à orientação das famílias. Diante disso, tal conjunto evidencia um projeto de intervenção pedagógica católica exercido desde o período em que esteve no Canadá até a sua inserção no movimento da Escola de Pais, quando o mesmo foi fortalecido. Por conta dos bons resultados que os encontros ocasionavam, eles se difundiram rapidamente. Além disso, com as novas configurações de família – onde a mulher passou a ter mais voz – e a mudança no relacionamento dos filhos com os pais que passavam a confrontar a hierarquia de poder e o autoritarismo em que se baseava a relação pais e filhos – os jovens casais sentiam necessidade de orientação.

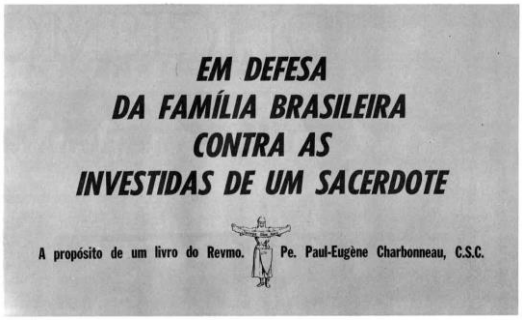
Nesse contexto, Charbonneau, em seus livros, demonstrou a preocupação em abordar diferentes linhas que iam desde a preparação para o casamento, até a discussão sobre problemáticas que envolviam a juventude, como é o caso dos seus últimos três livros AIDS: prevenção/escola; Drogas: prevenção/escola e Adolescência e sexualidade. As suas ideias sobre a orientação dos jovens e casais com ou sem filhos são apropriadas e compartilhadas pelo padre com a finalidade de educar as diferentes gerações e manter uma organização social. A publicização de suas ideias por meio das mídias (livros e programas de TV) e de suas concorridas conferências, o legitimou enquanto porta-voz da orientação de casais e principal referência quando o assunto era matrimônio e educação dos filhos.

Preocupado em discutir as problemáticas da época e exercendo o seu papel de ator do político, Charbonneau refletiu acerca de temas que geraram alguns desconfortos. Ao publicar o livro *Limitação de nascimentos*, Charbonneau se deparou com impasses da instituição em que fazia parte – a igreja – e teve dificuldades ao enviar o seu escrito para publicação, pois a editora que ele costumava editar, a Herder, se viu impossibilitada em aceitar a proposta, tendo em vista que seguia os preceitos

católicos e o livro apresentava uma postura não consensual com a Igreja. Mesmo a editora Duas Cidades tendo publicado o seu livro, em nota, Charbonneau diz que as conclusões apresentadas são do pensamento pessoal do autor, não estando ligadas ao posicionamento oficial da Igreja e nem da Ordem a qual ele era membro.

Este livro rendeu controvérsias e ataques também nos jornais e, conforme Martins (1990), o perfil combativo de Charbonneau está bem evidente, característica que não o fazia "fugir" quando era criticado sobre o seu pensamento. Na figura 17 vemos a chamada de um artigo na revista Catolicismo em que Antonio Rodrigues Ferreira, médico endocrinologista, rebate as defesas de Charbonneau acerca da limitação de nascimentos trazendo passagens do livro e de documentos do papa Pio XII criticando o que eles chamavam de "Moral Nova". De acordo com Ferreira, a "[...] obra do Pe. Charbonneau contém numerosos termos e juízos crus e chocantes, que normalmente não devem sair da pena de um escritor católico que se dirige ao público." e que ele "[...] não aceita certos princípios gerais da Moral, que considera abstratos e inaplicáveis ao mundo moderno; e transfere para a consciência de cada um julgamentos que se deveriam fazer segundo regras de valor universal. Adota, portanto, a moral subjetiva". (FERREIRA, 1966).

Figura 17 – Artigo na revista Catolicismo criticando o livro Limitação de Nascimentos


EM DEFESA
DA FAMÍLIA BRASILEIRA
CONTRA AS
INVESTIDAS DE UM SACERDOTE
A propósito de um livro do Revmo. Pe. Paul-Eugène Charbonneau, C.S.C.

Fonte: Revista Catolicismo, nº 192, dezembro de 1966.

Vemos que, apesar da sua notoriedade, Charbonneau não representava um consenso no campo católico. Suas ideias, algumas vezes geravam disputas e conflitos no interior do próprio campo religioso.

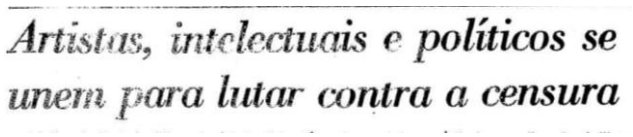
Charbonneau, alguns anos mais tarde, em meados da década de 80, voltou a escrever sobre esta problemática na Folha de São Paulo, quando se tornou escritor recorrente em tal periódico. Os artigos publicados nesta folha certamente podem esclarecer Ferreira acerca da intenção de Charbonneau ao escrever o artigo *Mobral*

da natalidade. Mobral, terminologia utilizada no título do texto, segundo Charbonneau (1987), não tem o sentido de alfabetização demográfica ou da natalidade, mas o de despertar a conscientização da população para essa questão. De acordo com o padre, era uma forma de analogia à alfabetização das pessoas em relação a essa temática.

É relevante trazermos a circulação de Charbonneau porque tal movimento influenciou na escrita dos outros livros. Os jornais foram outra plataforma para Charbonneau publicizar os seus estudos e experiências e a Folha de São Paulo foi a principal delas. Neste periódico, o padre escreveu cerca de 250 artigos e, destes textos, organizou e publicou os livros *O Brasil, hora de desafio – dramas éticos do nosso tempo* (ano) e *O Brasil, hora de perplexidade – homem, Igreja, política* (ano). Nestas obras pode ser encontrado um compilado de textos referentes à igreja, à política vigente, educação, educação católica, gerações, família etc. São em média 250 textos que foram escritos entre 1966 e 1987, incialmente com intervalo de um mês (até março de 1970) e, quando a política de censura passou a ser menos silenciadora, as publicações dos textos de Charbonneau (que voltou a publicar em junho 1979) ocorriam de formas variadas, as vezes semanalmente e, em outras, quinzenalmente ou mensalmente.

Acerca da questão da censura, alguns anos depois, em 1982, Charbonneau se uniu a um grupo que criticava a Censura Federal por ter vetado o filme “Pra frente Brasil”. Reunidos no Teatro Galpão, “[...] entidades sindicais e representativas de artistas, intelectuais e partidos políticos debateram por mais de três horas os problemas que envolvem a liberdade de criação no Brasil.” (*O Estado de S. Paulo*, 15 de Julho de 1982). Nesta reunião, Charbonneau “[...] fez um breve histórico sobre a censura dos anos 70, quando padres dominicanos, seus amigos, foram brutalmente torturados nos porões do Deops” e, por essas e outras questões, “[...] disse não admitir um regime, qualquer que seja, sem liberdade plena.” (O Estado de S. Paulo, 15 de Julho de 1982).

Figura 18 – Artigo sobre participação de Charbonneau em ação contra a censura


Artistas, intelectuais e políticos se unem para lutar contra a censura

Fonte: O Estado de S. Paulo, 15 de Julho de 1982.

O posicionamento público dos intelectuais acerca das questões do seu tempo busca alertar, educar politicamente a sociedade e provocar ou apresentar respostas. Situado em um campo político, Charbonneau assumia um posicionamento crítico e constantemente estava presente em jornais, fosse como notícia ou publicando textos. Assim como o seu comportamento público, os livros de sua autoria resumem projetos de educação de diferentes segmentos. Estar em cena, de forma escrita ou falada, evidencia estratégias de Charbonneau em demonstrar o seu engajamento intelectual para ter valor no campo em que estava inserido. Com a habilidade de estar presente – participando e atuando – em diferentes campos, Charbonneau, intelectual católico consolidado e reconhecido por seus encontros de casais, professor de filosofia, assessor doutrinário da ADCE, ganhou legitimidade e ampliou as suas discussões, tendo como base o viés católico.

De um modo geral, os livros são expressões de projetos educacionais que condiziam com as suas práticas em cada espaço. Logo, as obras de Charbonneau caminham por esses meios. Assim como seus livros, os artigos publicados em jornais fazem parte da sua biblioteca pedagógica, pois ambos traduzem o seu pensamento e projeto educacional defendido. Este projeto tem a educação como principal meio e, a partir dela, desenvolve um senso crítico, político, questionador à realidade da época, voltado, desta maneira, no pensamento social tendo a questão religiosa católica como norteadora das ações.

A biblioteca do padre, indicativo de um Charbonneau intelectual, leitor, professor, entrelaça o seu passado individual e coletivo constituindo a trama de um intelectual-monumento evocado pelas prateleiras com livros que são o seu legado, perpetuando o intelectual como patrimônio educativo do colégio. Os livros que fazem parte do arsenal de suas leituras são indicativos do que ele pensava e quais caminhos teóricos o ajudaram a pensar. Para além da homenagem, a Biblioteca Padre Charbonneau evoca o intelectual-monumento que se formou e tornou-se um

patrimônio educativo para a instituição que foi a sua entrada para o país onde expandiu o seu campo de experiência e, também, para a educação brasileira.

Além de Charbonneau ser ativo na autoria, tinha o perfil de leitor voraz. Acerca disso, à medida que aprofundamos na pesquisa, nos deparamos com um número expressivo de obras lidas e, além disso, uma quantidade de fichas significativa, chegando, como já mencionado no capítulo anterior, a um total de 3 mil livros apreciados e 70 mil fichas elaboradas.

2.3 Acervo do leitor

Quando decidimos estudar o intelectual Charbonneau, tínhamos conhecimento do acervo de obras de sua autoria. O que não esperávamos era receber um conjunto de fichas por ele anotado e preservado pela instituição que foi a sua estadia e ponte para suas andanças pelo Brasil e pelo mundo. As fichas[29] de leitura de Charbonneau surgiram como um diamante no meio de algumas pedras.

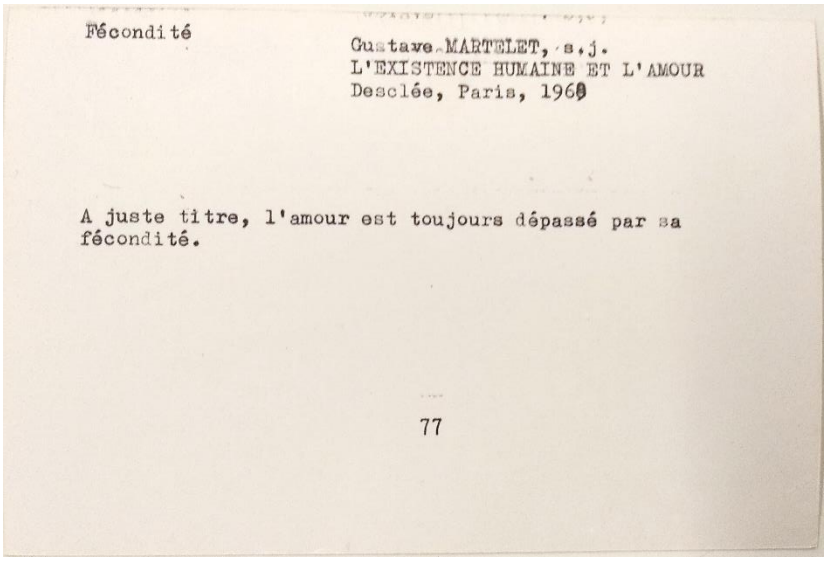
Isto porque, os historiadores da educação, especialmente os pesquisadores voltados para a História dos Intelectuais, primam por encontrar como as ideias chegaram ao sujeito pesquisado, ou seja, quais foram as suas bases teóricas. Neste contexto, saber os autores e as leituras de um intelectual é algo caro para nós, historiadores de intelectuais da educação. Descobrir as fichas das obras lidas por Charbonneau foi uma mistura de sentimentos. Primeiro, foi um feliz achado porque essa descoberta tornou-se crucial para o mapeamento do seu referencial teórico. Segundo, porque selecionar aquelas obras seria a parte mais difícil, devido ao seu número. No fim, conseguimos definir o nosso limite para esta tese, conscientes do quanto essa escolha, como todas as outras, é também lacunar.

O nosso mapeamento só foi possível porque Charbonneau, quando lia as obras, marcava os livros já determinando a categoria e, imediatamente, pedia ao seu secretário para que datilografasse e guardasse em seu fichário. Dessas anotações em fichas, um fichário era preenchido com trechos de cada temática por ele

[29] Tivemos acesso às fichas de leitura que estão disponíveis no endereço eletrônico da biblioteca do Colégio Santa Cruz. A instituição organizou as fichas de Charbonneau por temas e, ao clicarmos nestes temas, somos direcionados a uma nova página onde nos são apresentados as obras lidas e seus respectivos autores, bem como os trechos destacados por Charbonneau (Ver demonstração no anexo 2). Dos diferentes temas disponíveis, privilegiamos a educação por ser o campo de atuação do intelectual e a temática nuclear desta pesquisa.

identificados. E isso nos ajudou profundamente, pois conseguimos chegar aos caminhos do pensamento intelectual de Charbonneau, a partir da sua própria classificação temática. Diante das fontes apresentadas, indagamos: Queria Charbonneau deixar esse fichário para que fosse estudado como um resumo das suas leituras e pensamento? Acreditamos que sim, visto que ele não apenas leu, mas organizou e catalogou suas leituras, registrou e arquivou suas anotações, assegurando um lugar na memória, bem como na História Intelectual da Educação e da Igreja Católica no Brasil. Charbonneau produziu, em larga medida, os documentos necessários para que sua história fosse contada.

Figura 19 – Modelo de ficha de leitura de Charbonneau


Fécondité

Gustave MARTELET, s.j.
L'EXISTENCE HUMAINE ET L'AMOUR
Desclée, Paris, 1968

A juste titre, l'amour est toujours dépassé par sa fécondité.

77

Fonte: Acervo da autora

Assim, faremos um ensaio de mapeamento dos autores utilizados por Charbonneau envolvendo a temática da educação. A partir desse conceito, perguntamos: Quais autores foram lidos por Charbonneau para que ele discutisse a educação em seus livros?

Para responder tal questionamento, elaboramos quadros a partir das fichas que nos permitem observar um panorama das obras lidas por Charbonneau, os autores, a cidade, a editora e o ano de publicação.

Quadro 4 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 50

Educação				
Autor	**Obra**	**Cidade**	**Editora**	**Ano**
PASCAL, Blaise	L'oeuvre de Pascal	Paris	Gallimard	1950
CORÇÃO, Gustavo	As fronteiras da técnica	Rio de Janeiro	Agir	1952
PÉGUY, Charles	Oeuvres poétiques completes	Paris	Gallimard	1954
CHAUCHARD, Paul	Biologie et morale	Paris	Mame	1959

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fichas de leitura de Charbonneau.

Quadro 5 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 60

Educação				
Autor	**Obra**	**Cidade**	**Editora**	**Ano**
CAU, Jean	La pitié de Dieu	Paris	Gallimard	1961
MAZZETTI, Lorenza	La rage	Paris	Julliard	1965
FREUD, Sigmund	Totem et tabou	Paris	Payot	1965
PIAGET, Jean	Seis estudos de psicologia	Rio de Janeiro	Forense	1967
WIENER, Norbert	Cibernética e sociedade 2.ed.	São Paulo	Cultrix	1968
MARCUSE, Herbert	Eros e civilização.	Rio de Janeiro	Zahar	1968
HESSE, Hermann	Contos. 2.ed.	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1969
HESSE, Hermann	Sidarta. 5.ed.	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1969

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fichas de leitura de Charbonneau.

Quadro 6 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 70

Educação				
Autor	**Obra**	**Cidade**	**Editora**	**Ano**
ADAMOV-AUTRUSSEAU, Jacqueline et al.	Les lumières: le XVIIIe siècle	Paris	Hachette	1972
NOGARE, Pedro Dalle	Humanismos e anti-humanismos em conflito	São Paulo	Herder	1973
FROMM, Erich	A linguagem esquecida. 5.ed.	Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1973
JONES, Ernest	La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud: Les années de maturité 1901-1919	Paris	Presses Universitaires de France	1973
GOMES, Paulo Emilio Salles.	Três mulheres de três pppês	São Paulo	Perspectiva	1977
ARIÈS, Philippe	História social da criança e da família	Rio de Janeiro	Zahar	1978
VERGOTE, Antoine	Dette et désir	Paris	Seuil	1978
ERIKSON, Erik H	Adolescence et crise	Paris	Flammarion	1978

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fichas de leitura de Charbonneau.

Quadro 7 – Referencial teórico de Charbonneau em relação à educação publicado década de 80

Educação				
Autor	**Obra**	**Cidade**	**Editora**	**Ano**
VARGAS LLOSA, Mario	A guerra do fim do mundo	Rio de Janeiro	Francisco Alves	1981
HOORNAERT, Eduardo	História da igreja no Brasil. 3.ed. v.2 t.1	Petrópolis	Vozes	1983
GRUNSPUN, Haim; GRUSNPUN, Feiga	Assuntos de família	São Paulo	Kairós	1984
GARCÍA MARQUEZ, Gabriel	O amor nos tempos do cólera	Rio de Janeiro	Record	1985
BOULANGER, Viateur; DURAND, Guy (Dir.).	L'euthanasie: problème de Société	Montréal	Fides	1985

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fichas de leitura de Charbonneau.

Conforme disposto, separamos os quadros 4, 5, 6 e 7 pela década em que os livros foram publicados. Esta escolha de organização se deu em função de proporcionarmos uma melhor visualização e catalogação do acervo de obras mobilizadas por Charbonneau. Desses livros consultados, a maioria era derivada da França. No entanto, das que tinham como temática a educação, boa parte foi publicada no Brasil. Considerando o número de obras em francês, é possível inferir que essa questão se deve ao fato do idioma nativo de Charbonneau ser a língua francesa.

Para que ele mobilizasse a temática da educação, Charbonneau se apoiou em autores que apresentam certo ecletismo no que se refere as suas formações, onde foi possível verificar as áreas da história, psicologia, literatura, teologia e matemática. Apesar de essas áreas fazerem parte de diferentes ciências, elas se complementam no sentido de serem primordiais ao entendimento e formação do ser humano. Assim como os tipos de livros por ele classificados como "educação". Não se trata apenas de tratados pedagógicos, aliás muitas dessas obras não apareceram em suas fichas, mas da presença de uma pluralidade de gêneros textuais que, de algum modo, lhe permitiam pensar a questão da educação.

Sabendo que uma das preocupações de Charbonneau era o comportamento familiar, o relacionamento entre aqueles que compunham a família, fossem eles adultos, adolescente ou crianças, essas obras o ajudaram a pensar tal questão, visto que os trechos por ele destacados se referiam a situações da educação dos filhos. Desse conjunto de fichas, a sua preocupação era o entendimento da infância e adolescência e como a família se mobilizava para promover a educação das crianças

e dos jovens. O conteúdo das fichas é um demonstrativo dessa inserção, conforme pode ser consultado no Anexo 1.

O que nos chama a atenção no mosaico de fichas de leitura, é a presença de autores de romances. Isso nos leva a possibilidade de um questionamento, qual seja: considerando o fato de que os romances escritos são constituídos por um número demasiado de personagens, estaria Charbonneau se utilizando das desventuras desses personagens para problematizar o comportamento e os caminhos para a educação e formação das crianças e jovens? Por que fazer a leitura de livros de romance para escrever sobre educação?

Para responder tais questões, recordamos a obra de Manuel Antonio de Almeida, *Memórias de um Sargento de Milícias*, cujo enredo é retratar o contexto aristocrático brasileiro, especificamente na cidade do Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX, trazendo como principal personagem Leonardo com a figura do malandro. Leonardo, como personagem central, trata-se de uma ficção, porém, as especificidades do lugar e do período retratado são inspirações reais. Utilizando deste mesmo movimento, mas com as preocupações de Charbonneau, é possível percebermos situações semelhantes, mas com uma ressalva. Enquanto Manuel Antonio de Almeida preocupava-se em constituir um fictício com nuanças do real, Charbonneau protagonizou uma situação inversa, pois se preocupava com real, no entanto, não se abnegou de procurar na ficção embasamento para potencializar a sua produção.

Assim como utilizou obras literárias, Charbonneau fez da psicologia um dos principais campos para refletir sobre as suas preocupações e a realidade das famílias do tempo em que estava inserido. Isto porque, trechos de livros de autores da área destacados por Charbonneau nos remetem aos posicionamentos em relação a educação dos jovens e orientação das famílias, a exemplo do texto em que Grispun (1984, p. 20) diz que “[...] a criança tem um mundo de indagações sobre a natureza de tudo o que a rodeia, são pequenos filósofos”. Estendendo essa questão para a educação dos jovens, Charbonneau instigava a criticidade nos alunos ao promover debates em sala de aula.

Importa destacar que essas citações foram preponderantes para entender as suas leituras como direcionadoras, seja para dar as suas produções o caráter científico, como também para o seu exercício prático.

2.4 A educação por Charbonneau

> *[...] é mais importante construir um conjunto escolar que uma usina nuclear. Homens podem salvar o mundo; átomos podem destruí-los.*
>
> Paul-Eugène Charbonneau

Para sintetizarmos o pensamento de Charbonneau acerca da educação, elencamos os artigos relacionados a esta temática que foram publicados na Folha de S. Paulo e reunidos em dois livros*: O Brasil, hora de desafio – dramas éticos de nosso tempo* (1982) e *O Brasil, hora de perplexidade – homem, igreja, política* (1984). O primeiro livro tem o total de 52 artigos distribuídos nos seguintes capítulos: *Brasil entre justiça, injustiça e revolta*; *Democracia em busca de si*; *Educação e problemas latino-americanos*; *Uma civilização em questão*; *Dois problemas de nosso tempo: sexo e drogas* e *Confrontados a Deus*. O segundo livro tem 58 artigos no total divididos nos seguintes temas: *Brasil*; *Socialismo*; *Homem e Sociedade*; *Igreja da Libertação*; *Política*; *Deus*; *Violência*; *Educação*; *Drogas*; *A família e os valores* e *A Igreja e os divorciados*.

Com o intuito de desvelar o pensamento de Charbonneau acerca da educação, consideramos, a partir deste ponto, a utilização plena dos seus textos cuja temática tratada foi a educação. Importa acrescentar, que esse movimento busca se aproximar mais de uma análise crítica do que descritiva, visto que o rigor metodológico seguido neste trabalho assim exige. Nos quadros 7 e 8, apresentamos os artigos que Charbonneau categorizou como pertencente ao campo da educação.

Quadro 8 – Artigos da categoria Educação do livro *O Brasil, hora de desafio*

Título	**Data de publicação**
Educação na América Latina	05/06/1980
Educação e Justiça	15/07/1980
Realidade política e educação	09/02/1981
Democracia nominal, poder e educação	04/05/1981
Educação do homem latino-americano	19/07/1981
Educar o homem integralmente	04/08/1981
Educação para todos	25/02/1982

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos artigos da categoria Educação elencados no livro Brasil, hora de desafio que foram publicados na Folha de S. Paulo.

Conforme disposto no quadro 8, constam os títulos dos artigos em que Charbonneau tratou sobre educação. Como visto anteriormente, a fonte utilizada para mobilização desses materiais foi o livro, porém, no quadro são apresentadas datas distintas. Isto porque, os artigos foram originalmente publicados na *Folha de S. Paulo* e a intenção de apresentar estas datas foi a de que o leitor perceba o intervalo dos períodos de escrita dos textos. Olhando em primeira instância, a ideia de que existe relação entre os textos parece remota. Entretanto, no processo de análise, percebemos que os artigos se complementam. Visto que a plataforma utilizada foi um jornal e a tendência é de que os textos não estabeleçam relação direta, Charbonneau demonstra que sua produção não era aleatória, mas, sim, conectada.

Quadro 9 – Artigos da categoria Educação do livro *O Brasil, hora de perplexidade*

Título	**Data de publicação**
A escola, ópio da juventude?	06/03/1983
Uma escola católica	13/07/1983
Uma escola católica lúcida	14/07/1983
Uma escola crítica	15/07/1983
Uma escola libertadora	16/07/1983
Educação subversiva	31/07/1983

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir dos artigos da categoria Educação elencados no livro Brasil, hora de perplexidade.

Assim como no quadro 8, percebemos, no quadro 9 o mesmo *modus operandi* na produção em relação a proximidade entre os conteúdos dos artigos. A partir da disposição dos títulos e das datas dos textos, percebemos que eles foram publicados no mesmo ano em um curto espaço de tempo, com exceção do primeiro e do último artigo apresentado no quadro 9. A sequência da publicação dos demais, nos leva a entender que foram elaborados em um único exemplar e que, por decisão editorial e, também, do autor, precisou-se sequenciar os artigos para melhor divulgação.

A partir da análise dos artigos, percebemos que as preocupações de Charbonneau com a situação da América Latina e do Brasil foram, por muitas vezes, objetos de reflexão. Em suas ponderações, frequentemente veiculadas pela Folha de S. Paulo, ele costumava contemplar questões que fossem caras ao momento e que, de alguma forma, contribuísse para o desenvolvimento do lugar onde vivia. Sobre

política e sociedade, violência e drogas, igreja e família, e, sobretudo, educação, tema essencial para a construção dessa pesquisa, passaram pelas lentes de Charbonneau e se tornaram produções dignas de apreciação.

De início, foi possível entender que a educação pretendida por Charbonneau possuía três características fundamentais, sendo elas: a crítica, a subversão/libertação, e, por fim, a visão cristã. Esse triângulo de questões quando não intitulam o texto, estão presentes como pano de fundo e surgem como fios condutores da reflexão. Além disso, as temáticas que são trabalhadas em blocos específicos, em muitas ocasiões, são mobilizadas em conjunto com a educação e, na maioria das vezes, esta última é ponderada pelo autor como o caminho para resolução de problemas.

Ao problematizar a educação no contexto da América Latina, Charbonneau aponta que ela está ligada às dimensões econômica, social, política e cultural. Diante de tal contexto, ele descreve o perfil da educação latino-americana baseando-se nestas quatro dimensões. No que se refere ao aspecto econômico, Charbonneau questiona a falta de prioridade dada pelos poderes quando o assunto é a distribuição de recurso. De acordo com o intelectual, para tratar do problema educacional da América Latina necessita-se considerar a "[...] redistribuição do esforço econômico, tendo em vista a promoção humana, pessoal e social, que significa o acesso da população a uma educação adequada à nossa realidade." (CHARBONNEAU, 1982, p. 107). Isto porque, mesmo tendo recursos disponíveis para tal fim, eles são desviados para outras instâncias. Incomoda à Charbonneau tal iniciativa porque, para ele, a educação é prioridade e meio de transformação da sociedade.

Ao aspecto político Charbonneau aponta dois componentes que o circundam e merecem a atenção: o poder e a democracia nominal. Ambos estão interligados pois, conforme o intelectual, o poder que reina a América Latina é um poder pelo poder, "[...] exercido conscientemente. Como tal, ele é totalitário, arbitrário, ideológico." Enquanto totalitário, este poder mascara a sociedade com uma democracia inexistente, caracterizada por Charbonneau como democracia nominal. Apontada pelo padre como definidora do continente latino-americano, ela serve "[...] para disfarçar a realidade repressiva sob uma linguagem que é instrumento de mentira flagrante. A linguagem democrática é, pois, um abuso cínico. (CHARBONNEAU, 1982, p. 108)." O contexto político, então, constava, a época, de um governo em que a participação da população não era consolidada. Por carregar essa característica,

ele foi encarado como nominalismo democrático no qual três dados o bem definia, sendo eles:

> Há, primeiro, uma tônica comum que é a da **não-participação**. O povo é excluído de toda decisão. [...] Nesse tipo de democracia o povo é condenado a ser irremediavelmente menor e marginal. Por outro lado, conserva-se, apesar de tudo, a **máscara da demagogia**, elaborando um discurso demagógico enfeitado de expressões clássicas, e tão redundante quanto a pseudodemocracia, que se pretende defender ou pregar, é ilusória, portando, inexistente. Esse discurso provoca um **ceticismo** generalizado que mina a consciência do cidadão e dele faz um incrédulo radical em termos políticos. Especialmente os jovens, cujo espírito está naturalmente despertando, recusam esta democracia verbal e lançam à luz o que o discurso oficial esforça-se por esconder."

Em meio a esta realidade política, três fatos acabam por definir, também, o aspecto social latino-americano. De acordo com Charbonneau,

> Em primeiro lugar, existe a nítida **cristalização das camadas sociais**. [...] As classes estão, portanto, cada vez mais nitidamente situadas e opostas. O segundo fato [...] é o **despertar da consciência popular**. [...] O presente é o tempo do clamor incontido de camadas inteira da população que exigem, com justificada insistência, e de forma cada vez mais bem organizada, o que lhe é devido. Terceiro fato: este é **o continente da juventude** que surge. O que significa que a tomada de consciência faz-se na base das bases, e se torna cada vez mais forte, cada vez mais esparramada, cada vez mais incontrolável, cada vez mais idealista e intransigente. (1982, p. 108, grifos do autor).

Diante de uma sociedade em que se tem a educação como segundo plano na distribuição dos recursos devido à concentração de poder na mão daqueles que não têm consciência social, há um distanciamento do que viria a ser a identidade nacional. Desta maneira, segundo as reflexões de Charbonneau (1982), as dimensões econômicas, políticas e sociais estão estritamente interligadas e incidem no aspecto cultural. A questão a ser acrescentada, nesse sentido, é que com a interferência na cultura local, as transformações percebidas são, em sua maioria, negativas. Isto porque, na medida em que se encaminhava um movimento de tentativa de intervenção cultural, o quadro local ficava em posição submissa, causa geradora da imposição de culturas forasteiras.

> Podem-se salientar aqui elementos às vezes convergente, às vezes radicalmente opostos que conferem ao momento cultural latino-

> americano uma característica notável. A sua simples enumeração é suficiente para lançar uma luz sobre a violência cultural que é exercida contra os povos do continente: invasão de padrões estrangeiros, mimetismo cultural, esvaziamento da cultura nacional, esquecimento da história, negação da identidade própria a cada nação, ruína dos valores que forjaram a alma nacional. (CHARBONNEAU, 1982, p. 108).

Interessa acrescentar, neste ponto, a utilização da terminologia mimetismo cultural. Tal termo foi emprestado da biologia que, proporcionalmente, significa a capacidade que algumas espécies têm de reproduzir características de predadores com o objetivo de se proteger. Contrária a reprodução, e aqui citamos Bourdieu e Passeron (1992) indicando o processo de reprodução no ambiente escolar enquanto causador do prolongamento das desigualdades, a educação desponta como o caminho adequado exatamente em função desse contexto. A questão aqui é a promoção de atitudes que priorizem o acesso a valores e que com isso ela (a educação) passe da reprodução para o reconhecimento de si e, consequentemente, crie. Considerando esses aspectos, poderíamos nos perguntar: para Charbonneau, qual(ais) atitude(s) poderia(m) ser tomada(s) para modificar a situação de um continente sem identidade, preso em um mimetismo, com um regime totalitário e injustiças sociais? De acordo com Charbonneau (1982), numerosos são os campos e setores que carecem de atenção e reorganização, assim como numerosos são os caminhos que podemos seguir para encontrar a solução. Porém, há um que prevalece, onde o autor afirma que,

> Para que a nossa comunidade brasileira conheça novo equilíbrio nascido da justiça, é preciso que os direitos de cada um, pelo menos no que eles têm de essencial, sejam reconhecidos, celebrados, cultivados. Ora, entre esses direitos dos quais cada um se reveste de importância específica, existe um que é primeiro e que toda sociedade deve efetivamente reconhecer se quiser ser justa, fecunda, fonte de grandeza e de felicidade para todos os seus membros. É o direito soberano, imperativo, intransigente à Educação. (CHARBONNEAU, 1982, p. 97).

Deste posicionamento, uma questão que se mostra urgente para Charbonneau (1982) é: por que primeiro o direto à educação? Para ele, é válido gastar o máximo de energia se concentrando em efetivar essa demanda, pois “Numa sociedade na qual a morte não é mais apenas uma ameaça natural, um pagamento que vem ao seu tempo, mas antes de tudo uma infelicidade [...] não seria necessário

colocar como primordial e radicalmente essencial o direito à vida, pura e simples?" (CHARBONNEAU, 1982, p. 97). Para o educador, tal direito é elementar e não cabe contestação, contudo, o direito à educação surge como sendo de primeira grandeza e por isso mesmo é encarado, também, como direito à vida. Isto porque,

> O ser humano, para viver de acordo com a sua natureza, para respeitar a sua essência racional, para conferir à sua vida toda amplidão que lhe é própria, não pode existir senão assegurando a sua força mental, a sua dinâmica cultural, a sua capacidade de apreensão e de compreensão, o seu poder de transformação, o seu domínio sobre as coisas e sobre o universo no qual evolui. É por isso que existe equivalência absoluta entre direito à vida e direito à educação. Ao ponto de que recusar a um homem a educação à qual ele tem direito, da qual ele tem necessidade, que é fonte do seu desenvolvimento pessoal, é na verdade recusar-lhe a vida. Eu estaria tentado a levar a fórmula aos seus limites e dizer que um homem, a quem se recusa ou ao qual não se permite a educação é, no mais forte sentido do termo, um natimorto. O que nele foi morto foi a alma espiritual que lhe permite ser homem, é a razão que lhe permitiria ser senhor e não escravo, é a Mens na qual Cícero via com razão a fonte de toda sabedoria. (CHARBONNEAU, 1982, p. 97-98).

A educação defendida por Charbonneau era uma educação para proporcionar o equilíbrio social. Para isso, ela deveria ser para todos, não somente para uma minoria, para as elites econômicas. Tendo como referência os levantamentos de Paulo Freire, Charbonneau utilizou tal questão para embasar suas problematizações, pois ele reconhece circunstâncias bancárias na educação. Importa acrescentar que ideia de educação bancária foi denunciada por Paulo Freire em razão de ela se desenhar mais opressora e menos libertadora. Daí a constatação feita por Charbonneau de que estava ocorrendo uma operação bancária na educação, visto que no lugar dos *sonhos*, conforme Freire (2000), ocorria "[...] monopólios do 'ter' no nível de espírito [...]", segundo Charbonneau (1982, p. 98). Em síntese, quando a educação se abstém de transgredir os aspectos técnicos e mecânicos, ela se torna, segundo Freire (2000), apenas treino, transferência de conteúdo. Assim, ao conservar essa natureza o resultado a *posteriori*

> [...] é uma sociedade que parece um grande cemitério: ela não reúne senão cadáveres de homens que foram condenados sem apelação ao estiolamento da alma, à estagnação do espírito, a esclerose da inteligência, à intoxicação anticultural. Para que uma sociedade seja viva, é preciso que os cidadãos que a formam estejam vivos; portanto, que sejam educados como é preciso, não de uma educação que domestica, integra, assimila, adormece, mas de uma educação que,

> tendo começado na necessária alfabetização, ultrapassa-a de longe para tornar-se libertadora, despertar de consciências, apelo à participação, capacidade de contestação equilibrada porém enérgica, instrumento de transformação que se aplicará a criar uma sociedade nova, arrancando a sociedade de hoje da sua imobilidade (que se tornou violação) para elaborar uma nova, na qual reinarão Dignidade e Justiça, Fraternidade e Amor, Solidariedade e Responsabilidade compartilhada, Liberdade sem nenhuma coerção. (CHARBONNEAU, 1982, p. 98).

À medida que consideramos as advertências de Charbonneau, sobretudo, seu vislumbre de sociedade possível, não podemos nos permitir se distanciar do fato de que a educação, na visão de Charbonneau, se encontrava em estado problemático, logo prejudicada. Assim, algumas ações deveriam ser tomadas para que o processo educacional deixasse de ser "bancário" e alcançasse definitivamente uma posição imprescindível, pois descansa sobre ela a força motriz necessária para uma transformação social tranquila. Segundo Charbonneau, o estopim desse processo seria a partir do momento em que a máxima fosse a de

> Promover o acesso aos valores da inteligência. Tal é, sempre, o propósito da educação. Ela é, essencialmente, uma promoção do saber. Será preciso arrancar as massas do analfabetismo crônico, da ignorância invencível, para permiti-lhes tomar consciência [...] Desenvolver a cultura da nação: cada povo traz em si uma herança cultural inestimável. Desenvolvê-la significa cultivar as raízes de cada um dos membros da comunidade nacional, e permitir-lhe viver a sua vida em conformidade com os impulsos da sua inteligência e do seu coração. [...] Revitalizar as estruturas [...] Um novo projeto de educação impõe-se, portanto, para atingir simultaneamente as estruturas políticas, sociais, eclesiásticas, familiares e escolares. (CHARBONNEAU, 1982, p. 108-109).

Repousa neste fragmento de texto, o ideal educacional propalado por Charbonneau. Entretanto, considerando que o mesmo foi apresentado à maneira do autor, nos cabe indagar: Que educação, então, Charbonneau (1984), defende que deveria ser proporcionada? De início foi possível perceber que para o padre, era preciso que a escola mudasse o seu ritmo, passando do lento para um mais provocador. A partir dessa mudança, aqui acrescentamos mais crítica, seria proporcionado aos jovens um olhar mais criterioso da realidade da sociedade e, consequentemente, a escola assumiria seu status de agente crucial na formação de uma nação mais humana. Além disso, a educação deveria, também, romper com "[...] estruturas escolares alicerçadas sobre o autoritarismo, sobre o individualismo, sobre

a capitalização do saber, sobre a repetição de uma ordem cuja iniquidade é tão agudamente sentida pelos jovens.” (CHARBONNEAU, 1984, p. 137).

Nessa perspectiva, interessa acrescentar, que o pensamento dos jovens, desenhava-se, para Charbonneau, como o centro da transformação educacional e social e, por conta disso, deveria substituir as ideias estabelecidas, em sua maioria, provenientes dos antigos, que de remotas, se encontravam estagnadas. Neste caso, embora considerem os exemplos, os jovens costumam seguir padrões novos, pois eles militam. E para Charbonneau (1982, p. 93), isso quer “[...] dizer que eles desenvolvem as suas próprias ideias, escolhem as suas opções, e dedicam-se a fazê-las triunfar, nem que elas às vezes sejam ambíguas e destinadas ao malogro, que apenas o tempo revelará”. Ademais, envolvido nessa questão está a relação teoria e prática, onde privilegiar a teoria inviabiliza a abordagem de problemas, sobretudo quando nesse cenário se encontram os jovens. Pois, antes de tudo, os jovens necessitam de um contato direto (prático), visto que ele “[...] traduz a realidade de um modo que não permite que dela nos afastemos, estabelecendo considerações de ordem geral, e nem mesmo que dela fujamos por uma evasão proposital”. Assim, no currículo deveria estar presente a inciativa para “[...] o **contato direto** que permitirá que os jovens saibam o que se passa nos bastidores de uma sociedade em que grandes camadas da população são marginalizadas”. (CHARBONNEAU, 1984, p. 144).

O contato direto, enquanto proporcionador da visão da realidade, é caracterizado por Charbonneau (1984) como estimulador de uma “pedagogia da realidade”, devendo ser planejado conforme a idade e maturidade psicológica dos alunos e promovido em ocasiões e maneiras distintas. Acrescida ao contato direto, ou seja, ao conhecimento da realidade, tem-se o sentimento de choque. Com isso, a “[...] descoberta da realidade não poderia ser reduzida à neutralidade; ela comporta um choque que sacode a letargia do indivíduo e nele provoca um impacto que atinge o melhor da sua sensibilidade.” (CHARBONNEAU, 1984, p. 144-145). O fazendo atingir uma realidade onde a razão e a emoção se entrelaçam em uma relação necessária. Nesse sentido,

> A transformação que a educação deve sofrer, deve ter caráter de conversão. O primeiro passo para isso surgirá quando, descobrindo a dolorosa realidade que o rodeia (e que ele recebe quase que como herança histórica), o adolescente viver a compaixão, no seu sentido

> mais rico, que é propriamente sofrer-com. A percepção efetiva da realidade abrirá nele uma brecha, pela qual seu mundo fechado se abrirá. O contato indireto com a realidade se tornará, pois, um contato profundo. E certamente suscitará uma **incisiva interrogação**. (CHARBONNEAU, 1984, p. 145).

Segundo o autor supracitado, com esta interrogação da realidade, pode ser despertada, nos jovens, a consciência social a partir da consciência pessoal. Quando esta educação possibilita aos jovens o despertar da consciência individual e social, um espírito crítico para a realidade vem a tona. Por isso, para Charbonneau, a escola, para educar os jovens que ainda estão encontrando o seu perfil enquanto cidadãos de uma dada sociedade, necessita ser uma escola crítica, tendo a realidade como ponto de partida. Isto porque, os jovens

> [...] **estão prontos para agudizar** o seu espírito crítico e assegurar uma postura pessoal diante da realidade. Esta, de qualquer modo, deve tornar-se uma provocação. Na medida em que foi preparada, na medida em que foi mantida, em que pretende fixar-se, ela merece ser julgada pelo que é, não pelo que se diz ou se pretende que ela seja. A educação torna-se, assim, o momento por excelência do **despertar crítico** e deve suscitar o surgir de um espírito crítico agudo [...] (CHARBONNEAU, 1984, p. 146, grifos do autor).

Do despertar crítico, três percepções serão direcionadas. Primeiramente, a percepção da injustiça em que vivia a sociedade brasileira. Seguido do surgimento do espírito crítico que será preponderante para a conscientização da existência de rupturas entre as classes. Em terceiro lugar, proveniente da visão crítica, surgirá a constatação de uma reformulação profunda e urgente. A crítica da realidade teria que ser guiada a partir da visão cristã do homem como pessoa, bem como da sociedade em que está situado. Esta visão, aponta Charbonneau, “[...] será a luz que irá iluminar o julgamento provocado pelo conhecimento da realidade.” (1984, p. 148). Aos jovens, três fatores da Igreja são fundamentais:

> Em primeiro lugar, deve percorrer toda a comunidade brasileira, um poderoso **imperativo de fraternidade**. [...] O segundo fator que a visão cristã invoca será aquele, fundamental, que proclama que pertencemos à **família do Pai comum**. [...] O apelo **à Fé**, que lhes for lançado será revestido de uma dimensão história e trans-histórica, de tal sorte ligada à realidade, que a credibilidade seja total. (CHARBONNEAU, 1984, p. 148-149, grifos do autor).

O sentimento de fraternidade, possível mediante o reconhecimento da paternidade divina, seria instrumento balizador para a concretização de um plano cujo objetivo é a libertação dos injustiçados. Ainda sobre essa questão, Charbonneau assinala:

> Um reduzido número de homens que vivem em superconsumo impede grande número de homens de comer e viver. Quando tal estado de coisas não é senão um acidente circunstancial, um inconsciente abuso, mas antes cria uma sociedade cujos fundamentos não são outros senão essas escandalosas formas que lançam os homens uns contra os outros, que os encerram em estruturas que nos mais diferentes níveis, são as da antinomia que opõe senhor/escravo, opressor/oprimido, ricos/miseráveis, satisfeitos/esfomeados, não será chegada a hora de invocar a **libertação** do homem? Quem ousaria levantar-se para negá-lo sem remorso, sem subterfúgio, sem hipocrisia? (CHARBONNEAU, 1984, p. 150).

Embora a questão proposta pelo autor, em síntese, se encontre distante da educação, à medida que ela se converte em crítica, torna-se, de igual modo, libertadora. Aqui identificamos um movimento por parte do autor de aproximar a educação com os pressupostos da Teologia da Libertação, sendo, assim, iniciada e continuada nos preceitos cristãos, direcionamento que estava em voga, a partir dos anos de 1970, no Brasil e na América Latina com as inquietações apresentadas nas Conferências de Medellin (1969) e Puebla (1971) e as iniciativas para findar com a crise da identidade e da fé da Igreja com os Concílio Vaticano I e Vaticano II. Conforme Charbonneau, a Igreja,

> Após passar a época das certezas, após a época das negações (que, uma e outra, tinham a vantagem de ser bem nítidas), chegava o momento de uma terceira fase que poderia ser designada como sendo a época das confusões. Sintomas deste período de patologia doutrinal, as crises de identidade iriam multiplicar-se: identidade da fé (com o ecumenismo que se impõe), identidade da Igreja (da qual certos traços se tornam de uma nebulosidade perigosa), identidade do cristão (padre, religioso, casal) que não sabe mais o que é exatamente. (CHARBONNEAU, 1979, p. 3).

Perante a realidade a qual a Igreja estava vivendo, para Charbonneau, o Concílio Vaticano II deu uma nova esperança e força para a instituição. Alinhado às encíclicas *Mater et Magistra*, *Pacem in Terris* e *Populorum Progressio*, estes

documentos direcionaram respostas frente às inquietudes do mundo contemporâneo. Neste cenário,

> Após o Vaticano 2º, a linguagem tornava-se mais clara; do mundo conceitual hermético no qual ela estava fechada, a fé se abria à realidade e sondava o escândalo do mundo subdesenvolvido. Este incluía infelizmente toda a América Latina. Feudo secular da Igreja. O desafio se apresentava. A fé encontrava-se as voltas com novos problemas desencadeados por forças políticas, econômicas, sociais, cujas divergências eram flagrantes, mas todas se voltavam contra ela. Cristãos de todas as facções lutavam em nome das mesmas premissas, das quais tiravam conclusões radicalmente contrárias. Em meio a tais conflitos que geravam agressões profundas e dolorosas, era necessário tentar uma redefinição em termos evangélicos. Foi Medellin. No decorrer do decênio de 50 a 60, havíamos visto nascer a paradoxal Teologia da morte de Deus; no decênio de 60 a 70, triunfava a Secularização. Ao mesmo tempo, o conceito de subdesenvolvimento tomava corpo [...] Na tensão virulenta que opunha desenvolvimento e subdesenvolvimento, era inevitável que se colocassem questões de primeira importância e de uma grande complexidade. A essas questões tentou-se responder por uma Teologia do Desenvolvimento. Foi então que a Igreja Latino-americana reuniu-se em Medellín. Ela aí abraçava, pela primeira vez de uma maneira sistemática, a dolorosa realidade do Continente. Foi o momento da imersão consciente, explícita e comprometedora, da Igreja continental no social, no econômico, no político. Descobria-se a violência do subdesenvolvimento; contra ela surgiam de todas as partes protestos queixosos de violências contestatórias. Portanto, era inevitável que certos critérios, aquecidos por um zelo novo, provocassem o que se chamou uma Teologia da Violência. Novas confusões criavam-se e multiplicavam-se. Lembravam-se que “o reino de Deus sofre violência”, e de certas premissas equívocas tiravam-se conclusões que conduziam à guerrilha, ao terrorismo, à revolução clássica; fazia-se de Cristo uma figura política e revolucionária; do Evangelho, um novo código de insurreição; da Igreja, uma pura força de oposição. Indo e vindo, os conceitos equívocos semeavam pânico entre os fiéis e muitas vezes entre os pastores. Assim, realizou-se uma decantação que pouco a poco permitiu retomar os problemas, separando-os das ambiguidades acumuladas nesses tempos de redefinição. (CHARBONNEAU, 1979, p. 3).

Ainda de acordo com o autor supracitado, Puebla foi fundamental para que as movimentações, antes baseadas numa Teologia da Violência, fossem repensadas. Isto porque, neste período, conforme discutido anteriormente, a Igreja, em toda a América Latina, visava a renovação na problematização e reconhecimento das necessidades sociais, passando a ter uma leitura mais política da sociedade. Segundo Charbonneau, o “reparo doutrinal” foi realizado em Puebla de “maneira vigorosa”, pois

> Uma leitura atenta do texto das conclusões finais não deixa nenhuma dúvida sobre esse aspecto. O conteúdo da fé católica é nucleado com precisão; os equívocos são denunciados de maneira implacável. Tal redefinição se fazia urgente. Ela é um dos pontos fortes de Puebla. Sem concessão, sem nebulosidade, sem recuo, ela reafirma o essencial da doutrina cristã: que Cristo é filho de Deus e que veio salvar os homens. Ora, como os homens não são indivíduos justapostos num isolacionismo individualista, mas pessoas solidárias que constituem uma sociedade mergulhada nos desafios do político, do social e do econômico, a salvação dos homens não pode fazer-se senão abrindo combate nesses únicos e diferentes níveis. A revelação da Boa Nova deve portanto ultrapassar o indivíduo e atingir a sociedade. Foi a razão pela qual Puebla deu novo impulso ao que se poderia chamar: uma Teologia da Presença. Esta seria de alguma forma, uma síntese: contra a tese da omissão e da alienação, contra a antítese do compromisso violento, ela oferece a resposta inequívoca de uma síntese que se chama presença. [...] Assim, Puebla, propondo uma Teologia da Presença, não podia senão florescer uma Teologia da Libertação. A palavra não fará medo senão àqueles que queiram que a liberdade seja seu exclusivo apanágio. Mas para todos aqueles que estão atentos à mensagem de liberdade que o Evangelho, este será o momento de viver a sua fé, como uma provocação, num mundo acomodado. (CHARBONNEAU, 1979, p. 3).

Resultado das ações libertadoras da Igreja ao longo do tempo, a Teologia da Libertação trouxe novo significado quanto a preocupação para com os pobres, estes que passaram a ser vistos como sujeitos de sua própria história e libertação.

> A opção prioritária pelos pobres, aprovada pela Conferência dos Bispos Latino-Americanos de Puebla (1979) é, na realidade, uma fórmula de compromisso, interpretada num sentido tradicional (assistencialista) pelas correntes mais moderadas ou conservadoras da Igreja, e num sentido radical pelos teólogos da libertação e as correntes mais avançadas do clero: como um engajamento na organização e na luta dos pobres por sua própria libertação. A luta de classes - não só como método de análise da realidade mas também como guia para a ação - se torna assim um elemento central (implícito ou explícito) na nova teologia. (LÖWY, 1989, p. 16).

Frente às oposições de classes criadas na sociedade, Charbonneau sustenta que havia a necessidade de "[...] conduzir o homem a compreender que os pseudomessianismos, qualquer que seja a sua origem, não pode preparar uma verdadeira libertação da pessoa. O único messianismo que não engana é o que repousa sobre Cristo. (CHARBONNEAU, 1984, p. 151). Nesse bojo de cuidados, os jovens, "convocados" pela fé, deixam de ser espectadores da realidade e passam a

ser agentes ativos. Própria da Teologia da Libertação, a ação comunitária e a crítica e intervenção da realidade deveriam fazer parte da educação dos jovens.

> Tal inserção na dinâmica evangélica na história **exclui qualquer dualismo de** classes. Refazer a unidade da Nação não significa, de modo nenhum, lançar uma classe contra outra e chamá-las para uma dialética de classes perfeitamente equívoca. Trata-se, antes de mais nada, de criar uma **convergência nova**, na procura comum do bem comum. O julgamento crítico da realidade brasileira será, então, simultaneamente, julgamento crítico de qualquer dualismo. A contestação não será feita em função de uma pura inversão do poder, mas em função de um equilíbrio de classes sobre o qual repousará o projeto comum. O dualismo jamais será cristão; por isso ele é radicalmente excluído de uma iniciativa cristã na elaboração do projeto social que irá colocar a justiça no âmago das relações humanas. (CHARBONNEAU, 1984, p. 151, grifos do autor).

Charbonneau assinala que, no contexto de injustiças sociais, onde são incluídas pessoas marginalizadas, desprezadas e imersas na miséria, o julgamento crítico, meio pelo qual se descobre e se conscientiza sobre anos de opressão, torna-se exigência para uma educação libertadora. Tendo isso em vista, três objetos da libertação são estabelecidos, quais sejam:

> [...] será promoção, assegurando o acesso aos bens econômicos necessários à vida (e portanto, à educação). Ela exigirá reconhecimento da liberdade como expressão essencial do ser humano. Qualquer proposta que defendesse a permanência de estruturas antiliberdade ou a criação de estruturas novas nominalmente libertadoras mas efetivamente opressivas, deveria ser combatida. O respeito à liberdade da pessoa é a primeira referência. Não há sociedade humana a não ser aquela em que se pode exercer plena liberdade real. Enfim, ela se dedicará a promover o reconhecimento da dignidade da pessoa, **de toda** pessoa (por mais humilde que seja), que sempre tem o valor de fim (jamais de meio) e que não pode ser considerada apenas objeto a serviço do poder. (CHARBONNEAU, 1984, p. 152, grifos do autor).

No âmago de uma sociedade opressora, onde se concentrava o mimetismo desde a família até o ambiente escolar, a instituição educativa se viu obrigada a se redefinir. Foi preciso, dessa forma, "[...] sair do passado da escola, que estava esclerosada num conservadorismo intransigente para dar-lhe um presente que dela faça uma engrenagem essencial tendo em vista a elaboração da sociedade futura. (CHARBONNEAU, 1984, p. 154). Para desbancar as estruturas do poder permeadas pelo conservadorismo, a educação, para Charbonneau, deveria ser, também,

subversiva em complemento a libertação. Essa educação subversiva guiada pela recusa “[...] à submissão a estruturas decrepitas e à agonia” e que

> [...] comunicará aos jovens uma formação crítica que os fará interrogar-se sobre a ação dos seus educadores, sobre a sociedade da qual emergem e que pede tão profundas transformações, sobre o seu próprio papel, enfim, na construção da sociedade exigida pelo segundo sopro da civilização. A educação subversiva, como a vemos, nada tem a ver com uma neurose de destruição precoce; se ela se impuser, será como o único caminho capaz de conduzir a um mundo novo. Portanto, é preciso que todos os que têm encargo de educação, se comprometam e se dediquem a promover entre os jovens essa dialética necessária da justa apreciação. Apenas a Escola subversiva (no sentido que acabamos de dar a esse termo) poderá salvar a educação e devolver-lhe toda sua força. (CHARBONNEAU, 1984, p. 155).

Dessa forma, com a ideia de educação subversiva, Charbonneau propõe o rompimento com o modelo fixo educacional que não permite ao estudante a procura de sua identidade, em que ele se vê como parte integrante da sociedade. Neste contexto, a educação devia situar-se no presente e se distanciar do passado que não pode ser mudado e do futuro incerto, pois os estudantes precisavam estar envolvidos com a sua realidade. Uma questão que merece destaque neste ponto é o fato de Charbonneau apontar a Escola Católica como aliada para esse processo, tendo em vista que ela

> [...] desenvolverá uma preocupação de todos os instantes, para que seus alunos pertençam eles a qualquer classe, seja à elite econômica ou à classe dos desfavorecidos, se inclinem atentamente sobre a realidade da comunidade brasileira. Será bom suscitar um despertar de consciência diante dos acontecimentos, diante dos fatos, diante das exigências do momento histórico e social que vivemos. Essa exploração da realidade brasileira operar-se-á em dois planos: no plano da inteligência e no da vivência. No plano intelectual e abstrato, de um lado, e no plano da vivência e do concreto, do outro lado. (CHARBONNEAU, 1984, p. 143-144).

Neste ponto, vemos a Educação Católica, aos olhos de Charbonneau, ser colocada enquanto não neutra, sob a justificativa de que sua visão de homem é ligada ao Cristianismo e que a civilização que ela almeja possui estreita relação com o humanismo cristão. No contexto da liberdade, a visão cristã e católica serviria como base orientadora para os jovens, e, para tal, utilizaria como referências educacionais:

> 1º - uma **visão transcendental** do homem cujo percurso existencial é polarizado por Deus; 2º - uma **visão imanente** centralizada em Cristo, reconhecido como Verbo e Deus **encarnado** na história da humanidade à qual é imposto um ritmo de elaboração eminentemente ativo. 3º - uma **visão eclesial** que repousa sobre a orientação da Igreja Católica Romana. Isso de modo nenhum significa uma imposição em termo de prática religiosa. Uma coerção catequética, uma invasão indevida da consciência daqueles com quem se trabalha. A mais total liberdade de consciência permanece soberana. (CHARBONNEAU, 1984, p. 142).

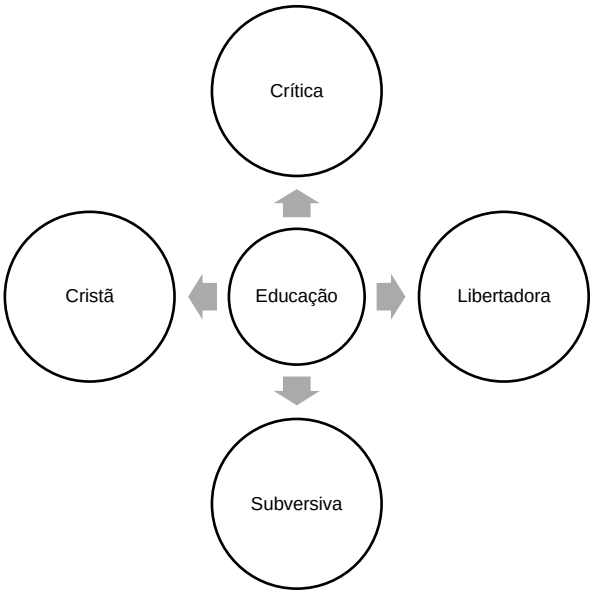
Tendo em vista as bases dessa liberdade, a perspectiva cristã católica fornece embasamento para que a orientação dos jovens venha a se concretizar. Além disso, essa ação tem uma perspectiva futura, pois visa orientar no sentido pessoal e coletivo, um vislumbre de comunidade nacional. Considerando essa questão, a organização do currículo não deveria se fechar à visão teórica fundamentada, mas estabelecer um leque de conhecimentos que passam por causas reais das mais longínquas às mais próximas.

> Nesse sentido, o currículo deverá ser eminentemente dinâmico, extensivo e abrangente. Claros conceitos prepararão primeiramente a abordagem direta da realidade. Mas sob pena de girar no vazio, essa elaboração conceitual deverá sempre voltar ao plano da vida e do concreto. A aparelhagem conceitual seria inútil se se fechasse sobre si mesma. (CHARBONNEAU, 1984, p. 144).

Pois, a abstração ainda que importante, não pode ser sobreposta quando logo em seguida se tem a realidade repleta de peculiaridades que tal maneira, fornecem materialidades que não podem ser desprezadas. Assim, educar no contexto de escolarização proposto por Charbonneau seria um estado constante de aproximação das realidades diárias de uma determinada sociedade, onde o saldo demonstra descobertas, por vezes duras e, por outras, inspiradoras.

Nesse sentido, com o intuito de demonstrar, a partir de um prisma distinto, como o ciclo educacional de Charbonneau se fecha, o visualizamos em quatro pilares que melhor demonstramos na ilustração no organograma 1.

Organograma 1 - Ciclo educacional de Charbonneau



Fonte: Organograma elaborado pela autora a partir de Charbonneau (1982; 1984).

Conforme o organograma 1, a educação ao centro a distingue enquanto basilar. Os adjetivos a sua volta lhe conferem características proporcionais ao seu *modus operandi,* sendo que isso não significa, necessariamente, a inauguração de uma outra educação, mas a potencialização daquela que é primeira a partir da soma outras características.

Após pensar em um modelo educativo, a cargo de quem ficaria a responsabilidade de propagá-lo e até mesmo colocá-lo em prática? Segundo Charbonneau,

> Todos aqueles cuja lucidez torna inquietos sabem que o submundo dos países subdesenvolvidos não terá salvação se não houver um esforço sério, eficaz e constante capaz de promover a juventude oferecendo-lhe o que se poderia chamar por analogia com esperança de vida, esperança de educação cada vez maior.” (CHARBONNEAU, 1982, p. 101).

Neste sentido, a promoção da educação é, para o autor, compromisso do Estado, primeiro responsável e quem deve se empenhar, mesmo que sacrifícios sejam exigidos, em promovê-la, mas não só dele, cabendo a comunidade nacional sentir-se inspirada a contribuir nesse processo.

> É preciso que a comunidade mesma assuma seu destino; ela o fará em diversos níveis e um deles será certamente o da educação.

> Principalmente porque os governos, apesar de sua boa vontade e grau de conscientização do problema, estão completamente sufocados por essa única obrigação que não conseguem cumprir. [...] Assim, é preciso, como dizíamos nós, que a comunidade também junte seu esforço ao da administração pública que se confessa claramente incapaz.” (CHARBONNEAU, 1982, p. 101).

Diante das deficiências do Estado, [...] trata-se de se dispor a se reunir todas as forças da Nação que possam ajudar a resolver o problema e oferecer uma colaboração preciosa que virar suprir as deficiências crônicas de que sofre a população estudantil.” (CHARBONNEAU, 1982, p. 101). Dentro da realidade educacional, Charbonneau destaca também o espaço que deve ser dado às escolas particulares enquanto peças importantes para a promoção da educação. Se havia um déficit nas oportunidades educacionais, elas surgiam como supridoras das demandas. Com isso,

> Elas virão oferecer, com a eficiência peculiar às instituições que se baseiam na iniciativa privada e na responsabilidade pessoal, uma suplementação de recursos que suprirá a insuficiência dos quadros oficiais e que garantirá a grande parte da população a possibilidade de receber a educação necessária. A existência de escolas particulares é muito mais que simples tolerância: uma necessidade de nosso meio. (CHARBONNEAU, 1982, p. 102).

Para estas escolas particulares fossem legítimas, Charbonneau elenca três condições a serem seguidas, são elas:

> Em primeiro lugar, ela operar segundo os critérios objetivamente estabelecidos pelas autoridades públicas e submeter-se, sem equívocos, ao controle das mesmas, porque a escola particular não poderia de modo algum estabelecer-se fora do projeto educativo da comunidade nacional nem funcionar segundo normas que se revelassem arbitrárias. [...] Em segundo lugar, a escola só terá sua razão de ser como um serviço a ser oferecido à comunidade. Não será jamais um mercado da cultura onde se comercializa a educação. Não há nada mais repugnante que o aproveitar-se (no sentido literal do termo: tirar proveito) de um serviço escolar para transformá-lo em fonte de rendimentos comerciais. [...] Nenhuma escola tem razão de ser se não estiver a serviço da comunidade da qual é parte ativa. Em terceiro lugar, ela não poderá fechar-se numa ideologia que fere a dignidade das pessoas e que se arroga uma autoridade indevida para negar-lhe os direitos. (CHARBONNEAU, 1982, p. 102).

A promoção da educação crítica, libertadora, subversiva e cristã não se fecha na mudança do modelo estabelecido, para Charbonneau. Pois ainda que o projeto

tenha bases pré-estabelecidas, objetivos claros, bem como estruturas de pensamento versáteis, o pluralismo é uma presença constante. Essa questão diz respeito ao direito que é conferido aos responsáveis na escolha do modelo educacional que o aluno será formado. Consciente dessa questão, Charbonneau vislumbra que com esta educação, a sociedade seria transformada.

> Na medida em que a educação é promoção da personalidade e despertar da inteligência, ela deve ser percebida na originalidade da identidade nacional. Ela certamente deverá ultrapassar os estritos limites dos problemas que se debatem no coração de uma nação. O universo inteiro deverá chamar a atenção daquele que se abre ao saber. Mas sempre esta abertura terminará por atingir tanto o que se passa em seu país, como o que se passa com ele mesmo. [...] A lista dos males do continente é interminável. Em cada nação ela se repete, de tal maneira que, na medida em que a Educação quer ser resposta a esses males, torna-se uma comunhão continental. (CHARBONNEAU, 1982, p. 105-106).

A sociedade, aqui acrescentamos latino-americana, então, poderia distanciar-se e até mesmo extinguir o mimetismo cultural que a circundava, criando a sua própria identidade. Além disso, conscientes da realidade que precisam enfrentar, a educação desponta como meio pelo qual se semeia insistentemente, considerando todas as precauções, uma recusa teimosa da alienação, para utilizar os termos de Charbonneau (1982). Distantes de toda e qualquer proximidade com a alienação, o jovem não pode se constituir outra coisa senão sentinela cuidadosa da justiça (CHARBONNEAU, 1982).

Um adendo sobre os textos que mobilizamos neste item, é que os mesmos foram publicados no período final da ditadura militar conhecido como o da reabertura política. Nesse tempo, João Figueiredo era o presidente do Brasil (1979-1985). O intuito em acrescentar tal informação tem a ver com o fato de termos identificado algumas terminologias que se não fosse o período de flexibilização política, eles poderiam não passar pela censura. Termos como: comunismo, socialismo, marxismo, subversivo, totalitarismo, entre outros, utilizados por Charbonneau, caso fosse no período do AI-5, poderiam ser considerados inadequados e, consequentemente, reprovado pelos censores, o que colocaria facilmente Charbonneau na mira do Departamento de Ordem Política e Social (Dops).

Apesar de não ter sido encaminhado ao DOPS, Charbonneau passou por uma situação devido a sua proximidade com o frei dominicano Carlos Josaphat e o grupo

de intelectuais que apoiavam o jornal *Brasil, Urgente*. O periódico, fundado em 1963 e sustentado por acionistas de diferentes camadas sociais, tratava, principalmente, das lutas dos trabalhadores e das reformas de base[30]. Por conta dos posicionamentos publicizados no jornal, e devido ao contexto político que estava sendo formado, houve tentativas de barrar as ideias políticas defendidas. De acordo com Martins (1997), Charbonneau não estava ligado diretamente ao periódico, porém, participava de campanhas para arrecadação monetária, além de manter contatos de forma indireta, pois boa parte dos colaboradores fazia parte do seu círculo social. Devido a estreita relação, Charbonneau e o frei Josaphat foram convocados para debate por um grupo de empresários contrários às defesas do jornal.

> O encontro, realizado numa vasta mansão de São Paulo, não se deu na sala ou em algum aposento arejado, mas sim numa espécie de casamata: a adega. O cenário estava armado para um confronto. Na frente, afastadas entre si, duas mesas com cadeiras. A cada um desses arranjos correspondiam filas de assentos destinados às respectivas plateias. De um lado, a claque do *Brasil, Urgente*; de outro, a do padre Eugênio – assim imaginaram os promotores. A intenção, enfim, era óbvia. Não estavam lá para debater coisa alguma, mas para denunciar frei Carlos como um "agente da infiltração comunista na Igreja católica". Tratava-se, em resumo, de uma "caça às bruxas" *em petit comité*. Charbonneau compreendeu de imediato a situação e a cada insinuação velada pedia o nome, a prova, o fato concreto – que não vinha. Talvez os empresários esperassem, ingenuamente, que o próprio Charbonneau conduzisse o diálogo inquisitorial. Diante da farsa, o canadense foi mudamente se enfurecendo. Até que, solicitado pela enésima vez a traduzir para o empresariado o pensamento da Igreja sobre *a propriedade privada*, *sujeita ao bem comum*, não se conteve. Sacudiu o cachimbo nos dedos. "Estão vendo este cachimbo? É meu. Comprado com meu dinheiro. Com moeda canadense. Propriedade particular minha." Prendeu o cachimbo nos dentes. Deu grossas baforadas. "Agora ele está cumprindo sua função social... porque se não estivesse na minha boca, vocês iam ver o tipo de coisa que iam ouvir!". Com a gargalhada de uns, o muxoxo de outros, o encontro encerrou-se ali mesmo. (MARTINS, 1997, p. 97).

Duas conclusões podemos tirar do ocorrido: a primeira é a de que Charbonneau travava um íntimo contato com a esquerda católica, como vimos ao longo da tese e conseguimos visualizar no texto citado. A segunda é a de que o padre

[30] Algumas em que são abordadas tais reformas: *Reformas de base sem medo nem imposturas* (*Brasil, Urgente*, 31 de março de 1963); *Bispos e povo na linha das reformas* (*Brasil, Urgente*, 5 de maio de 1963); *O Brasil marcha para as reformas* (*Brasil, Urgente* 12 de maio de 1963); *Cartilha de reforma: porque a Constituição não é intocável* (*Brasil, Urgente*, 19 de maio de 1963); *MUD: favela só acaba com a reforma urbana!* (*Brasil, Urgente*, 21 de julho de 1963); *Mudança da estrutura agrária para eliminar o subdesenvolvimento* (*Brasil, Urgente*, 30 de junho de 1963).

não se intimidava com as pressões daqueles que estavam em desacordo com posicionamentos e ações do grupo ao qual participava, postura e fidelidade necessárias para os acontecimentos que viriam surgir.

Tal postura lhe proporcionou voto de confiança para manter sigilo quanto à uma investigação em andamento, sob a responsabilidade de Hélio Bicudo, em relação ao grupo conhecido como Esquadrão da morte. O então procurador de escreveu, em 31 de agosto de 1970, um depoimento em formato de carta onde relata ameaças que passava por investigar o grupo citado. Como precaução para caso acontecesse algo mais fatídico, Bicudo enviou cópias do seu depoimento para os seus amigos em que mais confiava, sendo um deles Charbonneau. Inserido em dado tempo histórico e ciente das consequências, o padre canadense manteve o envelope lacrado até a sua morte.

Assim como fez com a carta de Hélio Bicudo, Charbonneau se silenciou no período mais severo da ditadura, evitando assuntos polêmicos que poderiam gerar infortúnios. Defender então uma educação pautada na libertação, subversividade, criticidade e cristandade só foi possível quando o clima político estava ameno. O desvio desse assunto, e o mergulho intenso nas questões da família, pode ter sido um modo de evitar problemas com a ditadura civil-militar, uma vez que a família é uma das bases dos governos autoritários. Entendemos, desta forma, que sua expertise na temática pode não ter sido a única razão para ter se tornado referência na área, tendo em vista que Charbonneau contribuiu fortemente, no período ditatorial, com a sua produção escrita relacionada a assuntos da família.

3 LEITURAS DE UMA VIDA: REENCONTRANDO CHARBONNEAU, UMA PERSONAGEM EM PROJEÇÃO

Em 11 de setembro de 1987, no Hospital Santa Catarina, em São Paulo, deixa de existir, em vida, Paul-Eugène Charbonneau.

Figura 20 – Notícia da morte de Charbonneau[31]

Morre o padre Charbonneau

O padre, filósofo e educador canadense Paul-Eugène Charbonneau, vice-diretor do Colégio Santa Cruz, morreu ontem, aos 61 anos, no Hospital Santa Catarina, onde estava internado desde o dia 10 do mês passado, como conseqüência de uma hemorragia cerebral. Ele será enterrado às 10 horas de hoje no cemitério da Lapa, após a celebração de uma missa de corpo presente no ginásio da escola.

O padre Charbonneau, segundo seu médico e amigo Ernesto Lima Gonçalves, morreu de parada cardíaca, depois de uma "falência de múltiplos órgãos". Desde que foi internado, o padre Charboneau jamais se recuperou, embora apresentasse sinais de melhora em alguns momentos. Ele permaneceu uma semana na Unidade de Terapia Intensiva do hospital; depois, segundo o médico, adquiriu alguma consciência, mas sofreu uma paralisia dos membros do lado direito e perdeu a fala. No domingo passado, foi novamente transferido para a UTI com complicações pulmonares, seguida de falência de vários órgãos, até que ontem, por volta de 10 horas, seu coração parou de bater.

O corpo do padre Charbonneau, autor de 45 livros editados e mais dois já escritos, foi velado desde as 14 horas na capela do Colégio Santa Cruz, onde dezenas de pessoas, entre professores, alunos, ex-alunos, admiradores e amigos, lembravam-no como um homem sensível, inteligente, amigo, brincalhão e extremamente lúcido.

O padre Lourenço Roberge, que pertence à mesma congregação de Charbonneau e seu amigo desde sua chegada ao Brasil, disse que além de suas qualidades como pessoa, ele se destacava como excelente conferencista e teólogo, sempre preocupado com questões de moral. "Ele lia pelo menos dois livros por semana e escrevia todo dia", lembra o pároco da Igreja de S. José, no Jaguaré. Desde 1965, Charbonneau exercia a vice-diretoria do Colégio Santa Cruz. Nos últimos tempos Charbonneau dedicava-se a escrever e a proferir palestras sobre a Aids.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 12 de setembro de 1987.

[31] O padre, filósofo e educador canadense Paul-Eugène Charbonneau, vice-diretor do Colégio Santa Cruz, morreu ontem, aos 61 anos, no Hospital Santa Catarina, onde estava internado desde o dia 10 do mês passado, como consequência de uma hemorragia cerebral. Ele será enterrado às 10 horas de hoje no cemitério da Lapa, após a celebração de uma missa de corpo presente no ginásio da escola. O padre Charbonneau, segundo seu médico e amigo Ernesto Lima Gonçalves, morreu de parada cardíaca, depois de uma "falência de múltiplos órgãos". Desde que foi internado, o padre Charbonneau jamais se recuperou, embora apresentasse melhora em alguns momentos. Ele permaneceu uma semana na Unidade de Terapia Intensiva do hospital; depois, segundo o médico, adquiriu alguma consciência, mas sofreu uma paralisia dos membros do lado direito e perdeu a fala. No domingo passado, foi novamente transferido para a UTI com complicações pulmonares, seguida de falência de vários órgãos, até que ontem, por volta de 10 horas, seu coração parou de bater. O corpo do padre Charbonneau, autor de 45 livros editados e mais dois já escritos, foi velado desde as 14 horas na capela do Colégio Santa Cruz, onde dezenas de pessoas, entre professores, alunos, ex-alunos, admiradores e amigos, lembravam-no como um homem sensível, inteligente, amigo, brincalhão e extremamente lúcido. O padre Lourenço Roberge, que pertence à mesma congregação de Charbonneau e seu amigo desde sua chegada ao Brasil, disse que além de suas qualidades como pessoa, ele se destacava como excelente conferencista e teólogo, sempre preocupado com questões de moral. "Ele lia pelo menos dois livros por uma semana e escrevia todo dia", lembra o pároco da Igreja de S. José, no Jaguaré. Desde 1965, Charbonneau exercia a vice-diretoria do colégio Santa Cruz. Nos últimos tempos Charbonneau dedicava-se a escrever e a proferir palestras sobre a Aids. (O Estado de S. Paulo, 12 de setembro de 1987).

Considerando que o tempo em vida é curto, a existência em sentido social coletivo pode ser uma demonstração de eternidade, pois, ao mesmo tempo em que assegura o pertencimento, fortalece a importância da continuidade.

Conforme Severo (2004, p. 2),

> Afetividade e pertencimento, como categorias emocionais vinculadas ao espaço físico local, são experiências da ordem do vivido, pertencem ao quadro subjetivo daquele que habita e não daquele que transita. Quem está de passagem não vislumbra os significados de imediato e, mesmo que consiga contextualizar o monumento histórico a partir de um saber prévio, na maioria das vezes, não será capaz de "mergulhar" no objeto afetivamente e entregar-se ao jogo que torna o passado vivo no presente. A sociedade que vivencia a experiência emocional com o seu patrimônio consolida a auto-estima do grupo com saber e sensibilidade.

A efetividade dessa operação pode ser entendida à medida que determinadas recordações, no nosso caso, imaginárias, são possibilitadas quando ocorre o encontro com o monumento ou, no caso desta pesquisa, com os espaços representativos dedicado ao monumento. Entretanto, é possível fazermos uma inserção apontando para a possibilidade de o grupo que vivenciou com o monumento, seja uma experiência emocional ou profissional, além de consolidar a relevância do grupo, alavanca a importância de um de seus membros.

Longe de ser esquecido, Charbonneau foi – e ainda é – rememorado, como vimos no decorrer da tese. Desde monumentos em sua homenagem, à um lugar que reúne, materialmente, o seu pensamento, o padre é lembrado e apresentado para aqueles que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Por meio dessa lembrança, o passado pode ser recontado, ao mesmo tempo em que é perpetuado. A lembrança apresenta-se, então, como a "sobrevivência do passado" (BOSI, 1979), que se concretiza na memória.

Envolta ao monumento, circunda a memória e os testemunhos são o contar do vivido, das histórias passadas. O depoimento dos outros acende aquela lembrança apagada ou nos leva ao imaginário de um acontecimento que não foi vivenciado por nós. Entretanto,

> Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no

> dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Em outras palavras, “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 5). Como a memória é falha, os lugares de memória são um meio para a preservação desta memória, pois, “[...] o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar”. (NORA, 1993, p. 15).

No movimento de materialização da memória, os testemunhos escritos, assim como as construções que aqui mencionamos, são, também, lugares de memória. A partir de testemunhos, das lembranças dos sujeitos que naquele tempo estavam presentes, rastreamos histórias e memórias, o registro de um tempo. Segundo Le Goff (2003), com o surgimento da escrita, houve a transformação da memória coletiva em duas formas: a primeira, a partir da comemoração e celebração por meio de um monumento e, a segunda, ligada ao documento no suporte destinado à escrita.

Se na primeira forma a memória retoma o passado de maneira figurada com inscrições, nos voltamos para este tipo de instrumento de memória quando traçamos o conjunto de construções em homenagem à Charbonneau. Tendo isso em mente, as comemorações não cessaram com as construções. Dada a relevância para a escrita dos testemunhos como uma ação para se conservar a memória, os documentos escritos, conforme Le Goff (2003), possibilitam o armazenamento de informações para a memorização e registro e, com isso, quando a fala passa a escrita, há a passagem da esfera auditiva para a visual. Neste sentido, a evocação de Charbonneau se deu também em forma escrita com dois livros em homenagem posterior a alguns anos de sua morte: *Charbonneau por seus amigos* (1990), de Lionel Corbeil e Ernesto Lima Gonçalves, que reuniu testemunhos de colegas do padre e foi publicado 3 anos após o seu falecimento e *Charbonneau: Ensaio e retrato* (1997), de Alberto Martins, publicado em homenagem aos 10 anos de morte do padre.

Mas, por que lembrar de alguém no ano em que é o aniversário de sua morte? Porque, em um “[...] mundo de indivíduos, certos mortos tendem a desempenhar um lugar importante para a referência dos vivos.” (ABREU, 1994, p. 208).

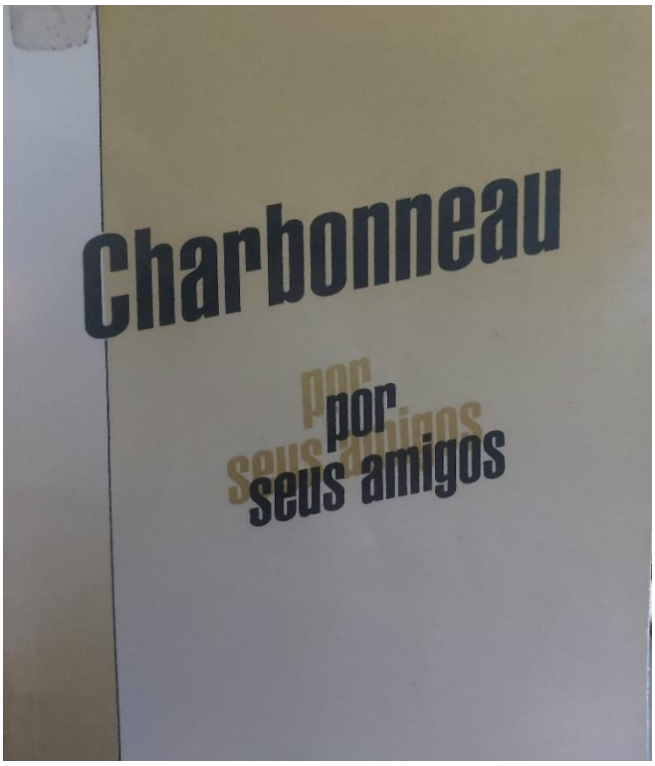
Dos indivíduos vivos – à época –, os amigos mais próximos de Charbonneau, os seus “agentes produtores da memória social” (ABREU, 1994), reuniram-se para retratar a figura do intelectual em diferentes versões, resultando no livro *Charbonneau por seus amigos*, que aprofundaremos a seguir trazendo, também, contribuições de Martins (1997) para delineamento do perfil de Charbonneau.

3.1 Charbonneau por seus amigos

Hoje, no tarde da vida, apenas, uma suave e perdida relembrança.
Cora Coralina

Organizado por Lionel Corbeil e Ernesto Lima Gonçalves, o livro *Charbonneau por seus amigos*, publicado pela editora Loyola em 1990, reúne 33 depoimentos, memórias de pessoas que tiveram convivência pessoal com o padre. Dividido em três temas, o livro agrupa um Charbonneau em diferentes posições: o amigo; o educador e o escritor; o soldado da Igreja, apóstolo do amor e da família.

Figura 21 – Capa do livro *Charbonneau por seus amigos*



Fonte: Acervo da autora.

Das narrativas que aqui trazemos, foi demandado um tratamento deveras difícil para fugirmos de uma visão heroica do personagem em estudo. Isto porque, uma obra em memória a alguém é repleta de modulações de uma verdade desejável, de uma imagem individual identitária de um grupo. Nos testemunhos que aqui trazemos, Charbonneau é ressaltado, preservado e consagrado como um amigo de todos, um professor que incitava em seus alunos discussões críticas acerca da vida humana, assim como aquele que criticava iniciativas católicas mesmo ele sendo um "soldado da Igreja". Diante de uma obra exaltativa, tentamos não cair nos truques da memória pessoal de tramas reconstituídas. Das possíveis imagens que um sujeito pode projetar, retratamos aqui aquela que ficou no imaginário dos que se recordam do padre Charbonneau.

3.1.1 “Charbonneau, o amigo”

Na construção do amigo que partiu, Charbonneau é enfatizado como um homem sério aos olhos dos que liam os seus livros e assistiam as suas palestras e cursos. Na lembrança dos amigos, ele era alguém que gostava de conversar de forma acolhedora. É também narrado como alguém de porte físico muito forte e, de acordo com Corbeil, “[...] correspondia também a um estado de alma muito viril” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 11). Ser boxeador e jogador de hóquei no Canadá permitiram tal porte físico e agressividade, tendo em vista o estilo agressivo de tais esportes, bem como a posição em que Charbonneau atuava no time de hóquei, a de defesa.

Figura 22 – Charbonneau com o time canadense de hóquei

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Amigo mais próximo, o padre Corbeil manteve a amizade com Charbonneau desde a sua chegado ao Brasil para lecionar filosofia no Colégio Santa Cruz e foi com ele que o intelectual dividiu a diretoria da escola, além de estarem juntos em outros projetos, como a criação da Escola de Pais. Dos 33 depoimentos do livro, 3 são de

Corbeil, idealizador do livro. Com o testemunho de abertura, acerca de Charbonneau, ele escreve:

> Pe. Charbonneau caracterizava-se como um homem decidido, lutador, capaz de decisões profundas, de expressão fácil, fluente, nítida e concisa; por outro lado, encontrava-se nele um homem compreensivo, humano, generoso, incapaz de recusar um auxílio, um serviço solicitado ou manifestado. Juntava-se se a isso um caráter alegre e lúdico que na conversa usava uma linguagem pitoresca e até irreverente. Esses contrastes o favoreciam de maneira notável no seu relacionamento pessoal e social, bem como o qualificavam para o exercício de muito apreciado Conselheiro. (Pe. Lionel Corbeil *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 11).

A afirmação de que Charbonneau constantemente exercia o seu papel de orientador, como se essa função fizesse parte de todos os seus momentos, independentemente de estar em algum curso ou conferência, aparece em outros relatos, como de Margarida Maria de Oliveira Alves, funcionária do Colégio Santa Cruz na época em que o livro em questão foi publicado.

> Aquele homem – Pe. Eugênio –, que nos alegrava com sua presença diária nos corredores, jardins, que quase todos os fins de tarde, quando o Colégio estava quase sem ninguém, colocava suas músicas em altíssimo volume e andava pelos corredores afora, ora meditando, ora lendo e muitas vezes dirigindo uma palavra amiga, contava fatos pitorescos de quando esquiava no Canadá e que quando notava alguma diferença de comportamento pousava seus olhos bondosos e bastante compreensivos e dizia:
> – Filha, você está com algum problema? Quer conversar um pouco comigo? (Margarida Maria de Oliveira Alves *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 27).

Ao fazer essa pergunta ao olhar para o outro, Charbonneau se veste dos profissionais que circundam a sua trajetória: o padre, o professor, o orientador. Ele não se prendia a uma de suas atuações, mas as entrelaçava formando um conjunto que definia o seu *eu*. Como professor, também era amigo e conselheiro. O ex-aluno do Colégio Santa Cruz Thomaz Pompeu Pires Magalhães – na época da escrita do livro era, então, empresário – falou sobre o seu contato com Charbonneau quando ainda era aluno da instituição.

> Falar sobre o Pe. Charbonneau, como pessoa, como marco em nossas vidas é tão complexo que nem mesmo todas as obras por ele publicadas juntas seriam suficientes, em termos de volume, para

> agrupar tudo aquilo que todos aqueles que com ele tiveram algum tipo de envolvimento teriam a dizer da importância de tal relacionamento. Sob todos os aspectos, sua presença sempre foi marcada pelo elevado espírito acolhedor, acompanhado de uma incomparável capacidade de orientação, apoio e esperança.
> No que me diz respeito, desde que ingressei no Colégio Santa Cruz, em 1966, mantive com ele um relacionamento da maior profundidade, tanto no aspecto pedagógico, como no educacional. Tive o privilégio de ter sido aluno da cadeira de Metafísica, mas, acima de tudo, pude ter o melhor em termos de orientação e educação. Foi meu confidente durante anos, **tendo sempre suas portas abertas a qualquer dia e a qualquer hora**, transmitindo sempre uma palavra de carinho e esperança, mas acima de tudo com um **inigualável senso de orientação**. (Thomaz Pompeu Pires Magalhães *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 22, grifos nossos).

Orientador das famílias, de acordo com alguns relatos, vemos os ensinamentos que eram dados para aqueles que faziam parte do seu ciclo de amizades e do âmbito profissional. Conseguiu alcançar desde os pais até os filhos. Dois depoimentos presentes no livro que aqui estudamos exemplificam esta interpretação. O primeiro deles, do então empresário Victório Walter dos Reis Ferraz, pai de alunos e morador das proximidades do Colégio Santa Cruz, traz Charbonneau como parte integrante da família e frequentador da casa para comer os bolinhos feitos pela cozinheira da casa ou então para nadar na piscina quando estava nervoso. Nestas visitas, Victório e Charbonneau conversavam sobre diferentes assuntos relacionados às viagens, comidas e bebidas. Em uma destas conversas, exerceu a sua função de intelectual, padre e orientador ao proferir as seguintes palavras: “Deus deve dar maior valor aos ricos que vivem nos mandamentos do Senhor. Porque é muito mais difícil para os ricos, que têm todas as facilidades, serem fiéis a Cristo. Os pobres nada têm e muitas vezes seguem o Cristo por esperança e por medo.” (Victório Walter dos Reis Ferraz *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 23).

Essa fala nos remete a sua atuação na ADCE e enquanto ator social, reconhece os privilégios dos mais ricos em comparação aos pobres. Estar naquele meio era uma forma de conscientização dos que detinham de uma condição financeira mais elevada para ver a realidade das pessoas de baixa renda e atuar em prol de uma causa em favor desse grupo pelo viés da igreja católica. Do mesmo modo que buscava conscientizar os jovens estudantes para criticar e agir a fim de transformar a realidade que estavam inseridos, Charbonneau objetivou sensibilizar o meio empresarial a partir

dos pressupostos da doutrina social da igreja com a promoção de cursos realizados na instituição.

Figura 23: Charbonneau em discurso na ADCE

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Do mesmo modo que tratava os alunos, pais e empresários, tratava os funcionários e filhos dos empregados da escola quando estes iam a sua procura para orientação, bem como no dia a dia. Nadia Margherita Kijanitza, filha do cozinheiro do Colégio Santa Cruz, conta sobre a proximidade da sua família com Charbonneau, inicialmente por conta do idioma e pelo fato de morarem na instituição, mas que, ao longo do tempo, adquiriram uma amizade perdurada por 28 anos.

> Pe. Eugênio foi meu amigo de brincar de boneca, de dar banho em cachorro, de andar num caiaque canadense no rio de Valinhos, que mais navegava de cabeça para baixo, com todos nós em volta tentando, contra o curso do rio, trazê-lo para casa. Pe. Eugênio me ensinou as coisas mais bonitas, pois erámos mais simples. Nós nunca filosofamos muito, nós nos reservávamos o lazer.
> Ensinou-me livros, perfumes, francês, música gregoriana, piadas grandes, enormes, esportes. Ensinou-me a fazer comida, ensinou-me a Grécia, as cores do Canadá no outono, os mosaicos bizantinos.

> Ensinou-me a dirigir automóvel com todas as variantes verbais necessárias. Com o passar dos anos fui percebendo que esses pequenos fatos traziam consigo algo bem mais importante. Traziam uma base de vida. Eram uma escola.
> Pe. Eugênio ensinou a disciplina, a responsabilidade, o perdão. Um grande dom às pessoas e mais, a linguagem para chegar a elas. Ensinou a amizade e a simpatia. Ensinou a solidariedade, o amor e a fidelidade. A humildade e a abnegação. Com o passar do tempo, foi ensinando a dor, a coragem, a agonia, por várias vezes, e finalmente a morte. (Nadia Margherita Kijanitza *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 21).

Da personificação do sujeito orientador, amigo e intelectual de palavras rebuscadas, por vezes saía do seu papel quando sentia a dor mencionada por Nadia. Quando estava internado no hospital, Maria Magdalena Barros Galvão, funcionária do Colégio Santa Cruz e sua enfermeira, era a responsável por aplicar as injeções e quando o fazia, Charbonneau se mostrava ser, de fato, um paciente hospitalar. “Pe. Charbonneau, o intelectual, às vezes deixava sua cultura de lado e na hora das injeções, me dizia: ‘Estou f..., pois quando não dói a picada, dói o líquido’.” (Maria Magdalena Barros Galvão *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p 28). Assim como demonstrou Corbeil, Charbonneau longe da máquina de escrever e do “palco” de suas conferências e debates, tinha uma linguagem pitoresca, pois os intelectuais não exercem o seu papel a todo momento, visto que por trás do personagem, há um ser humano.

As características que o tornam humano quebram a representação quase intangível de padre e intelectual que recorrentemente se produz acerca dos sujeitos. Mesmo nas memórias laudatórias, sobressai o humano, com suas fragilidades, sua fúria, sua intensidade, sua necessidade de respiro, de extravasar. Mesmo por imagem, essa intensidade é transmitida, como podemos ver na figura 24:

Figura 24 – Charbonneau em palestra na ADCE

Fonte: Acervo da autora.

O reconhecimento, apesar de não ser um consenso, como vimos anteriormente, se deu exatamente por essa marca peculiar que o tornava um ser humano como todos os homens. Tal comportamento permitia aproximação, confiança e empatia de muitos que estão presentes no livro. Mesmo com essa postura, Charbonneau exalava autoridade, seja na figura do orientador, do professor ou do intelectual.

Examinando os relatos do livro *Charbonneau por seus amigos* e outros que surgiram ao longo da nossa pesquisa, encontramos, além de uma ênfase ao caráter acolhedor e de conselheiro, um perfil polêmico e argumentador. Sua biblioteca pedagógica é representativa desse perfil. Assim como a sua biblioteca demonstra o estudioso, os seus amigos trazem o Charbonneau que gostava de um embate e como ele não se abstinha mesmo quando era uma conversa entre amigos. José Bonifácio Coutinho Nogueira, empresário e presidente do Conselho Consultivo da Escola de Pais do Brasil em 1990, relata um debate em Paris:

> O tema, embora velho e universal, acabava de ganhar intensidade no Brasil: o controle de natalidade. Só acabamos a divergência quando,

> perturbado pelo vozerio alto, o dono do bistrô nos mostrou o caminho da porta.
> Depois, mil vezes, conversamos, divergimos, concordamos. O Pe. Charbonneau era polêmico e dialético. Gostava de assumir, em tom provocativo, as suas posições. Um pouco para testar a força do adversário e muito para, do confronto entre tese e antítese, chegar à síntese.
> Orador brilhante, culto como ele só, com a força de sua voz era capaz de constranger qualquer interlocutor mais ousado. Fazia-se de pessimista, ameaçava ser apocalíptico para, depois, passar a sua mensagem final, sempre construtiva, sempre de esperança. [...] Às vezes acredito que gostasse da guerra para chegar a paz. (José Bonifácio Coutinho Nogueira *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 19).

Apesar de seu comportamento típico de “entrar em guerra”, de entrar em discussões de forma enérgica, um momento em específico nos faz questionar se Charbonneau entrava em debate com todos que o questionassem. Em ascensão por conta das publicações do seu livro *Amor e liberdade*, publicado em 1968, no ano de 1969 lhe fora reservada uma queda quanto ao vislumbre à sua imagem de padre evoluído e vanguardista. Martins (1990) descreve um artigo da revista *Veja*, de maio de 1969, intitulado *O caititu do catecismo*, onde, em um programa de TV Charbonneau reage de uma forma diferente das detalhadas em depoimentos sobre o seu perfil. Na ocasião, Dercy Gonçalves, a apresentadora do referido programa, anuncia um padre que falará sobre um novo catecismo. Charbonneau, ao entrar com os trajes identitário de padre, recebe os aplausos do auditório.

> [...] risonho, aperta polidamente a mão da comediante. A primeira pergunta: ‘Então, Padre, quais são as novidades desse seu catecismo?’ Perto de 1 milhão de pessoas [...] ouvem o Padre Eugène Charbonneau (canadense, da ordem dos Padres da Santa Cruz) dizer que se trata da tradução brasileira do Catecismo Holandês, preparado por teólogos holandeses para esclarecer os grandes problemas da fé e da moral católicas, depois do Concílio Ecumênico Vaticano II. ‘Se é assim’, diz Dercy, ‘o que é lá que seu catecismo diz do divórcio? O senhor é contra ou a favor do divórcio? Sim, porque eu sou a favor, acho um absurdo uma pessoa que casou e não deu certo ficar aí inutilizada.’ O auditório aplaude. O Padre Charbonneau explica que ‘o problema do casamento é vasto para ser discutido assim’. Não acaba a frase. Dercy o interrompe: ‘Como é, Padre, o senhor é contra ou a favor do divórcio?’ O auditório aplaude. Charbonneau reage com energia: não foi lá para disputar aplausos. (VEJA, 1969 *apud* MARTINS, 1997, p. 205-206)

De forma irônica, o autor do artigo frisou a origem e a ordem as quais Charbonneau pertencia, além de deixar claro o país de publicação do catecismo. Não

sabemos, ao certo, o motivo para tal reação, mas podemos inferir que Charbonneau não estabeleceu com Dercy uma interlocução. Quais teriam sido as possíveis razões? Charbonneau estava habituado a tratar com mulheres, talvez não de igual para igual, talvez não tão insolentes. Teria ele descreditado o programa ou se sentido afrontado pela apresentadora? Teriam os trajes da apresentadora, que, conforme Martins ressaltou, estava de minissaia, meias rendadas e grande decote, influenciado em seu julgamento? Ou a sua atitude sarcástica ao fazer a pergunta, tentando colocá-lo intencionalmente em uma situação delicada, mas sobretudo, tentando desqualificar sua opinião junto ao público que a aplaudia mais do que a ele o incomodou? Nesse evento, Charbonneau não se expressou como ele costumava fazer ao se expor, não foi didático nem aguerrido na defesa de seu pensamento. Vale ressaltar que Charbonneau havia, em anos anteriores, declarado publicamente em artigos de jornais e revistas o seu posicionamento contra o divórcio. A postura dos seus interlocutores, que não pareciam endossá-lo como figura de autoridade, teria sido a razão para que ele recuasse e se recusasse ao diálogo?

Diante dos relatos apresentados, as características de Charbonneau destacadas são as de conselheiro, um amigo disposto a ajudar quando fosse preciso. Seu desempenho na educação é ressaltado e Charbonneau é também apresentado com alguém solidário, além de ter vínculos com pessoas de vários estratos sociais, apesar de estar frequentemente no meio dos integrantes da alta sociedade, visto que o colégio concentra os filhos de boa parte da elite paulista.

As passagens de sua trajetória sob o olhar do outro tem o sentido de demonstrar o porquê de o enxergarmos um ser humano que se tornou monumento. Isto porque, Charbonneau é dado a ver como intelectual-monumento e como ficou na memória a partir da contribuição desses outros olhares. Assim, antes de ser autor, professor, ou exercer qualquer outra função, o intelectual é alguém que convive com outras pessoas com e sem a intenção de se promover.

3.1.2 “Charbonneau, o educador e o escritor”

Do educador ao escritor, um perfil é lembrado. Pe. Eugênio, como os ex-alunos, professores e funcionários do Colégio Santa Cruz se referem à Charbonneau, era visto como alguém moderno em comparação aos outros professores que

integravam a instituição. Os depoimentos seguem desde lembranças de Charbonneau em sala de aula, até os momentos em que interferiu em comportamento não condizentes com as regras da escola. Em uma das ocasiões, quando o Santa Cruz deixou de ser um colégio apenas para meninos, era comum os professores fiscalizarem os possíveis namoros nos arredores da instituição. Flávio Berthola Facca, professor do colégio, relata:

> Lembranças das novas fases do Santa Cruz. Da entrada das meninas no colégio que “o” obrigava a caminhadas pelas ruas e jardins, à cata de algum namorico mais arrojado. Lembro-me bem do dia em que você se deparou com um caso desses. Aproximou-se, tocou o rapaz de leve com o pé e perguntou: – “Rapaz, você tem irmã?” – “Sim”, respondeu assustado, o menino – “Então, pense nela”. Foi o que bastou. Você sabia desconcertar o outro, quando ele merecia! (Flávio Berthola Facca *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 35)

Além dessa lembrança, Flávio conta sobre as famosas caminhadas de Charbonneau com o charuto na boca e as mãos para trás. Marca registrada do padre, as caminhadas iam desde os carinhos nas cabeças das crianças do primário que a pouco passaram a frequentar a escola, até a fumaça não agradável deixada ao passar. Jogava tênis com os pais e vôlei com os alunos, uma relação de proximidade com as famílias que propiciou amizades e reconhecimentos vistos nos relatos em homenagem a sua pessoa.

Como mencionado anteriormente, Charbonneau apresentava um perfil polêmico, alguém com o “pavio curto”. Exercendo a função de professor, ele não agia de modo diferente. Chegou a quebrar com um soco a mesa do professor ao discutir com um aluno em pouco tempo de atuação no Brasil. Os jovens, contrários a se assustarem, vibravam com tal ação. Também tinha facilidade em se aproximar dos jovens, chegando a discutir com os que frequentavam ao Colégio Santa Cruz, “[...] problemas ‘existenciais’ muitas vezes em choperias de São Paulo, tarde da noite, vestido revolucionariamente de camisa vermelha” (Luiz Eduardo Magalhães *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 51).

As vidas de escritor e professor se entrelaçavam. Morava em um quarto na escola e tinha seu escritório onde recebia casais, jovens e quem precisasse de conselhos. Devido a sua extensiva biblioteca, precisou utilizar outro cômodo para guardar os seus livros.

> Leu, meditou, refletiu apaixonadamente centenas de horas sobre o homem moderno, seus problemas e seus traumas, apegado à certeza de que a criação do mundo não se esgotara no Gênesis. Não se encerrou na redoma cômoda dos livros. Redobrou-se em energia e ação. Foi desassombradamente moderno, incorporou a cultura sadia e polivalente do seu tempo convencido de que a verdade não é privilégio de um grupo, mas é busca incessante e árdua e não se encontra embalada em gôndolas de supermercados. (Antonio da Silveira Mendonça *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 39).

Das leituras derivaram-se livros. Quando era desafiado a escrever algum livro ou artigo, se dedicava a leituras e, em pouco tempo, um novo produto surgia. Wolfgang e Paquita Knapp, da EPU, relata a entrega de Charbonneau ao escrever uma obra:

> Imergia na tarefa e emergia dela exausto, com a bateria mental e física totalmente descarregada. Este processo se repetia a cada nova obra. O Pe. Charbonneau ao escrever se entregava de corpo e alma ao trabalho. [...] Só tinha, para o editor que precisava divulgar as ideias do autor através da venda dos livros, um defeito: era extraordinariamente tímido na promoção dos próprios livros. Não sabia ou não queria falar de si. (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 45).

Enquanto era uma pessoa expressiva ao falar do outro ou de suas teorias, falar de si não era tão fácil. Charbonneau não divulgava seus livros publicamente, porém, enviava aos seus amigos que não mantinha tanto contato de proximidade e, ainda, fazia dedicatórias. Esther de Figueiredo Ferraz, Ex-Ministra da Educação e professora universitária, lembra que pouco via Charbonneau devido aos compromissos de ambos e que,

> [...] para evitar, creio eu, o surgimento de indesejáveis espinhos, ele me enviava regularmente os seus livros, os que já escrevera e os que acabara de publicar. Recebi-os todos, vindos como pombo-correio da fortaleza de Santa Cruz, trazendo-me sempre, nas edificantes dedicatórias escritas com sua inconfundível caligrafia, uma mensagem de fé, de esperança, de paz e de carinho. (Esther de Figueiredo Ferraz *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 26).

O movimento de envio de exemplares para pessoas do círculo de amizade – ou não – era um meio de divulgação dos seus escritos. Levando em consideração a posição ocupada por Esther, para ela esse livro não era enviado somente como um presente para uma amiga, mas um meio de circular as suas produções e deixar vivo

na memória o seu pensamento no imaginário de pessoas de posições importantes para a educação e sociedade brasileira.

Charbonneau é exaltado, também, pelas temáticas aprofundadas em suas obras. Filósofo e Teólogo por formação, usou a psicologia a seu favor como a área guiadora do seu "laboratório" (a escola e o encontro com os casais). Segundo Haim Grünspun, médico fisioterapeuta, Charbonneau

> Foi precursor de técnicas psicológicas sem jamais invadir a psicologia, mantendo-se em seu campo e passando para mim todas as conferências, palestra, cursos e entrevistas sobre patologia psicológica do ser humano. Mas as técnicas que usava, nos Encontros de Casais, nas entrevistas de família, nas maratonas sobre a fé, nos encontros de jovens foram publicadas cientificamente depois de Charbonneau as ter descoberto, experimentado, dominado e controlado. (Haim Grünspun *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 53).

Além dos livros, também dedicou-se à escrita de artigos para a *Folha de São Paulo*, como já referido nesse texto. Nestes textos, lançou-se a discutir sobre temas delicados para época, como lembra Otávio Frias Filho, diretor do periódico mencionado.

> Nos artigos de jornal, nos ensaios que publicou, na inspiração do colégio que ele ajudou a impulsionar, até que se tornasse um dos melhores do país, e nas conversas pessoais, sua preocupação constante era a de conciliar a Igreja e os tempos modernos, identificando na mensagem do Evangelho repostas atuais para questões atuais.
> Acredito que ele interpretou, melhor talvez do que ninguém entre nós, a reaproximação do catolicismo com os problemas concretos, com as ansiedades e com as esperanças do homem contemporâneo. (Otávio Frias Filho *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 53).

Ao escrever fora dos conformes da igreja, não deixou de receber críticas de integrante que compunham esta instituição. Mesmo com tais críticas e de pessoas fora do âmbito clerical, suas aparições em programas de televisão e rádio permitiram visibilidade e uma dimensão ampliada de sua circulação. Antonio da Silveira Mendonça, professor do Colégio Santa Cruz, resume o ser público e criticado que foi Charbonneau:

> Escreveu compulsivamente livros e artigos de jornal tratando sempre de assuntos de grande e palpitante atualidade e, para discutir ideias, foi frequentador requisitado e assíduo dos estúdios de televisão. Por suas posições e atitudes de vanguarda foi, dentro da Igreja e fora dela, alvo de críticas azedas, muitas vezes de cunho pessoal, a que reagia com humor e serenidade.
> Para a Igreja do Brasil, que, como também em outras partes, dá sinais evidentes de ver restringidos seus horizontes e caminhar tangida e sem glória para o reduto das sacristias, como aliás queriam os anticlericais do século passado, a morte de Charbonneau foi de consequências danosas. Para os amigos e os que com ele conviveram, ficaram a saudade do seu trato franco, aberto e humano e o exemplo de uma vida que se fez de estudo e reflexão, de trabalho e de luta. (Antonio da Silveira Mendonça *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 39).

Sobre a atuação de Charbonneau, Antonio conclui:

> Foi múltiplo. Educador, ia fundo nos temas fundamentais da vida humana, pouco afeito que era às rotinas administrativas e burocráticas de sua escola; partidário de posições transparentes e ousadas na vida docente, não conseguia refrear reações diante dos tépidos, dos indiferentes e dos bajuladores em busca de ascensão pessoal. Nos anos mais turvos e tenebrosos da ditadura, mesmo sob ameaça de banimento do país ao qual amarrara sua vida, empenhou-se com alma e risco para que o Colégio Santa Cruz vivesse em ambiente respirável, onde professores e alunos pudessem ler, discutir e manifestar-se livre e criticamente sob as muitas facetas da existência. (Antonio da Silveira Mendonça *in* GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 38).

O Colégio Santa Cruz, foi, para Charbonneau, o reduto onde iniciou, no Brasil, a sua história de educador e escritor. Das portas que se abriram, o mundo o conheceu e fortaleceu o estudioso que foi. Atuou em diversas frentes da educação no Brasil, sobretudo nos temas educação, sociedade e política, e suas ações dão a ver parte expressiva do campo de produção intelectuais e dos intelectuais no Brasil, sobretudo a partir da forte presença do catolicismo.

3.1.3 “Charbonneau, soldado da Igreja, apóstolo do amor e da família”

Como se sabe, Charbonneau dedicou a sua vida à Igreja e à orientação de casais, deixando sua marca de “apóstolo do amor” na lembrança daqueles que tiveram a oportunidade de escutá-lo ainda em vida. Assim como o quantitativo das fichas de obras lidas é extenso, a lista de lugares que Charbonneau proferiu palestras e cursos não caberia nos limites e no objetivo desse texto. Isto porque, a circulação de Charbonneau passa por diferentes cidades brasileiras e estrangeiras, por isso, o

que podemos trazer é a partilha de quem apreciou os ensinamentos do padre. Na qualidade de conferencista, alcançou a atenção de pessoas de diferentes ocupações profissionais, idades e posições sociais.

Entre os relatos das pessoas ligadas à Igreja, temos o do então arcebispo de São Paulo que viria a ser um apoiador do pensamento de Charbonneau: D. Paulo Evaristo Arns. De acordo com Martins (1997), no centro do contexto político conturbado em que se encontrava o Brasil no final dos anos 70, o arcebispo se viu impossibilitado em responder alguns ataques às visões progressistas quanto à possível volta da democracia e, ciente de que precisaria de uma resposta, recorreu à Charbonneau e ele aceitou, sem hesitação. Essa característica de Charbonneau se mostrar sempre disposto a encarar temas polêmicos era admirada pelo arcebispo e,

> [...] diversamente do que muitos poderiam pensar, D. Paulo jamais exerceu censura alguma sobre o pensamento de Charbonneau, por mais polêmica que fosse a sua posição. Ao contrário. Em mais de uma oportunidade, depois daquelas conferências que costumavam "levantar a poeira", D. Paulo recebeu queixas de bispos, afirmando que, em suas paróquias e, algumas vezes até, em seus estados, Eugênio Charbonneau nunca mais falaria em público. D. Paulo transmitia o teor das cartas e acrescentava ao mesmo tempo, "Mas aqui em São Paulo, você sempre poderá falar". (MARTINS, 1997, p. 57).

Grande admirador de Charbonneau em vida, em seu depoimento, D. Evaristo Arns não deixou de enaltecer os posicionamentos do padre perante a qualquer assunto, principalmente os polêmicos e apontou a dedicação de Charbonneau como de "[...] extremas importância para a divulgação da vida pastoral do povo". Para ele, o "[...] Pe. Charbonneau era um homem muito corajoso, muito discutido, às vezes muito combatido e partiu para a eternidade. Deus chamou um dos maiores expoentes da Igreja de Deus em São Paulo." (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 57).

O comportamento típico de Charbonneau, o de estudioso e questionador dos mais variados assuntos, decorre desde a época dos seus aprendizados quando ainda estava no Canadá. A sua força física e o seu ímpeto são também mencionados nos relatos de alguns padres da Congregação de Santa Cruz que tiveram contato com Charbonneau quando ele ainda estava em seu país de origem. De acordo com os eles, enquanto estudante, o aspirante a padre sempre se mostrou participante das discussões e não se esquivava quando era desafiado a discutir sobre alguma questão proposta em sala de aula. Foi o que relatou o Pe. José Bouchard, que considerava

Charbonneau provido de “[...] uma bela inteligência, era um aluno brilhante”. Era um entusiasta nos estudos e quando percebia que o professor não estava preparado, “[...] o discípulo Charbonneau sabia levantar o ponto fraco, colocar a pergunta certa e polemizar, de igual par igual, se fosse preciso.” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 60).

O Pe. José de Almeida Prado também conviveu com Charbonneau quando ele cursava o 4º ano de teologia, entre 1950 e 1951, e conta que Charbonneau tinha “[...] no grupo de teólogos uma presença marcante; participava do teatro, dos esportes, era excelente aluno; chamava a atenção o fato de ser um estudante aplicadíssimo e extremamente disciplinado, apesar de seu caráter exuberante e brincalhão.” Do mesmo modo, o lado estudioso e esportista de Charbonneau aparece no relato do Pe. Paul Granier, que o conheceu quando iniciou no noviciado em 1944.

> Vinha ele do Colégio onde estudara com a fama de bom aluno, jovial companheiro e ardoroso esportista. Depois vivemos alguns anos juntos no seminário de filosofia e teologia. A sua fama de jovial companheiro, bom estudante e ardoroso esportista foi logo confirmada entre os jovens religiosos. (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 59).

É curioso perceber que, em meio aos estudos, Charbonneau se dedicava, também, aos esportes, sem deixar de lado a disciplina que os cursos exigiam. Além disso, unia seriedade com descontração quando estava ao lado dos amigos. Charbonneau se mostrava, dessa forma, como alguém de múltiplas faces, que se adaptava ao ambiente em que está inserido. Segundo Alzira Lopes, uma das fundadoras da escola de pais, ele era um grande conhecedor de pessoas e fazia uso de tal habilidade no momento de suas conferências. No livro organizado por Gonçalves e Corbeil (1990), ela conta que em viagem com Charbonneau e a Madre Cristina Maria Sodré, em que o padre faria abertura de um seminário, Charbonneau “[...] fechou a pasta onde estava o esquema para conferência, e falou àquela plateia interessada por duas horas. Quando terminou. Depois dos aplausos, dirigiu-se a Madre Cristina e lhe disse: ‘Irmã, mude seu discurso, senão grupo não vai entender nada.” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 66). Ele tinha, dessa forma, a habilidade de modular o discurso conforme o público.

Com o saber lidar com diferentes públicos, Charbonneau passou a obter resultado favorável nos cursos para adolescentes e casais. Quando os encontros eram marcados, era numerosa a quantidade de participantes. Em momento

específico, Charbonneau ficou surpreso ao se deparar com os jovens participantes em seus encontros organizados pela Escola de Pais, como relata Alzira Lopes:

> [...] a Escola de Pais organizou por volta de 1970 os famosos Encontros de Jovens com o Pe. Charbonneau (assim eram chamados para não confundir com outros encontros já existentes). Esses encontros eram realizados no Colégio Mackenzie para 3.000 dos 15 aos 20 anos. No primeiro dia, quando ele entrou no plenário, vestido de *clergy man*, levou um susto, pois jamais esperava encontrar tantos jovens interessados em ouvir um padre num horário em que muitos deles gostariam de ter tudo, menos uma conferência. Pois bem, quando terminou o primeiro encontro, depois de 3 dias de trabalho, tivemos de tirá-lo pelos fundos do palco. Nesse momento, ele me olhou nos olhos e disse: “Você é uma louca para organizar isso, mas foi bom, pois eu estava pensando que já era tempo de pendurar as chuteiras, e vejo que ainda posso ir em frente. (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 66).

A verdade é que Charbonneau se afastou do trabalho devido ao seu estado crítico de saúde poucos anos antes de seu falecimento. Seus livros e artigos são marcas registradas da sua capacidade em alinhar o seu discurso de acordo com o público que estava para lhe ouvir. Alinhada a sua fala, estava a sua imagem, incluindo a sua vestimenta. Charbonneau também utilizava a vestimenta que correspondia ao público e ao ambiente em que estava na intenção de apresentar-se quem ele era e o seu lugar de fala, mas de um modo não taxativo de padre como uma figura sobre-humana. Visto como um padre moderno, as atitudes demonstrativas de tal modernidade partiam desde a sua opção pelo uso do *clergyman*, visto, na época, como uma veste dos sacerdotes da atualidade, até suas falas, questionadas por vanguardistas da igreja.

Porém, segundo Martins (1997), toda essa montagem de sua imagem era pensada por Charbonneau para ter dupla reação: a de identificação e a de contrariedade. De acordo com o autor,

> Extremamente consciente da imagem que projetava, Charbonneau não tinha ingenuidade alguma quando se relacionava com a mídia, fosse escrita ou televisa, sabia muito bem que sua postura aberta, informal, tanto atraía um número muito grande de católicos que, de outro, passariam ao largo da mensagem da Igreja como, ao mesmo tempo, incomodava profundamente uns defensores de um catolicismo conformado, que se queria distante de tudo o que cheirasse a novidade e movimento. Por isso mesmo, para provocar uma espécie de curto-circuito nessas concepções, quando ia à televisão defender um ponto de vista considerado avançado, trajava batina, vestimenta

> tradicional; quando, ao contrário, defendia opiniões enraizadas na tradição, vestia o *clergyman*, hábito moderno. (MARTINS, 1997, p. 82).

Esse hábito de portar-se diferente das ideias que iria trazer era para descontruir a visão formada que se tinha da figura de padre. Diferentemente do que se pensavam da formalidade que um padre deveria apresentar-se, Charbonneau buscava se mostrar como um homem como todos os outros. Deste modo, ele não se esquivava em aproveitar alguns divertimentos comuns dos seculares como ir ao cinema, praticar esportes, tomar chopp, fumar charuto e comer em restaurantes badalados nos quais a presença de padres não era habitual. Conhecido por uma parcela da sociedade paulistana, Charbonneau incomodava quem o via com trajes fora dos moldes párocos nos lugares vistos como não tradicionais aos padres. Martins (1997) traz uma situação vivenciada por Charbonneau:

> Frei Betto [...] recorda-se de ter ido certa vez a uma concorrida pizzaria de São Paulo, numa noite de domingo, lá pelos idos de 66. Numa mesa de centro, sozinho com seu blusão de couro, Charbonneau parecia algo constrangido com toda a atenção que acabara despertando. Obviamente ele chegara cedo e não contava que, com o salão lotado, ficaria exposto à curiosidade de tantos olhares. Frei Betto e um amigo – que já lhe haviam sido apresentados anteriormente e tinham-no em alta conta – dispuseram-se então a fazer-lhe companhia. Não lhes saiu da memória o fato de que, durante todo o jantar, o garçom não parou de trazer bilhetinhos anônimos, endereçados a Charbonneau, escritos por comensais indignados, que afirmavam não ser papel de padre “vestir-se com blusão de couro e frequentar pizzarias da moda”. (MARTINS, 1997, p. 83).

Mas por que a roupa tanto intrigava as pessoas? Porque a vestimenta se mostra como algo além de um produto que adorna o nosso corpo. A roupa condiz a uma distinção social, como defende Bourdieu (2007), uma representação de si e do grupo. Ela institui o poder que condiciona o discurso e Charbonneau contrariar a visão dos que escutam a sua fala de acordo com o assunto tem duplo impacto, pois havia os que admirassem a “descida do pedestal” do padre para falar de temáticas provocadoras para a igreja, comuns aos mais libertários, assim como existiam os que condenavam tal postura, como se fosse uma afronta à Igreja.

Como falado anteriormente, era característico de Charbonneau tal postura de desafiar ao que estava posto. Até mesmo São Tomás de Aquino, do qual era discípulo, como bem relata o Pe. José Bouchard: “Não é de se duvidar que ele esteja, lá no céu,

discutindo animadamente, com Sto Tomás de Aquino, certas posições questionáveis do ‘Doutor Angélico.’” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 61). O padre sugere, dessa forma, que apesar de Charbonneau ser um entusiasta da escolástica, não deixava de problematizar as questões presentes nesta corrente de pensamento e que, mesmo estando em outra dimensão, não deixaria o seu perfil de questionador.

Embora Charbonneau se comportasse, frequentemente, fora dos padrões exigidos pela ala tradicional da Igreja Católica, ele foi, para aqueles que mantiveram proximidade afetiva e intelectual, um admirável apóstolo e expoente da Igreja, um radical e competente que “[...] assumiu os ensinamentos de Cristo e suas consequências” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 68).

Os depoimentos aqui expostos são formas de reconhecimento pelas ações de Charbonneau no campo educacional católico. Considerando que não se é possível reviver todos os acontecimentos outrora vividos, as falas aqui apresentadas são seleções de momentos em que os depoentes vivenciaram com o personagem em estudo. Assim, é preciso acrescentar que embora ocorra uma espécie de celebração ao recordado, as lembranças fazem parte de um mosaico do que se quis ser relembrado, seja isso contrário ou não ao objetivo da ação. À medida que nos distanciamos e observamos essa ação, possa ser que achemos um tanto quanto tendencioso, porém, é preciso acrescentar que mesmo tendo essa dinâmica, essa ação é passível de ser compreendida dentro do contexto da produção de memória, a qual é parte significativa da história.

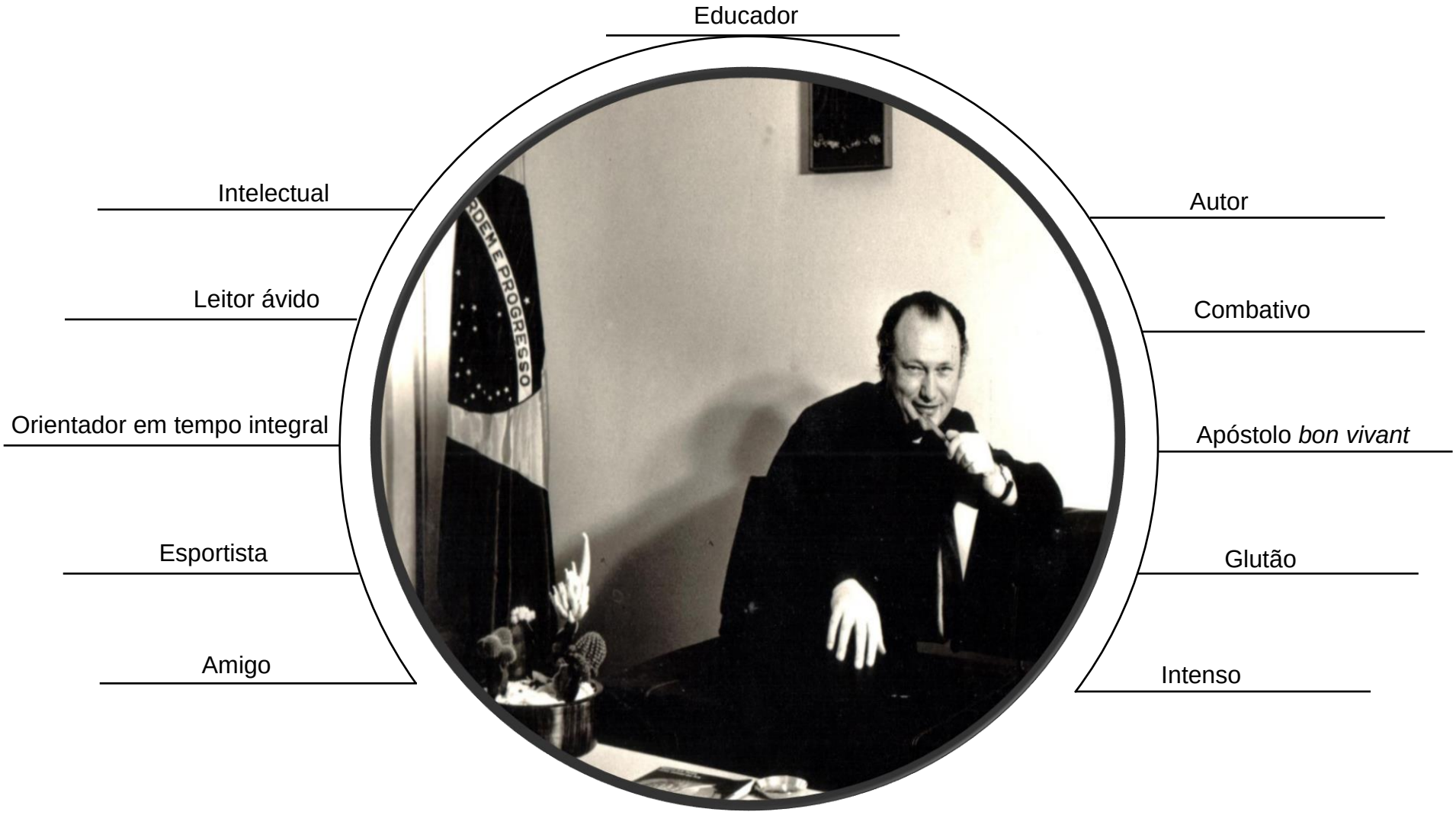
3.2 Perfil de Charbonneau

A partir dos depoimentos das pessoas que tiveram algum contato com Charbonneau, um perfil foi emergindo e, com isso, conseguimos fazer um desenho do intelectual monumento por nós estudado, de acordo com essas representações. A ideia de representação, neste ponto, tem a ver com a tentativa de transformar uma determinada ausência em presente, conforme Chartier (2002). Além disso, essa presença também pode ser alcançada a partir da imagem construída por aqueles que olham e fazem, imediatamente, surgir um sujeito de outrora, a partir de uma lembrança ou gesto traduzido em palavras. Como foi o caso dos depoimentos listados anteriormente. Mais do que representação significante, os depoimentos também

demonstram as múltiplas relações que ocorrem entre os indivíduos, bem como as que os grupos mantêm com o mundo social, pois é a partir dessa dinâmica que os presentes podem presentificar o ausente e assim o fazendo também asseguram a coerência de um grupo, o alcance de uma identidade, a salvaguarda de um poder. “A representação é aqui a demonstração de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa”. (CHARTIER, 2002, p. 166).

Assim como os depoimentos, o acervo encontrado nos diferentes locais que visitamos e o reconhecimento dado a Charbonneau ajudaram no desenho de como Charbonneau é lembrado por aqueles que o conheceram. Que perfil de pessoa, então, nos apareceu? Vejamos as características no organograma 2 que foram por nós destacadas e recorrentes nos depoimentos, bem como as que percebemos ao longo de da pesquisa:

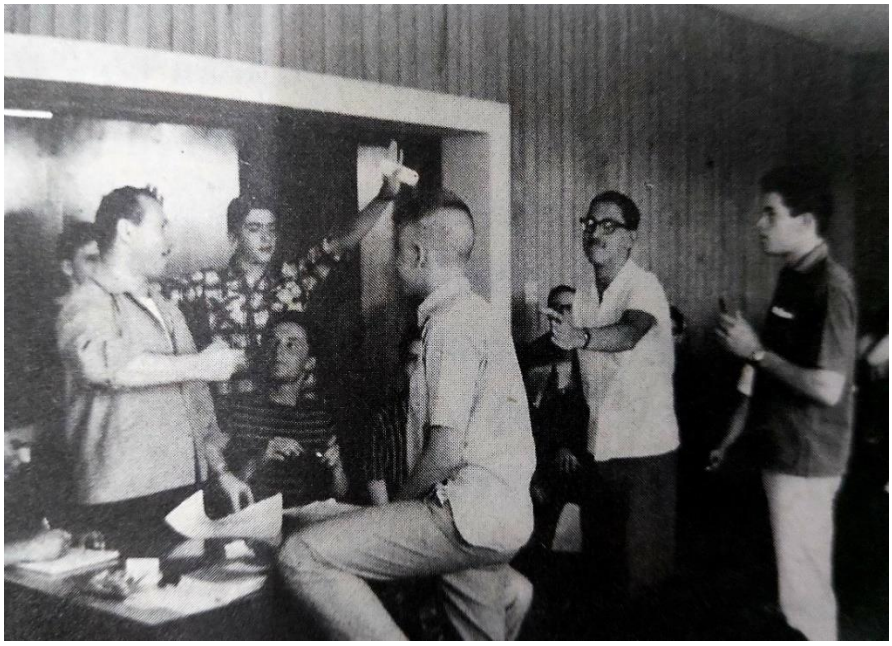
Organograma 2 – Perfil de Charbonneau



Fonte: Imagem do acervo do Colégio Santa Cruz. Perfil elaborado pela autora a partir de Gonçalves e Corbeil (1990) e Martins (1997).

Estampado no vitral, e fortalecido ao longo dos relatos no livro *Charbonneau por seus amigos*, o reconhecimento de educador é o mais representativo sobre as lembranças dos mais próximos. Charbonneau foi retratado como um professor sério, mas que, ao mesmo tempo, mantinha uma relação de proximidade com os alunos, pois tinha a sensibilidade em ouvir os jovens. Ele foi construído, também, como o educador que estendeu as suas ações para fora da escola, pois educava em seus encontros com casais, pais e jovens. Em resumo, Charbonneau é rememorado como um educador-pessoa "[...] disposto a acompanhar o outro na longa aventura de aprender a viver (educador de jovens, de adultos, de casais) [...]" (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 41). Um professor exigente com os seus alunos, porém, sem deixar a proximidade de amigos.

Figura 25 – Charbonneau em debate com seus alunos em sala de aula



Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

A relação de amizade, o corpo a corpo com os alunos, a maneira de se adequar ao público possibilitou o reconhecimento do Charbonneau amigo. Assim, das características citadas, a amizade também foi uma das mais recorrentes. Um amigo de pessoas de diferentes públicos. Desde os padres da Congregação da Santa Cruz, passando pelos professores do Colégio, funcionários e alunos, até empresários, figuras religiosas de notoriedade e pessoas da alta sociedade paulista.

Figura 26 – Charbonneau em pescaria com amigos

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Ao mesmo tempo em que tinha uma postura de seriedade, com seus amigos era descontraído, brincalhão e sorridente, diferente daquele Charbonneau visto nos livros e nos debates. E assim Charbonneau foi se moldando com a sociedade brasileira trazendo suas bases canadenses. Ao lermos os livros, vemos o erudito, alguém sério, estudioso e intelectual. Autor e leitor se completavam e, em seus momentos de escrita, se fechava em seu quarto para preparar o próximo escrito. Charbonneau não poupava a sua máquina de escrever e, “[...] após estabelecer seu plano de trabalho, suas ideias, seus pensamentos, sua filosofia, sua fé nos assuntos longamente estudados eram comunicados, em seguida, com muita lucidez e uma didática clara e nítida.” [...]” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 58).

Figura 27 – Charbonneau no lançamento do seu livro *O homem à procura de Deus* (1981)

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Assim como a sua dedicação à escrita, a vida apostolar foi intensamente ressaltada por seus amigos. Conforme a irmã Úrsula, da Congregação de Santa Canta, uma das cuidadoras de Charbonneau quando ele estava no hospital, "[...] o Pe. Charbonneau deixou marcas indeléveis de um apostolado intrépido a serviço do Reino." A religiosa ainda destaca que ele dedicou "[...] o seu imenso potencial físico e mental para endireitar os caminhos tortuosos de tantos milhões de irmãos que a providência colocou em sua trilha." (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 64). Um homem quase sacralizado, mas que demonstrava, em suas ações – bem como defendia – o humano que ele era.

Vemos, então, Charbonneau descrito como alguém que demonstrava forte gosto por esportes desde a época em que morava no Canadá. No Brasil não foi diferente, pois continuou praticando alguns esportes, entre eles, o boxe, juntamente com seus alunos, e o tênis, atividade praticada e muito apreciada por ele. Vale ressaltar que, ao lado da praça que tem o seu nome e do Colégio Santa Cruz (onde era a residência de Charbonneau) tem um clube de tênis[32].

[32] O Anhembi Tênis Clube, fundado em 1960 por um grupo liderado pelo então diretor social do São Paulo Futebol Clube, Leonardo de Barros Carvalho.

Figura 28 – Charbonneau jogando tênis

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Aliada a característica de esportista, é destacada também a lembrança de um homem forte e combativo. Seja em seus aspectos físico ou intelectual, Charbonneau foi retratado como uma pessoa intensa, cheia de vigor no que se propunha a fazer, fosse em sala de aula, em um auditório para conferência ou em reunião de amigos quando tratava de assuntos que as opiniões eram convergentes.

Figura 29 – Charbonneau em sala de aula

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

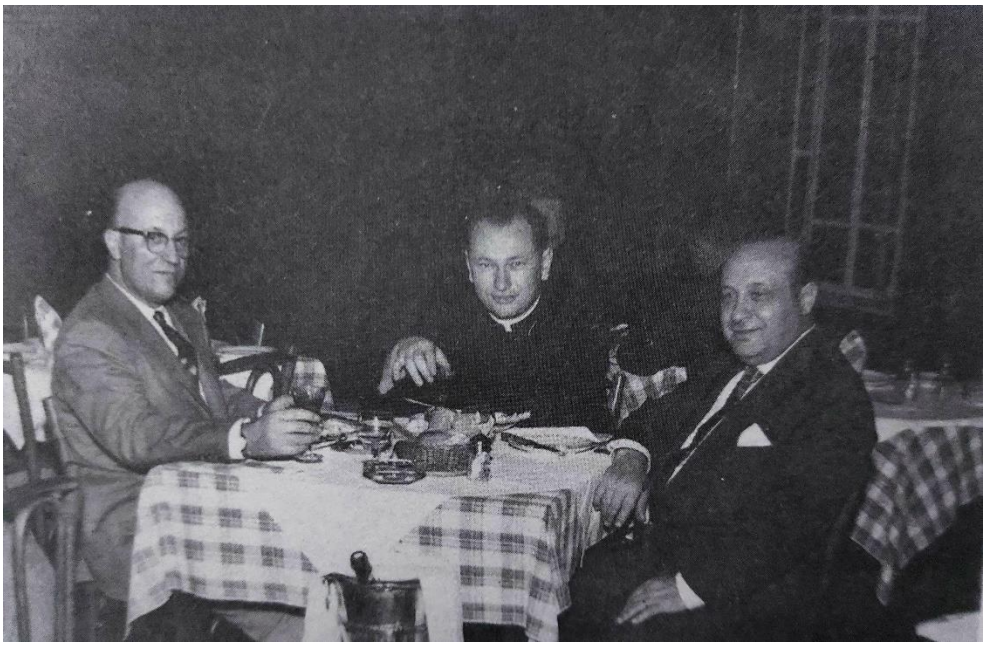
Relembrando o depoimento de um ex-aluno do Colégio Santa Cruz, Antonio Carlos Leal de Freitas, podemos dizer que “Charbonneau foi, e continuará sendo, um divisor de águas. É impossível ser ‘morno’ em face de Pe. Eugênio.” Ademais, ao ser criticado “[...] por vícios ou por posições políticas e ideológicas, é defendido, com extrema paixão, pelos muitos a quem permitiu o reencontro com a família e com Deus.” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 33). Um dos principais “vícios” de Charbonneau era o cachimbo. Por aqueles que foram os estudantes do Colégio Santa Cruz, assim como os funcionários, é relembrado o cheiro que ele deixava ao passar.

Figura 30 – Charbonneau fumando cachimbo

Fonte: Acervo do Colégio Santa Cruz.

Além de ser apreciador de cachimbo, gostava também de tomar whisky e chopp com seus alunos e amigos, bem como degustar diferentes comidas, visto como um glutão. Ao novo tempero do país que tornou a sua morada, não teve problemas em se adaptar. “Ao contrário, o prazer ao comer e beber não apenas o acompanharia por muitos anos, como se revelaria intrínseco à sua prática do bem- viver e de sua sociabilidade.” (MARTINS, 1997, p. 52).

Figura 31 – Charbonneau, seu irmão René e um amigo em restaurante



Fonte: Martins (1997).

A sua prática de visitar restaurantes da alta gastronomia rendeu algumas homenagens e posições privilegiadas aos ambientes por ele constantemente frequentador. Segundo Martins (1997), Charbonneau chegou a ter, por volta dos anos 60, uma cadeira cativa em um restaurante italiano, um “filet a Charbonneau” numa rotisseria também de gastronomia italiana, além de ser amigo de um dos fundadores do bistrô de culinária francesa, o La Casserole.

> Testemunho do seu fenomenal apetite é a anedota verídica de quando recebeu um tenista canadense para almoçar. Tendo se dirigido a uma das grandes churrascarias de São Paulo, os dois cumpriram todo o percurso regulamentar: entrada, saladas, pães, vários tipos de carnes, diversos acompanhamentos, sobremesa, café. No fim daquilo que seria para qualquer mortal um lauto almoço, os dois compatriotas consideram os pratos vazios e não titubearam: “Vamos começar de novo?”. (MARTINS, 1997, 55).

Enquanto estava bem de saúde, antes do seu problema, em 1978, com a hemorragia no esôfago, Charbonneau se esbanjava nas comidas que lhes eram servidas. Porém, mesmo com a dieta regulada, ainda fugia das regras, gerando preocupação em seus amigos. Zilpha e Ivo Nascimento, casal presidente da Escola

de Pais do Brasil, relata uma situação passada com Charbonneau. De acordo com o casal, eles foram convidados pelo padre para comer algo e conversar.

> Sugerimos comer suflê no Marcel. Lá fomos, e por volta das 21 horas fomos gentilmente atendidos pelo próprio Marcel, com sua delicadeza e competência. Ele conversou em francês com Pe. Charbonneau a respeito do que acabara de servir na mesa ao lado. Vira-se Charbonneau e daquela sua forma toda pessoal nos diz: "Vocês comam o suflê, eu vou é no *cassoulé*". Para nós foi uma agonia tremenda, pois sabíamos dos seus problemas de saúde e dos cuidados alimentícios necessários. *Cassoulé* àquela hora da noite não era nada apropriado. Pois bem, não foi só *cassoulé*, teve também vinho branco e torta de chocolate. Terminamos o jantar e ele estava um "touro de forte", mas a nossa preocupação chegava ao exponencial. Retornamos a sua residência, no Colégio Santa Cruz, após a meia noite e nossa preocupação só cessou na manhã seguinte, quando telefonamos para o seu secretário, Marcos, para termos notícia do padre Charbonneau. Ficamos felizes pelo que ouvimos: "Ele está ótimo! Já está com a turma de jovens do colegial falando sobre como viver bem sem ficar com cara de laranja murcha – (briga de namorados)". (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 73).

Mesmo com a saúde debilitada, Charbonneau persistiu em aproveitar os sabores da vida. A pessoa Charbonneau, conforme os relatos, foi alguém que apresentou múltiplas faces ao longo dos anos. Os diferentes papéis por ele vividos não apagaram o humano, ao mesmo tempo que não o levaram a abrir mão de ser a figura a qual se constituiu, como, por exemplo, se apresentando combativo quando lhe era exigido ser complacente e contrário aos comportamentos comuns a quem dedica a vida ao sacerdócio. Em seus últimos anos de vida, continuou palestrando em alguns encontros. Exercendo o seu perfil de orientador e de quem dificilmente nega o pedido de amigos, viajou ao Rio de Janeiro para orientar casais, como relatado por Martha e Carlos Eduardo Rosman: "Ao receber o nosso convite, foi textual: 'Para os velhotes, eu topo'. Ao terminar, vibrava de alegria junto com os casais" (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 70). Em comprometimento, garantiu que voltaria para realizar mais encontros, porém, não foi possível devido ao seu falecimento ou, como ele se referia, ao seu "abraço de Deus"[33].

É dessa forma que Charbonneau é lembrado e remorado quando é citado o seu nome em celebrações das instituições em que ele teve participação fundamental na fundação e no desenvolvimento. Fechamos esse capítulo com a fala de uma das

[33] Termo utilizado por Charbonneau para se referir à morte.

pessoas que traduziam os textos do padre. “Ele é o mestre que ensina, o amigo que aconselha e apoia, o irmão que dá a mão e muitas vezes o ombro. E que pode estar sempre ao nosso alcance. Tudo isso *é* o Pe. Charbonneau.” (GONÇALVES; CORBEIL, 1990, p. 47).

Diante das falas que analisamos, as lembranças revividas pelos amigos de Charbonneau transparecem a romantização de quem foi o padre, ao mesmo tempo em que deixam claro a relação de proximidade de Charbonneau com as pessoas que faziam parte do seu convívio diários, bem como as participantes de suas conferências e de seus cursos. Ademais, trazer Charbonneau em sua dimensão humana, como alguém que aproveita os prazeres da vida, como a apreciação de bons pratos culinários, o encontro com amigos fora do ambiente profissional, a prática de esportes, nos leva a perceber que ele fazia parte desse mundo, pois se preocupava com suas questões e se relacionava com ele de forma intrínseca. Ele não era um padre, educador e intelectual distante, inacessível. Foi um sujeito de diferentes faces, demonstrando se adequar ao ambiente e a situação em que estava. Por trás do *clergyman*, havia um homem, o ser humano que o fez se aproximar das pessoas, enquanto a sua cultura, a sua erudição e o seu sacerdócio lhe conferiram autoridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar acerca da importância de um sujeito se demonstra uma tarefa hercúlea. De modo semelhante, problematizar a monumentalização de um agente histórico se torna uma ação ainda mais desafiadora, isto porque, comumente esse processo busca apenas representá-lo por meio de uma obra artística (busto, estátua etc.). No entanto, o que se quis aqui ultrapassou essa prática e se preocupou, também, em recuperar as ações do indivíduo resguardadas pelas instituições a fim de preservar sua memória. Direcionar nossas ações por esse caminho, de certo modo, não se tornou algo fora do normal, visto que o objetivo deste trabalho foi analisar indícios da monumentalização do intelectual Charbonneau. Assim, mais do que examinar as ações e produções desse sujeito, nos foi essencial, também, perceber as concepções das instituições por onde ele transitou e o sentido de salvaguardá-lo, apesar da sua ausência.

Nessa perspectiva, a tese defendida neste trabalho foi a de que Charbonneau se constituiu um intelectual-monumento para as instituições em que atuou, na medida em que foi “evocado” em construções que recebem o seu nome e em espaços onde são guardadas imagens, objetos pessoais e sua produção bibliográfica. Perante tal proposta, toda a sua produção bibliográfica, resultado de sua prática que inicia em 1959 e finda em 1987, de algum modo guardada pela instituição, bem como os artefatos e construções erguidos em favor da sua memória, assim reunidos, formam um conjunto que de tal maneira apontam para a ideia de intelectual-monumento.

Entender Charbonneau enquanto intelectual nos exigiu percorrer as temáticas por ele mobilizadas e os campos em que transitou, visto que na área de estudo dos intelectuais, é necessário perceber o sujeito como ser atuante em sociedade e que, aliado e, por vezes, com a chancela de um grupo, defende o seu projeto de educação e, consequentemente, de sociedade. Entretanto, apesar do pertencimento, os intelectuais não estão isentos de apresentar eventuais desacordos. Charbonneau, por exemplo, era membro da Igreja Católica, mas não fechou o seu pensamento às regras por ela defendida. Ao contrário disso. Embora tivesse as normas da igreja bem esclarecidas – até porque ele era padre – não renunciava a, às vezes, contrariar algumas dessas normas, como vimos no segundo capítulo o episódio no qual ele se

posiciona a favor da limitação de nascimentos quando o credo religioso do qual fazia parte era contrário. Tal dinâmica do intelectual demonstra que Charbonneau apresentava, em algumas ocasiões, posicionamento mais conservador e, em outras, progressista, fosse em relação a assuntos da igreja ou da sociedade em geral.

Frente a problemáticas do seu tempo, Charbonneau foi protagonista de reflexões que tinham como objetivo questionar e solucionar tais adversidades (educação, ditadura, uso de drogas, divórcio, aids, reforma agrária etc.). É importante lembrar que os problemas eram vistos por uma parcela de pensadores de diferentes seguimentos e Charbonneau, mesmo que tenha discutido uma variedade de temas, elegeu para melhor aprofundamento aqueles em que atuava. Conselheiro de casais, discutiu a questão do divórcio e limitação de nascimentos, bem como o papel dos pais diante da sexualidade dos filhos. Ator do político, teceu indagações acerca da conjuntura política na América Latina, da necessidade da reforma agrária, bem como polemizou ao defender a limitação de nascimentos, visto que era um sacerdote da igreja católica, e esta, a respeito desta questão, se posicionava contra. Além disso, denunciou, como problema social, o aumento da presença das drogas nos grupos de jovens, um público que ele conhecia, pois desempenhou a função de orientador educacional. À medida que examinamos esses aspectos, considerando o intelectual em estudo, percebemos um sujeito, fruto do seu tempo, preocupado com as condições subjetivas do período em que estava inserido.

É preciso acrescentar, ainda sobre o intelectual, o seu perfil de mediador, pois encontrou na imprensa um espaço promissor para divulgar as suas ideias e, de certo modo, uma vertente do pensamento católico em ascensão no período em que Charbonneau publicou seus escritos, que seguia os ensinamentos da Doutrina Social da Igreja e da Teologia da Libertação em harmonia com os pensamentos de outros intelectuais católicos brasileiros, a exemplo de Alceu Amoro Lima e Hélder Câmara. Vemos o uso da imprensa para fazer circular o seu posicionamento como meio para alcançar um maior público, tendo em vista a facilidade de acesso que ela proporciona, além de os textos publicados naquele suporte serem sínteses para o que era discutido nos livros. Dessa forma, Charbonneau obteve um duplo resultado, sendo o primeiro, a visibilidade associada à sua imagem e, o segundo, a propagação de suas ideias. Considerando essa percepção, as obras que Charbonneau elaborou foram aprofundamentos das suas proposições e orientações, ao mesmo tempo em que intensificava os valores cristãos por ele defendidos.

Os escritos de Charbonneau, de um modo geral, podem ser entendidos como o legado educacional resultado de sua prática, hoje reunidos em diferentes espaços. Interessa acrescentar que defendemos esses escritos enquanto um legado em função dessa produção (livros, artigos de jornais, assim como conferências transcritas), ser encarada como patrimônio para as instituições que se dispuseram a garantir que parte significativa do que produziu perdurasse, principalmente o Colégio Santa Cruz que, como vimos no segundo capítulo, inaugurou uma biblioteca com o nome de Charbonneau e reservou um espaço no interior dela para abrigar os seus objetos pessoais, bem como o acervo de sua produção bibliográfica e dos livros que foram referência para suas publicações.

Em se tratando de biblioteca, aquela construída em sua homenagem, embora a intenção apontada pelo Colégio Santa Cruz tenha sido a de reconhecer a contribuição e o significado de Charbonneau para a instituição, neste trabalho, além de endossar a ação, percebemos, também, indícios da monumentalização do intelectual. Isto porque, à medida que um lugar foi designado para reunir produtos de suas ações teóricas e práticas, passou-se a promover a rememoração das realizações de Charbonneau para estas serem preservadas no momento presente e, assim, levando em consideração a ideia de monumento, ele é imortalizado na consciência das gerações. Isso significa que é improvável para os frequentadores daquele espaço imaginarem a biblioteca dissociada do intelectual Charbonneau, tendo em vista que existem elementos que remetem ao educador e seus feitos, a exemplo do próprio nome da biblioteca, além de serem promovidas ações para apresentar quem foi Charbonneau.

Neste seguimento, outras construções também apontam para o mesmo desfecho. Como vimos, a ADCE e a Escola de Pais possuem auditórios em seus respectivos prédios cujo nome utilizado para intitular o espaço é o de Charbonneau. Considerando essa iniciativa, constatamos situação semelhante a mencionada anteriormente, pois ele frequentava esses locais exercendo a função de conferencista e, deste modo, pensar Charbonneau nestas instituições é reconhecê-lo enquanto protagonista na promoção dos interesses tanto da ADCE, quanto da Escola de Pais. A dinâmica aqui é ter a noção dos vínculos entre as partes, quais sejam: Charbonneau enquanto detentor de determinado saber e a associação e a escola como lugares propícios para os seus ensinamentos. Com isso, tais espaços são representativos de

sua prática e, consequentemente, eleger o nome de Charbonneau para intitulá-los é deixar o intelectual vivo na memória conservando o seu valor para tais instituições.

Outro vetor que firma a monumentalização de Charbonneau é o vitral exposto no *hall* de entrada do prédio administrativo do Colégio Santa Cruz. Aquele artefato, assim como as construções já mencionadas, foi produzido em homenagem aos principais agentes da história da escola. O Padre Corbeil como o sujeito idealizador e responsável pelo funcionamento do colégio, a Nossa Senhora ao centro, representando o viés religioso, e o Padre Charbonneau em alusão a pedagogia praticada na escola. Uma peculiaridade a ser destacada acerca da composição artística daquele artefato é a definição de educador atribuída a Charbonneau. Neste ponto, a escola, de forma implícita, fomenta a memória que se deve ter acerca do intelectual. Percebemos que não só pela terminologia (educador) empregada na parte inferior do vitral, mas pela sua postura diante do aluno e dos livros presentes na cena que também é referência a biblioteca. Além disso, outra situação na qual houve a lembrança de Charbonneau enquanto educador a ocorreu à medida que seu nome foi utilizado para denominar uma instituição pública de ensino, a Escola Estadual Prof. Dr. Paul-Eugène Charbonneau. Além do espaço se remeter ao ensino, o nome de Charbonneau estar precedido do termo “professor” reforça o que deve ser evocado quando mencionamos o intelectual e a sua importância para o meio educacional.

O reconhecimento é a intenção primeira no interior destas dinâmicas, porém, eles supõem, de acordo com que foi trabalhado em nosso estudo, a monumentalização, visto que, a partir deles, Charbonneau é eternizado. Configuram também, neste inventário de culto à Charbonneau, os depoimentos prestados e impressos nos dois livros aqui analisados. Do conjunto de falas, um perfil foi traçado e dele conseguimos resgatar duas faces do padre: a dos livros por ele escritos, que traduzem Charbonneau em sua dimensão intelectual, culto e erudito, e outra, a dimensão humana, aberta ao diálogo com quem o convidasse independentemente da classe social e/ou cultural. Ainda com base nas lembranças, Charbonneau não era alguém que se encontrava constantemente em lugar canonizado, pois em algumas de suas ações fora do ambiente profissional, essa imagem é emergida, como detalhado no terceiro capítulo.

Na visão dos seus amigos, quem era, então, Charbonneau? O que dele é lembrado e importante ser registrado para não cair no esquecimento? Por estas amizades, conhecemos o sujeito sacralizado, o bondoso, bem como o ser humano

que desfruta os prazeres da vida. Nos mostra um padre e professor fora dos padrões tradicionais que fuma cachimbo e consome bebidas alcóolicas. Diante de tais discursos, compreendemos que não é só o que se lembra, mas o que, a partir do momento em que falas são selecionadas, se quer que seja lembrado. Alia-se, de certo modo, a intencionalidade das construções que evocam Charbonneau e transformam-se em guardiões da sua memória.

Valendo-se de recursos que nos permitiram conhecer a trajetória de Charbonneau, conseguimos perceber a monumentalização do padre a partir do encontro de objetos que traduzem o passado para o presente. Deste modo, os marcos aqui trabalhados nos guiaram para a compreensão de como Charbonneau se constituiu intelectual-monumento em função de suas práticas e dos agentes que delas lembram. Contra o esquecimento, Charbonneau é símbolo do passado que permanece no presente visto como personagem de grande relevância para a historiografia educacional. Portanto, das diversificadas narrativas que poderíamos fazer, priorizamos trazê-lo enquanto monumento, por um lado, por não termos esse tipo de estudo e, por outro, por entendermos a necessidade de inseri-lo no quadro dos intelectuais católicos, uma vez que seu nome raramente aparece em nossa historiografia, dando a ver projetos educacionais voltados para a sociedade que nos permitem ampliar nossa compreensão sobre os modos como os sujeitos participam da organização da sociedade e da cultura em escala mais ampliada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Emblemas da Nacionalidade: o Culto a Euclides da Cunha. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 66-85, 1994.

ASSOCIAÇÃO DE DIRIGENTES CRISTÃOS DE EMPRESA. **Estatuto Social Consolidado**, de 13 de junho de 2013, São Paulo, SP, p. 1-15. Disponível em: <https://www.adcesp.org.br/> Acesso em: 22 abr. 2019.

ATHAYDE, Tristão de. Deus e o homem. In: CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **O Brasil, hora de desafio**: dramas éticos de nosso tempo. São Paulo: Almed, 1982, p. IX-XI.

BEOZZO, José Oscar. Igreja, educação e cultura: a Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In: FAUSTO, Boris (Dir.). **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, 1984, p. 271-341.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Classe social e classe de trajetória. In: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BOURDIEU, Pierre. **O capital social** – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. Alice.; CATANI, Afrânio. (Orgs). Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007c.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. Alice.; CATANI, Afrânio. (Orgs). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007d.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos das ciências sociais**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.; AMADO, Janaína. (Orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora,1992.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.
CHARBONNEAU, Paul Eugène. Mobral da natalidade. Folha de S. Paulo, 29 de janeiro de 1987.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **O Brasil, hora de perplexidade**: homem, igreja, política. São Paulo: Almed, 1984.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **O Brasil, hora de desafio**: dramas éticos de nosso tempo. São Paulo: Almed, 1982.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **Medo de Puebla 2**. *Folha de S. Paulo*, 4 de junho de 1979, p. 3.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educar**: problemas da juventude; diálogo de gerações. São Paulo: Círculo do Livro, [1974].

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

CONGREGATION OF HOLY CROSS INTERNATIONAL. Charism of Holy Cross spirituality, mission and community life. Disponível em: http://holycrosscongregation.org/ Acesso em: 17 abr. 2021.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Tradução por Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. 2003. 498 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**: O Brasil Republicano – Economia e cultura (1930-1964). 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. t. 3, v. 11.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Revista Pro-Posições**, v. 16, n. I (46), 2005, p. 87-102.

FERREIRA, Antonio Rodrigues. Em defesa da família brasileira contra as investidas de um sacerdote. **Revista Catolicismo**, nº 192, dezembro de 1966.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GODOY, José Henrique. Dom Helder Câmara e Louis-Joseph Lebret: Desenvolvimentismo e Práxis Progressista Católica nas Décadas de 1950 e 1960. **Dados**, Rio de Janeiro, v.63, n. 1, 2020, p. 1-41.

GONÇALVES, Ernesto Lima; CORBEIL, Lionel. **Charbonneau por seus amigos**. Edições Loyola: São Paulo, 1990.

GRUNSPUN, Haim; GRUSNPUN, Feiga. **Assuntos de família**. São Paulo: Kairós, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEME, Sebastião. **Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, arcebispo metropolitano de Olinda, saudando os seus diocesanos**. 16 de julho de 1916. Disponível em: http://www.deuslovult.org/2009/11/18/carta-aos-fies-de-olinda-e-recife-dom-leme/. Acesso em: 15 mar. 2022.

LOPES, Alzira Lopes. **Escola de Pais**: uma grande experiência. São Paulo: EPB, [19--].

LÖWY, Michel. (1989), “Marxismo e cristianismo na América Latina”. **Lua Nova**, v. 1, n. 19, p. 5-21. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/kYW9tBQ3qf3g4Wb9nNRXjQm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 mar. 2022.

MACHADO, Ana Claudia Morrissy. Economia de comunhão: elementos para uma teoria organizacional. 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Alberto. **Charbonneau: ensaio e retrato**. São Paulo: Scipione, 1997.

MICHELOTTI, Denise. **Arte em vitrais**: a salvaguarda, a extroversão e a sociomuseologia. 2011. 118f. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio**. Baú de Memórias, bastidores de história**: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MIGUEL, Bruna Aparecida da Silva. **Os intelectuais leigos e o Centro Dom Vital:** à luz das publicações da revista A Ordem. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em

Ciências da Religião) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

MOGARRO, Maria João. Património Educativo e modelos de Cultura Escolar na História da Educação em Portugal. **Revista Cuestones Pedagógicas**, n. 22, 2013, p. 67-102.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, vol. 10, p. 7-28, dez., 1993.

NUNES, Ricardo Ferreira. **Vitreorum Ministerium**: o didatismo dos vitrais medievais, história e linguagem visual – os vitrais da Yorkminster. 2012. 162f. Tese (Doutorado em Linguístca Geral) – Faculdade de Filosofa, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; HENRIQUES, Helder. Nota prévia sobre a Escola de Pais no Brasil e em Portugal. **Revista História da Educação**. Porto Alegre, vol. 21, n. 52, p. 56-80, 2018. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/index. Acesso em: 15 mar. 2020.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Maria Junqueira Schimdt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (org.). **Histórias da Igreja Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017, p. 119-140.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **“Educar-se para educar”**: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964) / Evelyn de Almeida Orlando. – 2013. 360f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: a coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965). 2008. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia. In: PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 47-87.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação - aproximações e possibilidades de pesquisa. **Revista de História da Educação**, v. 16, n. 36, 2012, p. 110-120.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996.

RIBEIRO, Arthur Rizzi; CARVALHO, Ricardo da Silva; OREIRO, José Luís. A Doutrina Social da Igreja Católica, o novo desenvolvimentismo e a economia social de mercado: diálogos possíveis? **Revista de Economia Política**, n. 39, v. 4, 2019, p. 710-735.
SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, Fernanda. Espaço arquitetônico e espaço turístico: memória, história e simulacros. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul; 2. 2004, Caxias do Sul. **Anais**...Caxias do Sul: UCS, p. 1-14.

SILVA, Wellington Teodoro da. Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro. **História Revista**, v. 13, n. 2, 2008, p. 541-563.

SILVA, Alexandra Lima da Silva; ORLANDO, Evelyn de Almeida. Memória e patrimônio na história da educação: possibilidades e desafios. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, 2019, 425-444.

SILVA, Nilma Paula Combas da. **O Tempo da Religião no Espaço Escolar**: A História do Ensino Religioso no Colégio Santa Cruz. 2017. 197f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SIRINELLI, J. –F. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

SIRINELLI, J. –F. As elites culturais. *In*: RIOUX, J. –P.; SIRINELLI, J. –F. (Org). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampas, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. Le hazard ou la necessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. Vingtième siècle. **Revue d'Histoire**, n. 9, p. 97-108, jan.-mar. 1986. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/3768995. Acesso em: 27 out. 2021.

SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. **Alceu Amoroso Lima e a renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1945)**: uma proposta de espírito católico e corpo secular. 2014. 190f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa; OLIVEIRA, Lysie dos Reis. A história contada a partir do desenho. In: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho, 2.; Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico, 13., 1998, Feira de Santana. **Anais**... Feira de Santana: Graphica 98, p. 156-154.

UNIAPAC Latinoamericana. **Rentabilidade dos Valores**: uma visão cristã da responsabilidade social empresarial: uma forma de gestão para empresas que perduram. Tradução Carlos Prudêncio Alonso. São Paulo: Nova Bandeira Produções Editoriais, 2008.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e modernidade: o discurso sobre a educação na imprensa periódica paranaense na década de vinte. In: Simpósio Nacional de História: História, Guerra e Paz (ANPUH), 23., 2005, Londrina. **Anais**... Londrina: Editorial Mídia, 2005, p. 1-8.

FONTES

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Amor de outono**: encontros de casais. São Paulo: Paulinas, 1987.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Drogas**: prevenção/escola. São Paulo: Paulinas, 1987.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **AIDS**: prevenção/escola. São Paulo: Paulinas, 1987.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Curso de Filosofia**: lógica e metodologia. São Paulo: EPU, 1986.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Da Rerum Novarum à Teologia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1986.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educação**: amor, segurança e sexualidade. São Paulo: Escola de pais, 1986.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Da teologia ao homem**. São Paulo: Loyola, 1985.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Jovens**: casamento à vista. São Paulo: Loyola, 1985.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educar**: de ontem para amanhã. São Paulo: Escola de Pais, 1985.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Sentido Cristão do casamento**. 2. ed. 1985. São Paulo: Loyola, 1985.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Namoro e virgindade**. São Paulo: Moderna, 1985.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Marxismo e socialismo real**. São Paulo: Loyola, 1984.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Crônica da solidão**. São Paulo: EPU, 1984.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **O Brasil, hora de perplexidade**: homem, igreja, política. São Paulo: Almed, 1984.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Entre capitalismo e socialismo**: a empresa humana. São Paulo: Pioneira, 1983.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène Charbonneau. **O Brasil, hora de desafio**: dramas éticos de nosso tempo. São Paulo: Almed, 1982.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **O homem à procura de Deus**. São Paulo: EPU, 1981.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Adolescência e liberdade**. São Paulo: EPU, 1980.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educação sexual**: seus fundamentos e seus progressos. São Paulo: EPU, 1979.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educar**: problemas da juventude; diálogo de gerações. São Paulo: Círculo do Livro, [1974].

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educar**: diálogo das gerações. São Paulo: EPU, 1973.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **A escola moderna, uma experiência brasileira**: o Colégio Santa Cruz. São Paulo: EPU, 1973.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Curso de preparação ao casamento**. São Paulo: Editora Herder, 1971.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Humanae Vitae e liberdade de consciência**. São Paulo: Editora Herder, 1969.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Amor e liberdade**. São Paulo: Editora Herder, 1968.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Desenvolvimento dos povos**. São Paulo: Editora Herder, 1967.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Pais e filhos**: diálogos sobre o amor. São Paulo: Editora Herder, 1967.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Amor, sexo e segurança**. Porto Alegre: La Salle, 1967.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Educação brasileira e colégios de padres**. São Paulo: Editora Herder, 1966.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Moral conjugal no século XX**: origens e perspectivas. São Paulo: Editora Herder, 1966.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Limitação de nascimentos**. São Paulo: Duas cidades, 1965.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Cristianismo, sociedade e revolução**. São Paulo: Editora Herder, 1965.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Sentido cristão do casamento**. São Paulo: Editora Herder, 1965.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Noivado**. São Paulo: Editora Herder, 1965.

CHARBONNEAU, Paul Eugène. **Reforma Social Cristã no Brasil**. São Paulo: ADCE, 1962.

ANEXOS

Anexo 1 – Fichas de leitura de Charbonneau com a temática “Educação”

OBRA	TRECHO DESTACADO POR CHARBONNEAU
HESSE, Hermann. Contos. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.	Tôdas as crianças enquanto ainda estão no segrêdo preocupam-se sem cessar com uma única coisa importante: consigo mesmas e com a enigmática relação de sua pessoa com o mundo em volta. Videntes e sábios, com os anos da maturidade, retornam a essas preocupações, a maioria dos homens, porém, esquece e abandona êsse mundo interior do verdadeiramente importante, já cedo e para sempre, e erra durante a vida inteira nas estradas coloridas da preocupação, dos desejos e objetivos, dos quais nenhum dêles mora no seu interior, nem conduz ao lar. p.113
PÉGUY, Charles. Oeuvres poétiques complètes. Paris: Gallimard, 1954.	Petits enfants, petits tourments. Grands enfants, grands tourments. (Le mystère de la Charité de Jeanne d'Arc.) p.110
WIENER, Norbert. Cibernética e sociedade. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1968.	A educação da criança norte-americana pertencente à classe média superior busca resguardá-la solìcitamente da consciência da morte e do destino. Ela é criada numa atmosfera de Papai Noel; e quando vem a saber que Papai Noel é um mito, chora amargamente. Na verdade, nunca aceita integralmente a remoção dessa deidade do seu Panteão e, adulto, passa boa parte de sua vida à procura de algum substitutivo emotivo. p.41
PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense, 1967.	As reflexões precedentes poderiam levar a crer que o desenvolvimento mental termina por volta de onze ou doze anos, e que a adolescência é simplesmente uma crise passageira, devida à puberdade, que separa a infância da idade adulta. Evidentemente, a maturação do instinto sexual é marcada por desequilíbrios momentâneos, que dão um colorido afetivo muito característico a todo este último período da evolução psíquica. Mas, estes fatos bem conhecidos, que certa literatura psicológica banalizou, estão longe de esgotar a análise da adolescência e além do mais desempenhariam apenas papel bem secundário, se o pensamento e a afetividade próprias do adolescente não lhes permitissem exagerar-lhe a importância. São, portanto, estruturas gerais destas formas finais de pensamento e vida afetiva que devemos descrever aqui e não algumas perturbações especiais. p.61 Comparado a uma criança, o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e "teorias". p.62 Mas segundo lei que já vimos desde as manifestações no lactante, e depois durante a primeira infância, tôda nova capacidade de vida mental começa por incorporar o mundo em uma assimilação egocêntrica, para só depois atingir o equilíbrio, através de uma acomodação ao real. Há, portanto, um egocentrismo intelectual do adolescente, comparável tanto ao do lactante que assimila o universo a sua atividade corporal, como da primeira infância, que assimila as coisas ao pensamento em formação (jogo simbólico, etc.) Esta última forma de egocentrismo manifesta pela crença na onipotência da reflexão, como se o mundo devesse submeter-se aos sistemas e não estes à realidade. É a idade metafísica por excelência: o

	eu é forte bastante para reconstruir o Universo e suficientemente grande para incorporá-lo. p.65
CORÇÃO, Gustavo. As fronteiras da técnica. Rio de Janeiro: Agir, 1952.	... a demissão da responsabilidade. São inúmeros, por exemplo, os pais que se demitem da tarefa penosa de educar moralmente, e que nos momentos de crise levam os filhos aos psiquiatras como os leva ao dentista... Pagos o colégio e o médico, paga a babá, pode o bom pai dêste formidável mundo novo gabar-se do sacrifício que faz pela educação de seus filhos. p.213
HOORNAERT, Eduardo. HISTÓRIA da igreja no Brasil. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1983. v.2 t.1	... Normalmente, a criança brasileira teve uma infância feliz, em íntimo contato com a natureza e cercada do carinho dos que a criavam. p.377
GRUNSPUN, Haim; GRUSNPUN, Feiga. Assuntos de família. São Paulo: Kairós, 1984.	... a criança passou a ser não apenas o centro da família, como igualmente o centro da sociedade. p.9 Hoje, o pai tem medo do filho adolescente. p.9 Sabemos, através de pesquisas médicas recentes que os bebês dentro do útero materno desde o 5º mês (feto) "sentem". Podemos atualmente falar em "fetos emotivos", ... p.13 Quais são as Emoções Construtivas a serem vividas na Infância? Segurança - Ternura - Amor - Alegria - Tranqüilidade... p.14 É nesse período precoce dos 0 aos 5 anos que se estabelecem as bases do equilíbrio mental e da personalidade do futuro adulto. p.15 Pai e mãe necessitam de aprendizagem e reciclagem contínuas, ... p.17 Nenhuma outra instituição que se organizou em nossa sociedade provou ser capaz de criar crianças emocionalmente equilibradas; esta foi e deverá ser a tarefa exclusivamente familiar. p.17 ... a criança tem um mundo de indagações sobre a natureza de tudo o que a rodeia, são pequenos filósofos... p.20 Um grande médico e educador polonês Janus Korczak, que escreveu um belíssimo livro Como Amar uma Criança, escreveu: "Maior que o amor profundo que devemos ter pelas nossas crianças é o Respeito Por Elas". p.21 Cada momento da infância é importante por si mesmo e não apenas pelo que acontecerá mais tarde. p.21 ... esta escola institucionalizada não tem nenhuma dedicação à família, mas sim aos interesses da sociedade. p.32 A família realmente desconhece a vida das crianças no seu conjunto, sua formação, o que experimentam, o que vivenciam. p.33 Não sabemos ainda como lidar com as carências psicológicas. p.35 Não é mais a família que está patrocinando o poder de seus

	filhos, mas a força maior da sociedade que está realizando esta transição. p.39 As atitudes normais ou patológicas dos pais vão imprimir normalidade ou patologia na personalidade da criança em desenvolvimento. p.41 Somente dentro da estrutura interna da família podemos cunhar um novo homem, uma nova mulher. p.54
CAU, Jean. La pitié de Dieu. [Paris]: Gallimard, [1961].	Désespérément - et vous ne le savez pas, vous avez oublié ou ne saurez jamais qu'il n'est au monde rien de plus infini qu'un désespoir d'enfant - je cherchais mon image que tout, et même cette eau sale, me refusait. p.65 Les parents ne devraient jamais oublier que les enfants grandissent et ont de la mémoire. p.155
PASCAL, Blaise. L'oeuvre de Pascal. Paris: Gallimard, 1950.	Sa principale maxime dans cette éducation était de tenir cet enfant au-dessus de son ouvrage... (Madame Périer, La vie de Monsieur Pascal) p.22
MAZZETTI, Lorenza. La rage. Paris: Julliard, 1965.	Tout ce qu'on n'apprend pas en classe, on l'apprend dans les cabinets du lycée. p.57
VARGAS LLOSA, Mario. A guerra do fim do mundo. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.	... a Universidade, instituição que Gall desprezava, considerando-a responsável pela divisão entre o trabalho físico e o intelectual e causadora, por isso, de piores desigualdades sociais que a aristocracia e a plutocracia. p.44 ... Passei meio século aqui só pra chegar à velhice e ver como tudo se desmorona. Meu consolo é que vou morrer logo e não verei a ruína total desta terra. p.191
ADAMOV-AUTRUSSEAU, Jacqueline et al. Les lumières: le XVIIIe siècle. Paris: Hachette, 1972.	... toute éducation suppose de l'educateur qu'il en connaisse la finalité. (SALOMON-BAYET, Claire) p.169
VERGOTE, Antoine. Dette et désir. Paris: Seuil, 1978.	Depuis son début dans la vie, l'enfant doit assumer des pertes d'amour, des blessures d'amour-popre, des déficiences corporelles; le passage à de nouvelles expériences implique le renoncement à des jouissances trop intenses; des déceptions combattent sa confiance en autrui; c'est dans la jalousie compétitive qu'il se confirme mais risque aussi de s'aliéner, et qu'il forme le lien au semblable en même temps qu'il tend à le détruire. Mieux que l'observation extérieure des enfants par les adultes, l'expérience psychanalytique, faite sur des sujets normaux aussi bien que malades, nos apprend par quelle séquence de péripéties l'enfant passe pour former progressivement son identité et ses relations à autrui et au monde. p.44 ... la situation même de l'enfant est conflictuelle. p.76 Et comme l'enfant vit en symbiose avec les parents, toutes ses expériences douloureuses lui adviennent comme manques d'amour: les souffrances corporelles, les absences des parents, le partage avec d'autres enfants. Même heureux, l'enfant éprouve le manque d'amour. p.79 Toute éducation est oeuvre délicate. p.101 La psychanalise a reconnu dans ces phantasmes les rejetons d'une archaique expérience où l'enfant, his majesty the baby, s'eprouvant le centre d'un amour admiratif, lui répond en se

	posant imaginairement comme l'unique désirable, idole toute-puissante qui éblouit ses adorateurs. p.198 Le mysticisme adolescent se nourrit du réveil sexuel et de l'intensification narcissique qu'il produit; les significations religieuses leur donnent une ampleur cosmique, promettant une expansion et une béatitude de l'existence aux dimensions de l'univers et aidant ainsi à dépasser les liens incestueux revivifiés dans l'inconscient. p.199
ERIKSON, Erik H. Adolescence et crise. Paris: Flammarion, 1978.	... l'ambivalence radicale des générations. p.25 ... l'abdication morale des parents. p.25 Mais l'autorité des parents diminue aussi avec leur indignation et on a souvent l'impression que la jeunesse voudrait plutôt avoir à se débarasser (pour ainsi dire) de parents résolus que de ne pas en avoir qui soient dignes d'être mentionnés. p.27 ... la vieille génération abdique trop volontiers et trop rapidement son rôle vital de critique et de dispensatrice de sanctions. p.35 Il a été dit (par Waddington) que le fait de savoir accepter l'autorité caractérisait l'évolution sociogénétique de l'homme. p.39 ... seule une éthique d'adultes peut garantir à la génération montante une égale chance d'expériementer dans sa plénitude le cycle de l'humanité. p.40 ... la société est constituée par des générations impliquées elles-mêmes dans un processus de croissance qui transforme les enfants en parents destinés à assimiler les changements historiques de leur temps et à continuer à faire l'histoire pour leurs descendants. p.43 ... ainsi que l'a dit Freud vers la fin de sa vie: "... ce qui agit dans le surmoi, ce ne sont pas seulement les qualités personnelles des parents, mais tout ce qui a produit un effet déterminant sur les parents eux-mêmes, les goûts et les modèles, de la classe sociale dans laquelle ils vivent ainsi que les caractéristiques et les traditions de la race dont ils descendent." p.46 ... le sectueur individuel ou familial qui, quoi qu'ils fissent, dispensait le dernier sentiment solide d'identité culturelle. p.61 Si l'expérience doit corroborer une saine part du sentiment infantile de toute-puissance, les méthodes pédagogiques doivent non seulement favoriser la santé de tous les sens et la progressive maîtrisse de soi-même, mais offrir aussi une reconnaissance sociale tangible comme récompense de cette santé et de cette maîtrisse. p.72 Mais quelle erreur en même temps que de ne pas voir à quel point l'enfant a besoin de repères, de modèles, de normes (qui certes ne doivent trangresser, que la transgression est une part constitutive de notre être, que sans elle l'enfant reste toujours enfant. p.75 Et pourtant, parmi toutes les créatures, l'homme se caractérise par la longueur d'une enfance psychologique dont la civilisation

	tend encore à prolonger la durée. C'est que l'homme a besoin de temps pour apprendre à apprendre; sa spécialisation poussé et tout l'echevau de ses fonctions de coordination et de réflexion sont en fait le fruit de cette dépendence prolongée. p.76 ... tous les hommes développent une certaine amnésie au sujet des expériences cruciales de l'enfance. p.77 ... tout conflit fondamental de l'enfance, persiste en quelque façon chez l'adulte. p.84 Seule la combinaison, chez les parents, d'une tolérance et d'une fermeté authentiques est à même d'orienter un processus infantile qui sans cela devient la proie de cette attitude cruellement "catégorique" adoptée par une conscience stricte qui commence par se diriger contre l'individu lui-même et finit par exterminer les autres. p.88 Il est aussi vrai de dire que les bébés contrôlent et élèvent leur famille que d'affirmer l'inverse. p.98 A ce stade, il vit par la bouche et aime avec la bouche et la mère vit par son sein et aime avec son sein ou avec n'importe quelle partie de son visage ou de son corps qui exprime l'empressement de subvenir aux besoins de l'enfant. p.100 Il y a donc une sorte de sagesse intrinsèque, de plan inconscient et beaucoup de supertitions dans les différences apparemment arbitraires dans l'éducation des enfants. p.101 Les parents ne doivent pas seulement avoir certaines façons de diriger et d'éduquer par l'interdiction ou la permission, ils doivent aussi être à même de représenter, pour l'enfant, la conviction profonde et presque somatique, qu'il y a une signification dans tout ce qu'ils font ... la gloire de l'enfance survit dans la vie de l'adulte. p.109
CHAUCHARD, Paul. Biologie et morale. Paris: Mame, 1959.	On s'enfonce dans une éducation libérale qui laisse l'enfant totalement désarmé devant des instincts déchaînés et aussi inapte à la liberté que l'enfant refoulé de l'éducation autoritaire. p.49 Le temps de la grossesse oriente ausse de façon importante l'avenir et peut faire perdre certaines possibilités. Ce qui différencie de plus les hommes sur le plan intellectuel, c'est l'éduation, le milieu social, plus exactement ce qui a marqué l'enfant dans les cinq premières années de sa vie. p.79 On ne peut que déplorer dans ces conditions les terribles déficiences du point de vue humain dont souffrent la majorité des enfants rendus par leur milieu incapables de devenir des hommes véritables parce qu'on ne leur a pas permis de développer toutes leurs possibilités cérébrales dans le domaine de l'intelligence comme de l'art ou de l'amour. p.80 Dès la naissance, le cerveau de l'enfant encore immature est vieux et a déjà subi de nombreuses influences pertubratrices, d'où l'importance de l'hygiène de la grossesse de la mère pour l'équilibre moral du futur enfant. p.96

FREUD, Sigmund. Totem et tabou. Paris: Payot, 1965.	...les parents rajeunissent auprès de leurs enfants; c'est là en effet un des avantages les plus précieux qu'ils leur doivent. p.25 ... la vie psychique de l'enfant, que nous autres adultes ne comprenons plus et dont la richesse et la finesse nous ont pour cette raison échappé. p.115 ... le dieu de chacun est l'image de son père, que l'attitude personnelle de chacun à l'égard du dieu dépend de son attitude à l'égard de son pére charnel, varie et se transforme avec cette attitude et que le dieu n'est au fond qu'un père d'une dignité plus élevée. p.169 Si les processus psychiques d'une génération ne se transmettaient pas à une autre, ne se continuaient pas dans une autre, chacune serait obligée de recommencer son apprentissage de la vie, ce qui exclurait tout progrès et tout développement. p.181 ... le mot du poète: "ce que tu as hérité de tes pères, acquiers-le pour le posséder". p.181 ... il n'y a pas de processus psychique plus ou moins important qu'un génération soit capable de dérober à celle qui la suit. p.182
BOULANGER, Viateur; DURAND, Guy (Dir.). L'euthanasie: problème de société. Montréal: Fides, 1985.	Eduquer moralement, c'est éveiller la conviction de quelqu'un, susciter l'assentiment, l'adhésion à certaines valeurs. (L'Euthanasie: Les rapports entre le droit et la morale) p.57
FROMM, Erich . A linguagem esquecida. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.	... a criança pequena é um ser anti-social e amoral.
JONES, Ernest. La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud: Les années de maturité 1901-1919. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.	En 1907, le Dr. Fürst, rédacteur en chef d'un périodique consacré à la médecine et à l'hygiène sociales, demanda à Freud de lui donner son avis sur une question alors nouvelle, celle de l'éducation sexuelle des enfants. Freud y était naturellement favorable car il savait les conséquences fâcheuses de la dissimulation des faits sexuels. p.40 Freud montre l'importance particulière que la psychanalyse attache au vieil adage " l'enfant est le père de l'homme". p.231 Seul celui qui comprend bien la mentalité infantile peut devenir un bon éducateur, mais il lui faut vaincre la difficulté qu'a crée en lui-même l'amnésie dont a été affectée la part la plus importante de sa propre enfance. p.232 Freud recommende l'indulgence dans l'éducation des jeunes enfants p.233

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base nas fichas de leitura de Charbonneau.

Anexo 2 – Demonstração das fichas de leituras de Charbonneau em site da biblioteca do Colégio Santa Cruz

MOUNIER, Emmanuel. Oeuvres. Paris: Seuil, 1961-62. 4v.

AÇÃO (ACTION) ANARQUISMO (ANARCHISME) AUTORIDADE (AUTORITÉ) BAKOUNINE (BAKOUNINE) BRASIL (BRÉSIL) BURGUÊS (BOURGEOIS) BURGUESIA (BOURGEOISIE)
CAPITALISMO (CAPITALISME) CARIDADE (CHARITÉ) CASAMENTO (MARIAGE) CIÊNCIA (SCIENCE) CO-GESTÃO (CO-GESTION) COMUNIDADE (COMMUNAUTÉ) COMUNISMO (COMMUNISME)
DEMOCRACIA (DÉMOCRATIE) DESCARTES (DESCARTES) DEUS (DIEU) DIREÇÃO (DIRECTION) DIREITA (DROITE) DIREITO (DROIT) ECONOMIA (ECONOMIE)
EDUCAÇÃO (ÉDUCATION) ESQUERDA (GAUCHE) ESTADO (ÉTAT) FAMÍLIA (FAMILLE) FASCISMO (FASCISME) FELICIDADE (BONHEUR) GUERRA (GUERRE)
IGREJA (ÉGLISE) JUSTIÇA (JUSTICE) LIBERDADE (LIBERTÉ) MARXISMO (MARXISME) MORAL (MORALE) MORTE (MORT) MULHER (FEMME)
PAZ (PAIX) PDC (PDC) PERSONALISMO (PERSONNALISME) PESSOA (PERSONNE) PROPRIEDADE (PROPRIÉTÉ) RECOLHIMENTO (RECUEILLEMENT) REVOLUÇÃO (RÉVOLUTION)
SILÊNCIO (SILENCE) SOCIALISMO (SOCIALISME) SOCIEDADE (SOCIÉTÉ) SOFRIMENTO (SOUFFRANCE) SUPÉRFLUO (SUPERFLU) TERCEIRA POSIÇÃO (TROISIÈME-POSITION) TRABALHO (TRAVAIL)
USURA (USURE) VOCAÇÃO (VOCATION)

MERLEAU-PONTY, Maurice. Humanisme et terreur. Paris: Gallimard, 1947.

COMUNISMO (COMUNISME) DEMOCRACIA (DÉMOCRATIE) DIREITO (DROIT) EDUCAÇÃO (ÉDUCATION) EXISTENCIALISMO (EXISTENTIALISME) FÉ (FOI) HISTÓRIA (HISTOIRE)
HOMEM (HOMME) INQUISIÇÃO (INQUISITION) JUSTIÇA (JUSTICE) LEI (LOI) LIBERDADE (LIBERTÉ) LITERATURA (LITTÉRATURE) MARXISMO (MARXISME)
MORAL (MORALE) POLÍTICA (POLITIQUE) PROLETARIADO (PROLÉTARIAT) REVOLUÇÃO (RÉVOLUTION) SANTIDADE (SAINTETÉ) SOCIEDADE (SOCIÉTÉ) SUICÍDIO (SUICIDE)
VIOLÊNCIA (VIOLENCE)

SARTRE, Jean-Paul. L'âge de raison. [S.l.]: Gallimard, 1945.

AMOR (AMOUR) EXISTENCIALISMO (EXISTENTIALISME) FRANCÊS (FRANÇAIS) HOMEM (HOMME) LIBERDADE (LIBERTÉ) PATERNIDADE (PATERNITÉ) SOFRIMENTO (SOUFFRANCE)

KAFKA, Franz. La colonie pénitentiaire et autres récits. Paris: Gallimard, 1959.

ARTE (ART) CELIBATO (CÉLIBAT) DEMOGRAFIA (DÉMOGRAPHIE) DIVÓRCIO (DIVORCE) EDUCAÇÃO (ÉDUCATION) FELICIDADE (BONHEUR) HISTÓRIA (HISTOIRE) IMPRENSA (PRESSE) INFORMAÇÃO (INFORMATION) JUVENTUDE (JEUNESSE) KAFKA (KAFKA) MULHER (FEMME) NACIONALISMO (NATIONALISME) PAZ (PAIX) PROPRIEDADE (PROPRIÉTÉ) PRUDÊNCIA (PRUDENCE) SACERDÓCIO (SACERDOCE) VELHICE (VIEILLESSE)

SCHELER, Max. La pudeur. Paris: Aubier, 1952.

AMIZADE (AMITIÉ) AMOR (AMOUR) CELIBATO (CÉLIBAT) CIVILIZAÇÃO (CIVILISATION) CONTRACEPÇÃO (CONTRACEPTION) EDUCAÇÃO (ÉDUCATION) FREUD FRIGIDEZ (FRIGIDITÉ) HOMOSSEXUALIDADE (HOMOSEXUALITÉ) MORAL (MORALE) MULHER (FEMME) ORGULHO (ORGUEIL) PORNOGRAFIA (PORNOGRAPHIE) PSICOLOGIA (PSYCHOLOGIE) PUBERDADE (PUBERTÉ) PUDOR (PUDEUR) SEXO (SEXE) VELHICE (VIEILLESSE) VIRGINDADE (VIRGINITÉ)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Par delà le bien et le mal. Paris: Mercure de France, 1948.

FÉ (FOI)

BEAUVOIR, Simone de. La cérémonie des adieux. Paris: Gallimard, 1981.

ATEÍSMO (ATHÉISME) COMUNISMO (COMMUNISME) CORPO (CORPS) DEUS (DIEU) EDUCAÇÃO (ÉDUCATION) ESPERANÇA (ESPOIR) HISTÓRIA (HISTOIRE) HOMEM (HOMME) JUSTIÇA (JUSTICE) LIBERDADE (LIBERTÉ) LITERATURA (LITTÉRATURE) MAL (MAL) MORAL (MORALE) MORTE (MORT) MULHER (FEMME) POLÍTICA (POLITIQUE) PSICOLOGIA (PSYCHOLOGIE) SARTRE (SARTRE) SEXO (SEXE) SOCIALISMO (SOCIALISME) TEMPO (TEMPS) VELHICE (VIEILLESSE)

Anexo 3 – Declaração de comparecimento para pesquisa no acervo do Colégio Santa Cruz

Colégio Santa Cruz

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Srtª Barbara da Silva Santos, inscrita no CPF sob o nº [redacted] matriculada no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, compareceu ao Colégio Santa Cruz, a Avenida Arruda Botelho, 255, Alto de Pinheiros – SP, nos dias 20, 23 e 24 de maio de 2019 para realização de consultas no acervo da Biblioteca Padre Eugène Charbonneau.

São Paulo, 28 de junho de 2019.

Joelsa Viana Serafim
Bibliotecária

tel. 55 (11) 3024-5199
Av. Arruda Botelho, 255 05466-000
Alto de Pinheiros São Paulo SP Brasil
www.santacruz.g12.br

Anexo 4 – Declaração de comparecimento para pesquisa no acervo da Escola de Pais do Brasil (EPB)

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Srtª Barbara da Silva Santos, inscrita no CPF sob o nº [redacted], matriculada no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, compareceu à sede da Escola de Pais do Brasil, a Rua Bartira 1094, Perdizes -SP, nos dias 21 e 24 de maio para realização de pesquisa no acervo da biblioteca desta instituição.

São Paulo, 10 de junho de 2019.

ESCOLA DE PAIS DO BRASIL

Albertina N.Barbieri Piza
Gerente

Anexo 5 – Declaração de comparecimento para pesquisa no acervo da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa (ADCE)

adce

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Srtª Barbara da Silva Santos, inscrita no CPF sob o nº [redacted] matriculada no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, compareceu à sede da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa, a Rua Santanésia, 528, Butantã, São Paulo - SP, no dia 22 de maio de 2019 para realização de consultas no acervo da biblioteca desta instituição.

São Paulo, 10 de junho de 2019.

Maria Virginia Cavalieri Costa Gonçalves
Presidente